

FRUI VITA
A alquimia do Lazer

Christianne Luce Gomes

FRUI VITA
A alquimia do Lazer

Christianne Luce Gomes

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Pivoesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Christianne Luce Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
G633	Gomes, Christianne Luce FRUI VITA - A alquimia do lazer / Christianne Luce Gomes. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1698-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.982230609
	1. Lazer. I. Gomes, Christianne Luce. II. Título. CDD 790.0135
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesse em relação ao texto publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção do respectivo manuscrito, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

Você sabe o que é “frui vita”?

Este termo latino significa “desfrutar a vida”. Ele foi escolhido para intitular este livro dedicado aos Estudos do Lazer porque inspira algo grandioso e que vem sendo colocado em segundo plano nas sociedades que valorizam a ética do trabalho como bem supremo.

A alquimia do lazer é essa: ao invés de transformar metais em ouro, ela é a metáfora da superação da lógica produtivista que considera o lazer como algo supérfluo, inferior, encarregado apenas de quebrar a rotina e aliviar o estresse.

Para superar essa lógica, é preciso entender que a fruição da vida propiciada pelo lazer é essencial em cada contexto histórico-social. Afinal, o lazer é uma necessidade humana fundamental, um componente cultural e também um direito social a ser usufruído por todas as pessoas neste vasto mundo.

As páginas deste livro são, assim, um convite para que você encontre elementos para abraçar a alquimia do lazer enquanto fruição da vida social e cultural cotidiana.

A alquimia do lazer

O lazer é geralmente entendido como um fenômeno moderno, produzido no bojo das transformações instauradas pela Revolução Industrial inglesa no transcurso dos séculos XVIII-XIX. Seguindo esta premissa, muitas pessoas consideram que o “tempo” é uma categoria definidora do lazer. Daí decorre, por exemplo, a visão de lazer como um tempo livre, disponível ou conquistado sobre o trabalho, ou, ainda, como um conjunto de atividades recreativas encarregadas de preenchê-lo com intencionalidades diversas: seja para exercer a liberdade pessoal ou para promover o controle social, por exemplo.

Obviamente, o lazer pode ser compreendido como uma esfera relacionada ao trabalho, com o qual estabelece contraditórias e íntimas relações. No entanto, é problemático quando o lazer pensado e vivido é subjugado ao trabalho e reforça matrizes eurocêntricas – é como se ele não tivesse sentidos e significados próprios, tampouco outras possibilidades de interpretação e de contextualização.

Um dos propósitos deste livro é discutir, de modo geral, a lógica que sustenta as abordagens de lazer circunscritas à modernidade e ao trabalho produtivo, uma vez que elas levam em conta apenas determinados contextos e práticas sociais. Este desafio começa a ser enfrentado nos capítulos que compõem esta obra, que, no entanto, está longe de esgotar o assunto.

A alquimia do lazer é essa: ao invés de transformar metais em ouro, ela é a metáfora da transformação da lógica hegemônica que sustenta os estudos sobre o tema para que o lazer seja assimilado e desfrutado com outros sentidos. Um dos elementos que podem contribuir com esta alquimia é a concepção de lazer que guia as reflexões propostas neste livro: o lazer é uma necessidade humana e um componente da cultura que possibilita a fruição da vida social cotidiana. Por isso, a expressão latina *frui vita* foi escolhida como título deste livro. Afinal, essas duas singelas palavras inspiram algo grandioso: desfrutar a vida.

Desejo que a leitura deste livro seja proveitosa e instigue o seu pensar crítico sobre o lazer. Ele reúne as principais ideias que venho sistematizando ao longo de minha jornada como docente e pesquisadora, e muitas delas são compartilhadas em salas de aula, eventos dos quais participo e publicações sobre o lazer.

Espero que nas páginas que se seguem você encontre elementos para abraçar a alquimia do lazer enquanto fruição da vida.

Belo Horizonte/Barcelona, 23 de maio de 2023.

Christianne Luce Gomes

CAPÍTULO 1 - GENEALOGIA DO LAZER COMO OBJETO DE ESTUDO	1
1.1 Lazer: raízes etimológicas e diversidade semântica	1
1.2 O lazer nos países industrializados no início do século XX	3
1.3 Gênese do lazer como um campo de estudos no Brasil	8
1.4 Globo Repórter Atualidade – Lazer	18
CAPÍTULO 2 - "OCORRÊNCIA HISTÓRICA DO LAZER": ANTIGAS POLÊMICAS, NOVOS DEBATES	27
2.1 Duas perspectivas divergentes	27
2.2 Repensando as possibilidades de interpretação	31
CAPÍTULO 3 - CONCEITOS DE LAZER: O PONTO DE VISTA DE ESTUDIOSOS DO TEMA	37
3.1 Lazer: consensos e dissensos conceituais	37
3.2 Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura	45
3.3 Lazer e entretenimento	48
CAPÍTULO 4 - PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE O LAZER NO CENÁRIO INTERNACIONAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS	56
4.1 Estudo do lazer/recreação na América Latina: um panorama.....	56
4.2 Estudo do lazer no cenário internacional contemporâneo: apontamentos.....	64
CAPÍTULO 5 - PERSPECTIVAS PARA O LAZER CONTEMPORÂNEO	71
5.1 O lazer no momento presente.....	71
5.2 Lazer e tecnologias	75
5.3 Lazer: uma nova episteme.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
SOBRE A AUTORA	91

GENEALOGIA DO LAZER COMO OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo propõe um repensar sobre a “genealogia” do lazer. Retomar a origem etimológica dessa palavra, bem como de alguns dos significados por ela incorporada ao longo dos tempos foi o ponto de partida escolhido para esta reflexão, que é encaminhada no sentido de se compreender a configuração do lazer, no século XX, como um “problema social” que impulsionou a constituição de um campo de estudos em diferentes países.

1.1 Lazer: raízes etimológicas e diversidade semântica

Você conhece a origem da palavra lazer? Tem clareza sobre quando ela começou a ser utilizada, e quais significados esta palavra incorporou? Desde quando o lazer passou a integrar o vocabulário corrente do Brasil, e com quais significações?

A origem etimológica da palavra lazer (*loisir* em francês, *leisure* em inglês) é proveniente do latim: *licere*. Embora seja considerada uma “língua morta” por estar em desuso, o latim contribuiu com a formação de várias palavras em português, francês, espanhol e italiano, por exemplo. É por isso que essas línguas, entre outras, são denominadas de latinas.

Os dicionários podem auxiliar a busca pelas raízes etimológicas e semânticas do lazer, objeto de nossos estudos. Mesmo sendo pejorativamente considerados “senso comum”, eles reúnem os termos empregados no vocabulário de uma determinada língua e registram os significados a eles atribuídos em cada contexto histórico, pois, as significações podem ser transformadas ao longo dos tempos (Gomes, 2004).

O termo latino *licere* foi criado pelos romanos com o significado de ser lícito, ser permitido, poder, ter o direito (Torrinha, 1937). Essa significação instiga algumas ponderações, pois, para ser considerado lícito, deve-se ter como referência um fundamento normativo ou julgamento de valor. Desse modo, a etimologia da palavra lazer remete a algum tipo de controle social, seja ele formal – materializado por meio de leis e regras institucionalizadas – ou informal, correspondendo a normas de conduta social – costumes, valores, crenças – que são culturalmente legitimadas em cada contexto histórico-social.

Bluteau (1789) faz uma correspondência entre os termos lazer e *leisure* em inglês, sendo que ambos significam vagar ou conseguir comodidade. Este livro integra a Coleção de “Obras Raras” da *Biblioteca Nacional* do Rio de Janeiro, assim como o dicionário publicado por D’Almeida e Lacerda (1859), que registra dois termos: “lazêr” e “lezêr”. Ambos são derivados do francês *loisir* e preservam significados similares: enquanto o primeiro também é entendido como vagar, comodidade, espaço, o segundo termo é considerado descanso, folga, vagar. Além disso, “lazêr” e “lezêr” remetem o leitor ao verbete “lazer”. De acordo com os autores portugueses, todas essas palavras dizem respeito ao mesmo objeto (Gomes, 2004).

Como explicam D’Almeida e Lacerda (1859, p.374), vagar significava estar “livre, desocupado”. Além do termo significar o contrário de pressa, era visto como sinônimo de ócio, de tempo desocupado, de “falta de diligencia”. O significado de folgar, por sua vez, é apresentado nesta obra como alegrar, dar folga, divertir-se com folganças, alegrar-se, regozijar-se, divertimento, função de prazer e recreio. Nesse sentido, a folga propiciada pelo lazer pode estar relacionada com descanso e inatividade, e também com a entrega a determinados divertimentos. Todas essas palavras, embora apresentem sentidos imprecisos nos dicionários de época que foram consultados neste estudo, têm estreita relação com o termo lazer nos contextos em questão (Gomes, 2004).

Sobre o verbete *loisir*, a famosa *Enciclopédia* idealizada pela burguesia francesa, publicada em 1751, o define como um tempo vago deixado pelas nossas obrigações, do qual poderíamos dispor de maneira “agradável, honesta e virtuosa”, caso nossa educação “tenha sido adequada”. A obra salienta que as atividades livres (*loisirs*) eram a parte da vida que mais nos honrariam, e da qual nos recordaríamos com o maior consolo ao chegar o momento de abandonar a vida. Desta forma, a *Enciclopédia* salientava que as boas ações que constituíam o lazer “apropriado” eram determinantes para o nosso próprio benefício (Munné, 1980).

Obviamente, com o passar do tempo ocorrem transformações na significação de uma palavra, o que também pode variar de acordo com cada contexto. No caso do lazer, segundo os estudos de Machado (1969), a forma arcaica desse vocábulo era “lezer”. Para o autor, essa palavra remonta ao século XIII com o significado de preguiça, pouca vontade de trabalhar.

A associação do lazer com a preguiça e com a falta de vontade de trabalhar evidencia um aspecto muito importante: ao longo dos tempos, essa palavra foi incorporando valores e significados relacionados com o trabalho. Ou melhor, com o “não-trabalho”. Assim, na maioria das vezes, o lazer é compreendido como o oposto do trabalho. Neste momento é importante chamar a atenção para esse aspecto, mas, posteriormente, será explicado porque a oposição entre lazer e trabalho é apenas aparente.

Houaiss e Villar (2001) também constataram o registro da palavra lazer em documentos medievais da língua portuguesa datados de 1619. Os autores esclarecem que esta datação foi identificada por meio de uma consulta ao fichário completo do “Índice do Vocabulário de Português Medieval” (IVPM), que integra o acervo do Setor de Filologia da *Casa de Rui Barbosa*, no Rio de Janeiro. Segundo informações fornecidas pelos pesquisadores, este arquivo abriga mais de 170 mil fichas, contendo a transcrição de passagens documentais extraídas de mais de uma centena de textos medievais.

De acordo com os autores, o lazer representa: (a) o tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas, (b) atividade que se pratica neste tempo ou (c) cessação de uma atividade, descanso, repouso. Os sinônimos e variantes do lazer são folga e passatempo (Houaiss e

Villar, 2001).

Esses significados de lazer são mais precisos e elaborados do que aqueles que foram encontrados nos dicionários dos séculos XVIII-XIX, pois, remete ao contexto atual, no qual a palavra lazer já integra o vocabulário comum da língua portuguesa em muitas localidades. Contudo, como foi mencionado, os autores identificam o registro da palavra lazer, com esta mesma grafia, em um documento do ano de 1619 – ou seja, no início do século XVII, um período que precede a Modernidade europeia. Além disso, como “lezer” era a forma antiga do vocábulo lazer, os significados desta palavra foram constituídos bem antes, no século XIII (Machado, 1969).

Essa variedade de termos e de significados está relacionada com os entendimentos de lazer difundidos no contexto urbano-industrial dos séculos XIX-XX, notadamente na Europa. A suposta oposição entre o lazer e o trabalho está implícita em diferentes interpretações. Enquanto trabalho implica esforço, lazer é associado com “folga”, permitindo, assim, a vivência de atividades marcadas pela espontaneidade e que propiciem descanso, distração ou divertimento. Assim, descanso e divertimento *lícitos*, vivenciados fora do tempo de trabalho, integram a origem etimológica e semântica do lazer.

Tais interpretações também podem ser encontradas na segunda metade do século XIX em alguns países como os Estados Unidos, Inglaterra e França. Naquela época o lazer foi qualificado como um tempo disponível após as ocupações. Segundo o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1979), essa definição foi reproduzida, durante muitos anos, por vários autores.

Dumazedier (1979) afirma que foi apenas no transcurso da década de 1930 que a famosa obra intitulada *Dictionnaire*, de autoria de Claude Augé, registrou um novo significado para o verbete lazer. Editado pela Larousse, este dicionário foi traduzido para várias línguas e ficou internacionalmente conhecido. Nele, o lazer passa a ser concebido como distrações, ocupações às quais os indivíduos – sobretudo, os trabalhadores – poderiam se entregar de livre e espontânea vontade.

O usufruto do lazer por parte das pessoas, contudo, não deveria ocorrer em qualquer momento: somente durante o tempo não ocupado pelo “trabalho comum”. Essa compreensão foi essencial para a constituição do binômio trabalho/lazer na Modernidade, notadamente quando o chamado tempo livre passa a ser visto como um problema social. Esse assunto será discutido a seguir.

1.2 O lazer nos países industrializados no início do século XX

No final do século XIX, o binômio trabalho/lazer tornou-se mais evidente nos países industrializados, principalmente para um determinando segmento social: o proletariado. Na Europa, a pauta de reivindicações desses trabalhadores assalariados era extensa, sendo alguns de seus pontos principais a luta por melhores salários e a redução da jornada

laboral. Nas fábricas instaladas em diferentes países da Europa, sobretudo na Inglaterra, a jornada diária chegava a ultrapassar 16 horas de trabalho extenuante, como narrou Paul Lafargue em 1883.

Paul Lafargue foi um importante líder do movimento operário europeu. Descendente de uma família franco-caribenha, nasceu em Cuba mas passou a maior parte de sua vida na França, tendo a oportunidade de viver alguns períodos na Inglaterra e na Espanha. Formou-se em medicina e se casou com Laura, filha de Karl Marx. Lafargue é autor de vários textos e manifestos em prol do socialismo, entre os quais se destaca *O direito à preguiça*, escrito em 1883.

Sobre *O direito à preguiça*, Albornoz (2008, p.2-3) salienta:

Opúsculo sem pretensão propriamente científica nem rigor filosófico, contudo extraordinário pela grande expressividade retórica e admirável acerto econômico, que de certo modo é também ético, apesar de que nele possam ser detectados alguns excessos de expressão, em relevância política *O direito à preguiça* só pode ser comparado ao *Manifesto comunista*. A atualidade desse inspirado manifesto manteve-se intacta no século [XX] que passou e é a mesma em nosso tempo de tão radicais mudanças tecnológicas que afetam os modos de vida, de produção, consumo e comunicação, bem como os modos de interpretação do real e de seus sentidos. As observações de Lafargue e os apelos críticos de seu manifesto soam muito fortes e verdadeiros ainda para os nossos dias.

No final do século XIX Lafargue esteve à frente de diversas lutas sociais empreendidas pelo operariado em alguns países da Europa. Esse contexto histórico repercutiu intensamente nas primeiras décadas do século XX e impulsionou o desenvolvimento dos primeiros estudos sobre o tema, tanto nos Estados Unidos como em alguns países europeus.

Segundo Dumazedier (1979), as pesquisas pioneiras sobre o lazer seguiram um viés psicológico e sociológico, sendo encaminhadas com o intuito de conhecer e promover o controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados. Os políticos e os empresários eram, de acordo com os estudos de Sant'Anna (1994), os principais interessados no assunto.

Dumazedier (1979) e Parker (1978) esclarecem que a criação de um campo de pesquisa denominado de “sociologia do lazer” ocorreu no início do século XX nos Estados Unidos, e não na Europa. Como será tratado posteriormente, esse campo foi estruturado por sociólogos empenhados em legitimar a sociologia do lazer como parte da sociologia geral. Para isso, argumentavam que as abordagens teóricas e os métodos de investigação dos demais ramos da sociologia não eram inteiramente pertinentes ao estudo do lazer.

Cabe destacar que, segundo a pesquisadora francesa Lanfant (1972), a chamada sociologia do lazer nunca conseguiu ser legitimada como um ramo especializado da sociologia. Essa afirmação precisa ser avaliada com cautela, pois, a Associação Internacional de Sociologia (ISA) é constituída por vários comitês científicos, sendo um

deles o de Sociologia do Lazer (*Research Committe 13, Sociology of leisure*). O RC13 foi fundado em 1961 pelo próprio Dumazedier, e continua ativo.

Retomando as primeiras décadas do século XX, foi nesse contexto histórico-social que ampliou-se o debate em diferentes países sobre a criação de mecanismos de regulamentação e redução da jornada de trabalho. Esse debate deixou políticos e empresários preocupados com os “usos” que os trabalhadores poderiam fazer do seu tempo livre e, por isso, foi incentivada a realização de pesquisas sobre o tema. Era grande o receio de que a redução da jornada laboral deixasse os trabalhadores vulneráveis a inúmeras práticas consideradas nocivas à sociedade – tais como jogos de azar, alcoolismo e prostituição –, às quais eles poderiam se entregar no tempo em que não estivessem trabalhando (Gomes, 2003).

Nesse âmbito, tanto nos Estados Unidos como em outros países industrializados o lazer configura-se como um problema social e, para combatê-lo, as práticas recreativas consideradas sadias e lícitas foram vislumbradas como a melhor alternativa. A ginástica, os esportes e outras práticas consideradas saudáveis e educativas passaram a ser proporcionadas gratuitamente pelo Estado às camadas populares. O público almejado eram os operários, que deveriam preencher “adequadamente” as suas horas de lazer para preservarem a sua capacidade produtiva.

No Brasil, alguns estudos mostraram que o interesse em estudar o “problema do lazer” de forma mais estruturada também começou a ser despertado nas primeiras décadas do século XX. O professor de educação física Frederico Gaelzer – idealizador e chefe do Serviço de Recreação Pública implantado em Porto Alegre e, tempos depois, no Rio Grande do Sul – afirmava, naquela época, que as crescentes conquistas sociais do proletariado, no sentido de serem diminuídas suas horas de trabalho, nos colocavam diante de um problema que deveria ser estudado e resolvido nas grandes cidades brasileiras, garantindo, assim, os interesses do nosso país: o problema do “uso bom das horas de lazer” (Gomes, 2003, p.142).

Esta preocupação também mobilizou o Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura de São Paulo, que, em 1935 e em 1937, respectivamente, criou os “Parques infantis” e os “Clubes de Menores Operários”. Como a capital paulistana avançava do ponto de vista urbano-industrial, esses espaços foram implementados em bairros de grande concentração operária. Nos parques, os instrutores desenvolviam atividades recreativas com crianças e adolescentes da classe operária.

Os dirigentes do departamento de Cultura e Recreação enfatizaram que a saudável ocupação do tempo ocioso seria alcançada por meio de intervenções fundamentadas nos estudos publicados, sobre o tema, na década de 1930. Como justificativa, argumentaram que as forças morais e espirituais de uma nação dependiam, em parte, da maneira pela qual os cidadãos aproveitavam suas horas de descanso. Dessa forma, seria necessário despertar nas novas gerações o hábito de empregar seus momentos de lazer em atividades

saudáveis e de grande alcance moral e higiênico (Gomes, 2003).

Muitos estudiosos brasileiros envolvidos com essas e outras iniciativas absorveram, intensamente, o sentido de recreação norte-americano, que não se reduzia aos jogos e atividades recreativas organizadas para as crianças. No entanto, foi sobretudo com este significado que ela foi difundida no Brasil. Apesar de ser vista pelo Estado e por outras instituições como uma estratégia de controle social, a recreação – entendida como sinônimo de jogos, brincadeiras e atividades recreativas para crianças, jovens e também para adultos – foi utilizada com o objetivo de organizar o tempo de lazer de pessoas de diferentes faixas etárias, principalmente das massas trabalhadoras, procurando minimizar os supostos perigos causados pelo tempo ocioso.

O saudável emprego das horas de lazer foi o desafio que motivou os estudos de Arnaldo Sussekind (1946, 1948), realizados enquanto ele estava à frente do *Serviço de Recreação Operária* (SRO), criado pelo Ministério do Trabalho em 1943 como parte do projeto político do governo Getúlio Vargas. O autor esclarece que a regulamentação do direito do trabalhador ao repouso semanal remunerado enfatizou ainda mais a necessidade da organização social do tempo de lazer, evitando a ociosidade e as atividades perniciosas ao indivíduo e à sociedade. Em suas palavras:

O adequado aproveitamento dessas horas de folga, objetivando eliminar os resíduos da fadiga gerada pelo trabalho constitui, destarte, o principal fundamento da Recreação. E, para consecução dessa finalidade, utiliza-se o Serviço de Recreação Operária das atividades sociais, culturais ou desportivas aconselháveis para cada grupo profissional. (Sussekind, 1948, p.6).

Os primeiros Centros de Recreação foram instalados na década de 1940, no Rio de Janeiro, em bairros de grande densidade operária. Nestes locais os trabalhadores vinculados ao SRO, assim como seus familiares, encontravam, gratuitamente, bibliotecas, discotecas, exposições teatrais e cinematográficas, aulas de canto, jogos de salão, sessões de ginástica, campos de futebol, quadras de voleibol e basquetebol, entre outras opções. Essa diversidade era vista como essencial para garantir o alcance das finalidades sociais e educativas do SRO, tais como o aprimoramento da mente, o fortalecimento do corpo, a melhoria da saúde, o desenvolvimento do caráter e da formação moral, o aumento da produtividade e o esquecimento de problemas (Sussekind, 1946). Afinal, a recreação era vista como “o melhor meio para se conseguir o levantamento do nível educacional e social do trabalhador.” (Sussekind et al., 1952, p.17).

Ao pesquisar a criação e os primeiros anos de funcionamento do SRO, Angela Brêtas (2010, p.150) sublinha o seguinte:

O SRO pode ser considerado uma experiência complexa e contraditória, pois além de possuir intenções de controle e de manipulação, estava fortemente marcado pela ideologia do Estado Novo. Apesar disso, as atividades que oferecia e/ou aquelas que eram desenvolvidas com seu apoio, ao menos até o fim de 1945, apresentavam possibilidades de ampliação do universo cultural de seus usuários, pois permitiam o acesso a um conjunto de experiências ou

de linguagens culturais socialmente mais valorizadas que não faziam parte do cotidiano da massa trabalhadora no período. Daí que, para procurar apreender a complexidade dessa experiência, nos afastamos das explicações pautadas nas ideias, características ou modelos de repressão e de manipulação da relação que o Regime Vargas pretendia estabelecer com o povo brasileiro. Esses modelos são insuficientes, pois não permitem perceber os diferentes nexos do SRO.

De acordo com Sussekind et al. (1952), a Áustria foi o primeiro país a regulamentar, em 1919, o repouso anual remunerado de todos os trabalhadores da indústria e do comércio. Poucos países seguiram o exemplo austríaco até o final da década de 1930, sendo que a maioria regulamentou esse direito em 1948, após a 2ª guerra mundial. A universalização do direito a férias anuais remuneradas enfrentou várias dificuldades para ser regulamentada em diferentes países. Na América Latina, o Brasil foi um dos primeiros a difundir esse princípio (Gomes, 2003).

Ampliou-se, nessa época, a publicação de livros sobre a recreação, entre os quais uma obra preparada por Sussekind e Inezil Penna Marinho, com mais alguns colaboradores (Sussekind et al, 1952). Considerando a década de 1950, vários autores brasileiros citam o livro *Lazer operário* como o marco inicial das reflexões sobre o tema no Brasil (Marcellino 1983, 1987; Bramante, 1998). Ele foi escrito pelo sociólogo baiano Acácio Ferreira e, justificar a importância do lazer, o autor (Ferreira, 1959, p.69-70) afirma o seguinte:

Urge (...) proclamar esta evidência: existe o lazer no Brasil. As massas trabalhadoras gozam normalmente de oito horas de lazer por dia. Gozam de descansos semanais, e, em grande parte, de férias anuais. Há, então, um tempo livre que requer ser ocupado. (...) Reconhecida, entre nós, a sua existência, cumpre encará-lo no seu processamento e nas suas bases e condicionamento. Isso quer dizer que a problemática somente se tornará plenamente inteligível quando devidamente pesquisada a maneira do brasileiro ocupar o seu tempo livre, e estudado o lazer no seio do contexto cultural de que faz parte.

Trabalho, tempo livre, descanso e férias são alguns dos temas ressaltados no livro para justificar a presença do lazer no Brasil, bem como a sua importância, no final da década de 1950. Embora seja de grande valor para os estudos do lazer no Brasil, este livro não é o marco inicial, tampouco a primeira publicação sobre o tema em nosso país (Gomes, 2003). Como visto anteriormente, a recreação e o lazer já vinham sendo estudados por profissionais de diferentes áreas desde as primeiras décadas do século XX.

Considerando essa genealogia do lazer, cabe chamar a atenção para as significações prevaletentes na época, que marcaram fortemente esta temática em nosso contexto: o lazer entendido como tempo vago ou ocioso, e a recreação como sinônimo de atividades recreativas, saudáveis e úteis para preencher essas horas vagas. Tais significações prevaleceram ao longo dos anos e foram amplamente difundidas.

Além disso, a compreensão de recreação como sinônimo de atividades recreativas com potencial educativo preponderou, em nosso contexto, ao longo de todo o século XX. Entretanto, em muitos casos os discursos sobre a recreação eram mais elaborados do que

suas práticas, já que as implementações nem sempre conseguiam escapar do ativismo, de um fazer por fazer, carente dos fundamentos anunciados.

Os desenvolvimentos teóricos sobre a recreação ainda hoje são acompanhados de fragilidades, entre as quais as dificuldades e imprecisões teórico-conceituais. Isso pode estar relacionado às distorções quanto ao uso do conceito de recreação, vinculando-o, por exemplo, às lutas dos operários europeus do século XIX. Não podemos esquecer que o conceito de recreação foi elaborado nos Estados Unidos na transição do século XIX para o século XX e está relacionado ao uso social e moralmente positivo do chamado tempo livre. Por meio da difusão de jogos, brincadeiras, esportes e outras atividades, a recreação funcionou como um sistema de controle social em todo o continente americano. “Recreacionismo” é o termo usado para designar esse movimento institucionalizado pelo Estado e por diferentes organizações sociais (Gomes, 2003).

A recreação institucionalizada não pode, portanto, ser confundida com as lutas pela redução da jornada de trabalho historicamente reivindicada pelo proletariado europeu no século XIX. Entretanto, este foi o cerne das discussões sobre o lazer no Brasil, especialmente na década de 1970, anunciando novas possibilidades de estudo e de intervenção.¹

1.3 Gênese do lazer como um campo de estudos no Brasil

(...) é consenso entre os pesquisadores da área que os anos 1970 correspondem a um dos momentos mais importantes para a sistematização dos estudos do lazer no Brasil (Sant’Anna, 1994; Werneck, 2000; Gomes, C.L. e Melo, 2003; Peixoto, 2007; Marcassa, 2009), não somente pela quantidade de publicações lançadas sobre o tema, mas também pelas crescentes discussões sobre “o (bom) uso das horas de lazer” (Werneck, 2003, p.119), sobretudo considerando o contexto político e social no qual estava o país. (Galante, 2018, p.14).

No despontar de 1970 o lazer começou a ser visualizado como uma área emergente e com potencial de impulsionar estudos, pesquisas, eventos, projetos e ações em nosso país. Buscava-se ir além das intervenções de recreação que já eram desenvolvidas pelo Estado e por algumas instituições brasileiras, tais como a Associação Cristã de Moços (ACM), o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social da Indústria (SESI). Por isso, essa década pode ser considerada um marco para a organização do lazer como um campo de estudos que passou a aglutinar muitos dos empreendimentos pontuais que, até então, eram desenvolvidos no Brasil.

Essa valorização e reconhecimento do lazer foram decorrentes, principalmente, dos inúmeros estudos que vinham sendo realizados sobre a temática em diferentes países, tais como Inglaterra, França e Estados Unidos, abrindo novas perspectivas para qualificar a

1 Para aprofundar conhecimentos sobre as relações constituídas entre a recreação e o lazer no Brasil, leia o livro *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas* (Gomes, 2008). Se você estiver interessado em compreender algumas das características e das limitações da recreação no contexto da América Latina, outro livro pode ser sugerido: *Horizontes Latino-americanos do lazer* (Gomes, Elizalde, 2012).

atuação profissional nesse âmbito.

Ao participar como conferencista do *I Encontro Nacional sobre Lazer* (Rio de Janeiro, 1975), Dumazedier esclareceu que em sua viagem anterior ao Brasil, realizada no início de 1960, não percebeu uma preocupação com o estudo do lazer. Porém, na ocasião desse evento, se surpreendeu ao verificar o acentuado interesse pelo tema entre os estudiosos brasileiros.

O autor questiona:

[...] por que será que o problema do lazer não é nem mesmo cogitado em determinado período, em tal ou qual país? E, ainda, por que é posto de lado como uma questão secundária, uma questão que faz perder tempo, uma questão ambígua? E, por que, em outros momentos, o mesmo problema é bem aceito como tal? Foi o que se deu no Brasil antes e depois de 1970, e o que eu havia observado anteriormente nos Estados Unidos. [...] E como explicar que foi somente a partir dos anos 1970, depois de um primeiro encontro realizado em São Paulo, se bem compreendi, e com uma participação que surpreendeu aos próprios organizadores, que o problema veio à tona no Brasil? (Dumazedier, 1975, p.44).

O evento citado por Dumazedier ocorreu em 1969 e foi promovido pela Secretaria do Bem-estar Social da Prefeitura de São Paulo em parceria com o Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc/SP). O título do evento foi *Seminário sobre o Lazer: Perspectiva para uma cidade que trabalha*, conforme registrado por Renato Requixa (1977) em seu livro *O lazer no Brasil*.

Sobre essa obra, Marcia Bickel (2013, p.95) explica:

A publicação de *O lazer no Brasil* pode ser considerada, em relação ao contexto em que se deu a sua produção, como um retrato, em preto e branco, das principais formas urbanas e contemporâneas de ocupação do tempo livre. Portanto, é possível pensar que o interesse de Requixa pelo tema “lazer”, no contexto dos anos 60 e mais amplamente em 70, lhe confere a imagem de desbravador, no campo das Ciências Sociais, devido, principalmente às tentativas de pensar como o lazer poderia estar comprometido com o desenvolvimento sociocultural das populações.

Em novembro de 1974 a cidade de Curitiba já havia sediado o *I Seminário Nacional do Lazer*, evento que contou com a participação de técnicos, urbanistas e estudantes de diferentes Estados brasileiros. Esse seminário foi organizado pela prefeitura de Curitiba, pelo seu Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano, pela sua Fundação Cultural e pelo Sesc/PR. Os registros deste evento mostram que o trabalho, a educação, assim como a necessidade de ampliar os espaços de lazer no contexto urbano foram assuntos recorrentes nas discussões, evidenciando a partir de quais perspectivas o assunto estava sendo tratado no transcurso da década de 1970 em nosso país.

Os participantes desse seminário elaboraram um documento com várias recomendações para o lazer, muitas delas ainda pertinentes aos dias atuais. Esse documento, bem como os textos que subsidiaram as palestras do evento, foram publicados

na 20ª edição do *Boletim de Intercâmbio* (1974), um periódico editado pelo Departamento Nacional do Sesc, de distribuição gratuita, que teve ampla aceitação no Brasil. Ministraram palestra nesse evento nacional o arquiteto e paisagista Burle Marx, assim como o então diretor do Departamento Regional do Sesc/SP, Renato Requixa, além de Ethel Bauzer Medeiros, Zilah Totta e outros profissionais considerados autoridades nos estudos do lazer.

Alguns desses palestrantes participaram, alguns meses antes, do programa *Globo Repórter* exibido pela TV em agosto de 1974, contribuindo para que os conhecimentos em voga sobre o lazer ganhassem maior visibilidade. Além de consultar os especialistas no assunto, o programa entrevistou pessoas na rua e algumas delas deixaram transparecer seu estranhamento quando eram indagadas sobre o que entendiam por “lazer”. Apesar das estratégias de edição para chamar a atenção dos telespectadores sobre o tema tratado, isso confirma que, de fato, essa palavra poderia não ser amplamente utilizada no vocabulário corrente da época, até mesmo nas grandes cidades que aparecem no *Globo Repórter*: Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Dessa maneira, o lazer foi apresentado pelo programa televisivo como um tema novo e atual, que começava a ser estudado e a ter uma maior repercussão no Brasil e, principalmente, em países considerados mais desenvolvidos.



Figuras 1 e 2: Ethel Bauzer Medeiros (à esquerda) e Zilah Totta (à direita) discorrem sobre o lazer no Programa *Globo Repórter*

Fonte: *Globo Repórter Atualidade – Lazer*, exibido em 05/08/1974.

O conteúdo do programa acentua o contraste entre campo e cidade para destacar o valor do lazer nas sociedades modernas. Enquanto o campo é mostrado como algo bucólico, tranquilo e ideal, o contexto urbano é evidenciado como problemático, com sua rotina acelerada, barulhenta e hostil ao ser humano. Os depoimentos dos especialistas ressaltam que no século XX as pessoas passaram a dispor de mais tempo disponível, mas acabavam ficando ociosas quando não tinham o que o fazer. Assim, as áreas livres e as

atividades recreativas eram consideradas imprescindíveis para “utilizar bem o lazer”, que no programa é conceituado como um tempo que sobra após cumpridas as obrigações.

Desse ponto de vista, o lazer foi salientado como uma “válvula de escape” essencial para aliviar as pressões cotidianas. Esta forma de entender o lazer como evasão da realidade vem sendo criticada por diferentes autores desde o final da década de 1980, porque reproduz o *status quo* e por ser destituída de uma visão crítica.

Reconhecendo a importância deste registro audiovisual para compreendermos de que maneira o lazer estava sendo entendido no Brasil da década de 1970, a transcrição completa do programa foi inserida no final deste capítulo.

Vale ressaltar que alguns dos convidados que participaram do programa Globo Repórter eram vinculados ao Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O Celar-PUC/RS foi criado, em 1973, sob a coordenação de Zilah Totta em decorrência de uma parceria firmada entre essa instituição e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura de Porto Alegre (Smec). Essa parceria visava formar profissionais qualificados para atuar nos “Centros de Comunidade”. Esses espaços foram implementados, pela municipalidade, em diferentes bairros com o objetivo de desenvolver atividades de lazer para a população. Além de destacar os Centros de Comunidade e as Tendas de Cultura que estavam em funcionamento em Porto Alegre, o programa Globo Repórter salientou o Centro Campestre José Papa Júnior em construção pelo Sesc-SP, assim como a enorme área de lazer disponibilizada no aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, entre outros espaços.

Quanto ao Celar-PUC/RS, este centro de estudos funcionou até 1978 e uma das suas atividades mais relevantes foi o curso de Pós-graduação em Lazer, realizado com o objetivo de qualificar profissionais de diferentes áreas para atuar neste campo. Foram convidados para contribuir com as atividades desenvolvidas por esse centro de estudos Ethel Bauzer Medeiros e Joffre Dumazedier, entre muitos outros brasileiros e estrangeiros com notoriedade na temática do lazer. A pedagoga Andréa Bonow, servidora da Smec e vice-diretora do Celar-PUC/RS, concedeu uma entrevista publicada na Revista Licere, onde discorre sobre a trajetória e as principais realizações desse centro de estudos (Werneck, 2002).

Foi nesse mesmo período que o Departamento Regional de São Paulo, na época dirigido por Requixa, realizou ações inovadoras no campo do lazer por meio do Centro de Estudos do Lazer (Celazer), criado oficialmente em 1978. Além de promover palestras e atividades formativas para os seus profissionais, esta organização privada com finalidade social constituiu uma biblioteca científica e investiu na publicação de diversos títulos da série Lazer. Editou também uma revista especializada no tema, *Cadernos de Lazer*, veículo que difundiu conhecimentos sobre o assunto e contou com a colaboração de autores brasileiros e estrangeiros.

A pesquisa de Sant’Anna (1994, p.56-57) evidenciou o protagonismo que o Sesc/

SP vinha alcançando ao final da década de 1970 no tocante ao lazer, tornando-se uma referência importante para esse campo no país.

É preciso ressaltar, além disso, uma certa especificidade do Sesc, cuja atuação no campo do lazer foi mais ampla e aprofundada que a de outras instituições, servindo-lhes, em grande medida, de modelo. Muitos seminários e encontros, nacionais e estrangeiros, contaram com a participação dos técnicos dessa entidade que, desde meados de 1978, passou a ter um Centro de Estudos do Lazer – Celazer – voltado à sistematização dos conhecimentos acumulados sobre o tema e, um ano e meio mais tarde, criou uma biblioteca científica para organizar, planejar e pesquisar o lazer, bem como realizar propostas e sugestões de novos programas.

Bickel (2013) pesquisou o papel desempenhado pelo Sesc na década de 1970 para a conformação do campo de estudos do lazer no Brasil. A expressão “estudos do lazer”, segundo a autora, é utilizada “para designar a produção de conhecimentos científicos que têm o lazer como objeto de estudo” (p.10). Sua pesquisa detalha a criação do Celazer por parte de alguns profissionais do Departamento Regional do Sesc/SP, que constituiu “um espaço de discussões, debates e capacitações com foco no lazer, algumas delas tendo à frente a figura do sociólogo francês Joffre Dumazedier” (p.15). A partir desta iniciativa e a convite do Departamento Regional do Sesc/SP, Dumazedier tornou-se consultor dessa instituição para os assuntos relativos ao lazer.



Figura 4. Em destaque, Joffre Dumazedier

Fonte: <http://www.ajpn.org/personne-Joffre-Dumazedier-8800.html>

O Celazer editou e difundiu várias publicações sobre o lazer, sendo este tema abordado em diferentes perspectivas. A “Série Lazer”, da Coleção Biblioteca Científica, foi

uma referência para que os estudiosos interessados refletissem em que medida o lazer passou a ser identificado como produto do desenvolvimento urbano, configurando-se como um problema social. Os textos que integram os três primeiros volumes dessa Série (*A teoria sociológica da decisão, Sugestões de diretrizes para uma Política Nacional de Lazer e Valores e conteúdos culturais do lazer*) discutem implicações teóricas e práticas da atuação social com o lazer no meio urbano. Eles foram resultantes de um treinamento proposto por Renato Requixa e Luiz Octávio de Lima Camargo, que foi ministrado por Joffre Dumazedier aos profissionais da própria instituição (Bickel, 2013).

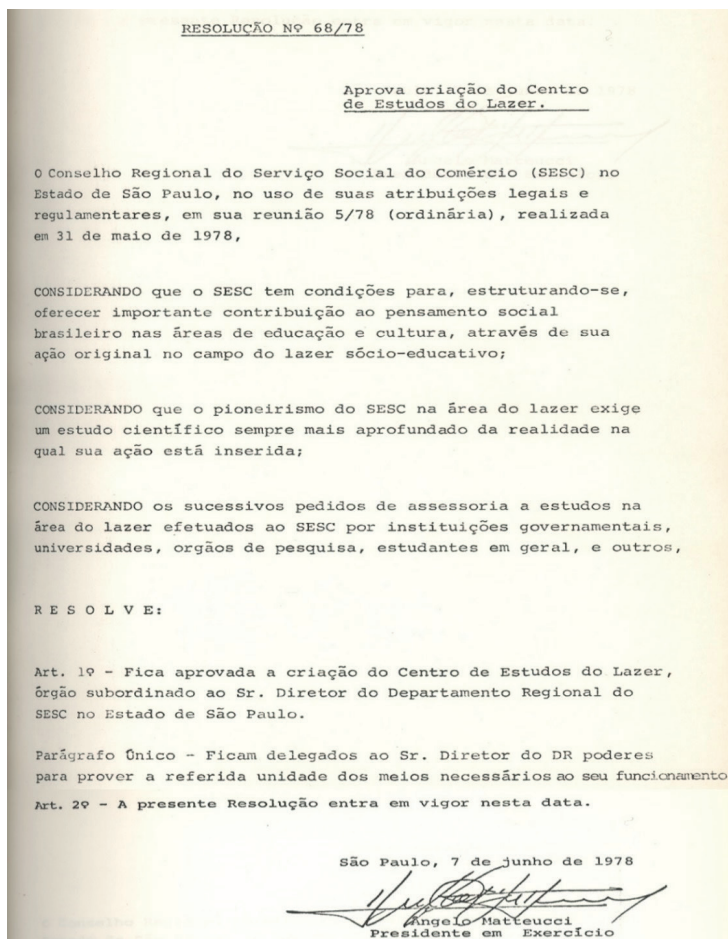


Figura 3 - Resolução 68/78 do Departamento Regional do Sesc/SP, que aprova a criação do Celazer

Fonte: Acervo Sesc Memórias (Galante, 2018, p.121).

Galante (2018) buscou compreender o papel do Celazer e suas contribuições para os estudos do lazer no Brasil a partir da narrativa dos sujeitos que, direta ou indiretamente,

fizeram parte desse centro.² O Celazer contava com a estrutura de um grupo de estudos temático e seus integrantes buscavam aprofundar conhecimentos sobre o lazer, produzidos tanto por autores brasileiros como estrangeiros. A autora investigou o contexto no qual esse centro de estudos foi criado e o seu percurso, até que as atividades do Celazer fossem formalmente encerradas, em 1983.

Foi constatado que o investimento do Celazer na formação de seus técnicos e de pesquisadores, dentro e fora do Sesc, ampliou os estudos no âmbito da Sociologia do Lazer, sob uma nítida influência de Dumazedier. Alguns desses profissionais difundiram no meio acadêmico essa produção teórica e também as suas experiências adquiridas no campo de atuação profissional, permitindo uma ampla propagação do conhecimento produzido sobre o lazer nas décadas de 1970-1980 (Galante, 2018).

Para Bickel (2013), o investimento institucional do Sesc nos estudos do lazer foi fundamental para estimular esse campo de pesquisas e intervenções profissionais em nosso país. A autora verificou que, na temporalidade abrangida pela pesquisa, predominaram discursos de certa forma padronizados, que concebiam o lazer “como um produto do desenvolvimento urbano-industrial, e um problema para os centros urbanos, que precisavam estar prontos para enfrentá-lo a partir do planejamento dos espaços urbanos” (Bickel, 2013, p.165). Esse planejamento incluía a instalação de equipamentos esportivos e culturais de lazer, bem como a busca de soluções humanizadoras que pudessem facilitar a integração dos cidadãos.

Como se percebe, as realizações do Sesc-SP na área do lazer, e do Celazer em particular, foram essenciais para potencializar os estudos e para difundir o pensamento de Dumazedier em nosso contexto, influenciando a produção de conhecimento sobre a temática no país. Os livros de Dumazedier que mais tiveram repercussão no Brasil foram *Lazer e cultura popular* (1976) e *Sociologia empírica do lazer* (1979), ambos traduzidos e publicados pela Editora Perspectiva com o apoio do Sesc-SP.

Os cursos ministrados, as palestras e as publicações do sociólogo francês estimularam a troca de ideias e o desenvolvimento de pesquisas sobre o lazer até os dias atuais. Isso, muitas vezes, ocorre de forma descontextualizada e sem leitura crítica acerca do pensamento de Dumazedier, evidenciando um desafio ainda pendente para os estudiosos da temática que reproduzem o arcabouço teórico-conceitual deste autor sem promover reflexões sobre ele.

Desde o final da década de 1980 e particularmente nos anos de 1990, foram expressivas as produções de alguns estudiosos do lazer que também atuaram no Sesc, como, por exemplo, Luiz Octávio de Lima Camargo e Nelson Carvalho Marcellino. Camargo (1986; 1998) publicou *O que é lazer?* no ano de 1986, obra que auxiliou a compreensão mais ampla acerca deste objeto. O autor continua na ativa, produzindo conhecimentos que

² Os profissionais entrevistados por Galante (2018) foram: Antonio Carlos Moraes Prado, Dante Silvestre Neto, Erivelto Busto Garcia, Luiz Octávio de Lima Camargo, Luiz Wilson Pina, Mário Daminelli, Newton Cunha e Sérgio Battistelli.

articulam, principalmente, o turismo, a hospitalidade e o lazer.

Aproximadamente a partir de 1988, as publicações, palestras e consultorias realizadas por Marcellino (1987) alcançaram grande repercussão em nosso país. O autor integrou o corpo docente do Departamento de Estudos do Lazer (DEL) da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas de 1988 até 2001, quando se aposentou desta instituição. Seus primeiros livros sobre o tema foram *Lazer e humanização* (1983), *Lazer e educação* (1987) e *Pedagogia da animação* (1990), seguidos de vários outros organizados pelo autor, que contam com textos produzidos pelos seus convidados. Conforme consta no currículo disponível na plataforma Lattes do CNPq, após a sua aposentadoria na Unicamp, Marcellino trabalhou por mais de 10 anos na Universidade Metodista de Piracicaba, dando continuidade às atividades do Grupo de Pesquisas em Lazer (GPL) por ele coordenado.

Outros professores também dedicados ao lazer integraram o quadro docente do DEL, tais como Antonio Carlos Bramante (que prossegue com suas atividades profissionais, integrando em 2023 o corpo diretivo da Organização Mundial do Lazer), Heloísa Turini Bruhns, Heloísa Baldy dos Reis e Lino Castellani Filho, entre outros. Além de lecionar no bacharelado em Recreação e Lazer, esses docentes orientaram especialistas, mestres e doutores que já trabalharam ou trabalham com o lazer em várias universidades do país, como Edmur Stoppa, Fernando Mascarenhas, Giuliano Pimentel, Hélder Isayama, Leila Mirtes Pinto, Luiz Wilson Pina, Maria Cristina Rosa, Olívia Ribeiro, Ricardo Uvinha, Sandoval Villaverde, Silvia Amaral, Silvio Ricardo da Silva e Simone Rechia, entre muitos outros.

Desde então, cada vez mais instituições públicas e privadas vêm se debruçando sobre a temática do lazer. No campo da formação, entre os empreendimentos vigentes, podem ser citados os cursos técnicos de nível médio desenvolvidos em diferentes Estados brasileiros, tais como Amapá, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Podem ser mencionados, ainda, três bacharelados em atividade: Turismo e Lazer da Universidade Regional de Blumenau (FURB, desde 1998), Lazer e Turismo da Universidade de São Paulo (USP, desde 2005), bacharelado em Educação Física – Promoção em Saúde e Lazer da Universidade Federal do Amazonas (UFA, desde 2005). Quanto aos cursos tecnológicos de nível superior, cito o de Tecnologia em Gestão Desportiva e do Lazer do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN, criado em 2002) e comento que em maio de 2023 foi divulgada, pelas Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatecs), a criação do curso superior tecnológico em Gestão Desportiva e de Lazer, com 40 vagas disponíveis aos candidatos interessados. Quanto à pós-graduação, são ofertados diferentes cursos de Especialização em Lazer no nível *lato sensu* em diferentes instituições de ensino no Brasil.

No campo da formação destaco, ainda, o Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) da UFMG, que foi criado em 1990 por iniciativa de Leila Mirtes Pinto e foi coordenado por essa professora até 1995. Nesse período, destaca-se em 1993 a criação do Curso de Especialização em Lazer na UFMG em parceria com o Departamento Nacional do Serviço Social da Indústria-Sesi por iniciativa da professora Leila. Essa autora possui várias publicações sobre o lazer e, desde sua aposentadoria na UFMG, em 1995, continua atuante no campo do lazer: participando de eventos, publicando, ministrando cursos e realizando consultorias, especialmente no âmbito da educação e das políticas públicas de esporte e lazer no Brasil.

Após a conclusão do mestrado eu optei por me desligar das instituições em que trabalhava para atuar apenas no campo acadêmico. Assim, assumi a coordenação pedagógica do CELAR em 1996, quando ingressei como professora efetiva na UFMG, após um período atuando como professora substituta na mesma instituição. Entre as ações realizadas neste centro de estudos, cabe salientar a oferta regular do Curso de Especialização em Lazer por mais de uma década. O professor Hélder Isayama ingressou como docente na UFMG em 1997 e, como fruto de uma profícua parceria, concebemos e lançamos a Revista Licere (1998) e criamos o Seminário “O lazer em debate” no ano 2000, que em 2014 foi transformado no Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL), entre vários outros empreendimentos no campo do lazer aos quais nos dedicamos ao longo de mais de 25 anos.

Entre essas ações, destaca-se o Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), cuja criação foi aprovada pela UFMG e pela CAPES em 2006. O lazer sempre foi estudado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento na pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) mas, em nosso país, ainda não havia uma formação neste nível dedicada especificamente e essa temática. Com a consolidação do Mestrado em Lazer, foi criado em 2012 o Doutorado em Estudos do Lazer, iniciativa pioneira na América Latina. Até o mês de março de 2023 foram formados e titulados 186 mestres e 92 doutores em Estudos do Lazer, como fruto do trabalho coletivo realizado por várias professoras e professores. O corpo docente do PPGIEL, no início de 2023, foi constituído pelos seguintes docentes da UFMG: Ana Cláudia P. Couto, Ana Paula G. S. de Oliveira, César T. Castilho, Christianne L. Gomes, Cleber A. G. Dias, Cristiane M. D. de Brito, Diomira M. C. P. Faria, Elcio L. Cornelsen, Elisângela Chaves, Hélder F. Isayama, José Alfredo O. Debortoli, Luciana A. Costa, Luciano P. da Silva, Maria Cristina Rosa e Sílvio Ricardo da Silva. São também professores do programa Flávia C. Santos (UFJF), Rafael F. Soares (UniRio), Simone Rechia (UFPR) e Victor Melo (UFRJ).

No tocante ao campo de estudos do lazer no Brasil vale ressaltar, ainda, o expressivo número de grupos de pesquisa interessados nesta temática, vinculados a instituições formativas e de pesquisa brasileiras que estão cadastrados na base corrente do CNPq. Em consulta realizada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq no dia 13

de março de 2023, utilizando “lazer” como termo de busca, foram identificados 249 grupos que contam com essa palavra no título, na denominação da linha de pesquisa ou nas suas palavras chave. Desse total, 209 grupos estão atualizados e são certificados por essa agência de fomento, evidenciando ser grande o interesse desses pesquisadores pelo lazer. Essas informações podem ser consultadas no website disponível no link <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>, onde é possível verificar qual a principal área do conhecimento dos grupos cadastrados no CNPq, que estão investigando o lazer.

Por fim, entre as várias iniciativas no campo do lazer no Brasil que poderiam ser aqui citadas, destaco a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer – ANPEL. Trata-se de uma sociedade científica criada em 2013 que propõe congregar pesquisadores de diferentes áreas que se dedicam à investigação sobre o lazer e temas afins sob distintos pontos de vista teóricos e (inter)disciplinares. Os objetivos da ANPEL são os seguintes: a) Estimular a participação da comunidade acadêmica interessada no lazer, nas políticas brasileiras para esta área de atuação, considerando o aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento teórico, cultural, científico e tecnológico no campo de estudos do lazer e temas afins. b) Representar os associados junto a órgãos públicos e privados, em particular junto a agências nacionais e estaduais de coordenação e fomento à pós-graduação e à pesquisa. c) Organizar eventos (encontros, seminários, congressos, cursos e reuniões) visando promover o intercâmbio e a cooperação entre associados, para o desenvolvimento da área do lazer, contemplando problemas comuns e ampliando o conhecimento mútuo sobre pesquisas em andamento. d) Incentivar o desenvolvimento de estudos e pesquisas, identificando temas prioritários, problemas e necessidade de avanço do conhecimento nesta área de atuação. e) Divulgar estudos e trabalhos sobre o lazer, assim como a publicação e difusão dos seus resultados. Essas e outras informações estão disponíveis na página web da associação, que foi acessada por meio deste link: www.anel.org.br.

Entre as ações da ANPEL destaca-se a organização, a cada dois anos, do Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL). Como já mencionado, este evento é decorrente da transformação do Seminário “O Lazer em debate” no congresso oficial da associação. Vale mencionar, ainda, a Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/about>), periódico oficial da ANPEL que teve sua primeira edição publicada em 2014, somando-se assim à Revista Licere, que, como visto, foi lançada em 1998 (<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/about>).

Assim, observa-se que no Brasil a temática do lazer segue despertando o interesse de pesquisadores, docentes, profissionais, gestores públicos e até mesmo de pessoas leigas. Isso pode ser explicado pelo fato do lazer constituir um campo de estudos e de intervenções profissionais, e uma experiência da nossa vida cotidiana cuja “ocorrência histórica” vem sendo debatida por diferentes autores.

Este tema será tratado no próximo capítulo. Contudo, antes de adentrar nesta

discussão, o conteúdo do programa televisivo Globo Repórter é apresentado na sequência, possibilitando conhecer mais a fundo de que maneira o lazer era compreendido nos anos de 1970, enriquecendo assim as ideias expostas ao longo deste primeiro capítulo.

1.4 Globo Repórter Atualidade – Lazer

Data de exibição: 05/08/1974

Duração: 22 minutos

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=RZboZN4K0mE>

Transcrição do áudio e detalhamento das imagens: Danilo da Silva Ramos, Douglas Carvalho Rocha, Eduardo Klein Carmona e Rogério Santos Porto.

Identificação dos especialistas entrevistados: Andréa M. Bonow, Dionino Cortelazi Colaneri, Luiz Wilson Pina, Márcia Bickel e Regiane Galante.

Contextualização e revisão: Christianne Luce Gomes.

O título e a ficha técnica do “Globo Repórter Atualidade – Lazer” são mostrados na abertura do programa, que foi transmitido em preto e branco pela Rede Globo de Televisão no dia 05 de agosto de 1974. O texto é de autoria de Luiz Lobo, direção geral de Paulo Gil Soares e narração de Cid Moreira.

Na abertura do programa são exibidos grandes edifícios, muita movimentação de transeuntes e ruídos das ruas de uma grande cidade. Em seguida, ao som da música “Casa no campo” interpretada por Elis Regina, são mostradas copas de árvores iluminadas pelo sol, uma casa situada na natureza, um rio com uma grande queda d’água, uma mulher contemplando a paisagem, flores e montanhas. As mesas e cadeiras dispostas no jardim daquela casa construída no campo são mostrados, assim como um espaço gramado cuja demarcação e a presença de uma rede dividindo-o, evidencia ser uma quadra para jogar voleibol. Essa parte inicial termina com um casal contemplando o sol poente no mar.

A música é interrompida quando o vídeo retoma os transeuntes nas ruas, selecionados aparentemente de forma aleatória para serem entrevistados. O repórter não aparece, mas é possível ouvir a sua voz e ver sua mão segurando um microfone.

Entrevistador: Você sabe o que é lazer?

Entrevistado 1 (homem jovem): Como?

Entrevistador: Você sabe o que é lazer?

Entrevistado 1 (homem jovem): [Fica em silêncio e balança a cabeça para os lados, indicando que não sabe responder a pergunta].

Entrevistado 2 (homem jovem): Lazer é um prazer. Lazer, né?

Entrevistado 3 (homem de “meia idade”): Lazer?... Não, não, não conheço. Não sei.

Entrevistador: Como você preenche o seu tempo de lazer?

Entrevistada 4 (mulher jovem): Ah...? De quê?

Entrevistador: A palavra lazer, o que significa para você?

Entrevistado 5 (homem jovem): Lazer? lazer é minha casa, minha residência, meu lar.

Entrevistado 6 (homem jovem): Lazer do quê? Qual o objetivo do lazer?

Entrevistador: Você está sabendo o que é lazer?

Entrevistado 6 (homem jovem): Sim, sim. Não é lazer, é “lazer”... [o entrevistado pronuncia a palavra de uma forma diferente em tom de brincadeira, evidenciando desconhecer o significado da palavra].

Entrevistador: Você sabe o que é lazer?

Entrevistado 7 (homem jovem): Eu acho que é um tipo de comida.

Os nomes das pessoas entrevistadas não são explicitados ao longo do programa televisivo. No entanto, é possível identificar as “autoridades no assunto”, filmadas em primeiro plano, que foram convidadas para participar do programa – certamente, para qualificar o entendimento das pessoas acerca do lazer.

Após as entrevistas nas ruas, a primeira especialista que contribui com o programa é a professora Zilah Totta, coordenadora do Centro de Estudos de Lazer e Recreação-CELAR da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Zilah Totta: “O lazer, hoje, pode se dizer que ele é um problema de natureza social, criado pelas próprias condições e circunstâncias do mundo que nós vivemos, ele não é um simples passatempo, não é uma simples recreação, nem um divertimento apenas. É muito mais do que isso.”

Na sequência, aparece outra especialista: Ethel Bauzer Medeiros. A lousa e o apagador ao fundo revelam que ela está em uma sala de aula.

Ethel Bauzer Medeiros: “O lazer é o tempo que nos sobra depois que nós trabalhamos e cumprimos nossas obrigações, é o tempo em que nós podemos fazer o que queremos. Temos liberdade de fazê-lo, pois, já cumprimos nossas obrigações. Ele é diferente do tempo de ócio, em que nós não temos esta liberdade, pois não fazemos nada. Então, nós somos apenas pessoas que estão inativas.”

Enquanto Ethel narra seu ponto de vista, são mostradas pessoas desfrutando o lazer, seja passeando em um parque, lendo o jornal ou apenas conversando.

Especialista 1 [não identificado]: “Esta concepção de lazer e as demais que têm sido oferecidas, todas elas insistem em um ponto comum: é que o lazer representa para o ser humano algo muito mais importante do que possa parecer à primeira vista, não apenas pelo lazer e/ou pelo ajustamento do indivíduo em si próprio, mas ao próprio ajustamento ao trabalho. Alguns especialistas discutindo problemas [futuros] de lazer nos anos noventa e oitenta chegam a dizer que no mundo do fim deste século teremos a população dividida em dois imensos grupos: o grupo daqueles que trabalham muito pouco, e o grupo dos que realmente não vão trabalhar.”

Enquanto ele fala são mostradas imagens de transeuntes nas ruas, a fachada do

Teatro Municipal de São Paulo, pessoas tomando banho de sol às margens de um lago e outras se divertindo nos pedalinhos, sugerindo que elas estão vivenciando o lazer ao ar livre, em um parque.

Zilah Totta: “O homem dos nossos dias está sofrendo um grande processo da industrialização e como consequência disso, um processo de automação e ele está despreparado para viver aquele tempo livre que qualquer que seja sua classe social, ele está hoje tendo oportunidade para viver, pois, dado justamente este problema da maquinização e da técnica, há muito maior tempo disponível e o homem diante disso se vê despreparado para enfrentá-lo.”

Ethel Bauzer Medeiros: “O adulto precisa de recreação, porque ele trabalha o dia inteiro e trabalha numa correria tão grande, nós vivemos correndo tanto que infelizmente os adultos estão transformando a arte de viver em negócio de viver. Então o indivíduo corre desde a manhã até a noite e quando chega em casa e tem um fim de semana que a máquina conquistou para ele, ele não tem mais disponibilidade nem nervosa nem emocional. Ele tem o fim de semana mas ele dorme no fim de semana, porque ele não tem outra coisa que possa fazer, ele não tem energia, o trabalho esgotou, não fisicamente porque a máquina faz, mas ele não tem energia nervosa.”

Enquanto ela explica, a movimentação de transeuntes nas vias públicas é mostrada, assim como o contexto da vida nos centros urbanos. Mais algumas pessoas são entrevistadas na rua:

Entrevistador: O que você fez no último feriado?

Entrevistada 8 (mulher jovem): No último feriado? Nada.

Entrevistador: Se você entrasse de férias amanhã, o quê que você faria?

Entrevistado 9 (homem adulto): Iria à praia... campo... a natureza, né... a gente vive num mundo desse, numa poluição de concreto armado dessa.

Entrevistador: Como você preenche seu tempo de lazer?

Entrevistado 10 (jovem rapaz): De segunda a sexta eu estudo das sete e meia ao meio dia e trabalho das três às seis, aos sábados eu sou escoteiro e domingo durmo e vejo televisão.

Entrevistador: O que você fez no último feriado? Tem lembrança?

Entrevistada 11 (mulher jovem): fiquei em casa, com minha mãe, minha família... eu tive um feriado muito bacana em casa com a minha família.

Ethel Bauzer Medeiros: “O lazer é um tempo vago, como ele pode ser usado? Uma opção que nós vimos é matá-lo, outra opção muito mais produtiva é o indivíduo fazer recreação, recreação o nome diz consiste em o indivíduo fazer uma atividade criadora que seja de escolha livre da pessoa, que dê alegria a pessoa e que seja aprovada pela sociedade. Então a atividade recreadora pode variar muito de indivíduo a indivíduo, domingo é dia de pescaria para quem não é pescador, mas pescador provavelmente é dia de trabalhos manuais ou de outra coisa. O principal na recreação é a atitude de quem se

recreia, o indivíduo deve fazer a atividade porque ama a atividade ou porque ela lhe dá prazer.”

Enquanto Ethel discorre, em alguns momentos são mostradas pessoas pescando, fotografando, nadando, jogando golfe e jogando futebol em uma quadra de areia em um parque urbano – possivelmente, o parque construído no aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Seguindo a mesma dinâmica, as entrevistas nas ruas prosseguem:

Entrevistado 12 (homem de cabelos grisalhos): Eu sou corretor de seguros.

Entrevistador: fim de semana o senhor procura?...

Entrevistado 12 (homem de cabelos grisalhos): Ah... me distrair sempre aqui na praça.

Entrevistador: Jogando uma daminha?

Entrevistado 12 (homem de cabelos grisalhos): jogando uma daminha, vendo o pessoal jogar buraco também, a gente não tem nada o que fazer nas horas vagas, aí a gente vai distrair a vista, né. [imagens de uma praça arborizada com várias mesas e bancos, na qual homens adultos se divertem e se distraem com jogos de tabuleiro – jogando ou apenas assistindo].

Entrevistador: Qual a sua profissão?

Entrevistado 13 (homem maduro): Bom, eu continuo no exército porque quando a gente tá reformado continua... Mas eu deixei o exército, tô reformado há dois anos, quase três e estou... sou atualmente chefe de um escritório de um grande companhia de navegação da Amazônia e tenho meu escritório no edifício na avenida central. Mas os domingos eu continuo aquela “cachaça” de ir, gostar de ir pra natureza e passar uns momentos de lazer, que não são fáceis da gente descrever a satisfação que têm de captar, por exemplo, uma paisagem como essa maravilhosa da Guanabara, o Corcovado né, com esses... com esses coloridos belíssimos e sobretudo seguinte, vendo o tempo passar dentro de... de um lazer que o espírito realmente descansa, mas descansa muito mesmo. Enquanto ele fala, o vídeo mostra pessoas pintando quadros da baía da Guanabara, no Rio de Janeiro.

Entrevistador: Qual a sua profissão?

Entrevistado 14 (homem jovem): Auxiliar de... auxiliar balconista discotecário.

Entrevistador: o que você faz durante o fim de semana e feriado?

Entrevistado 14 (homem jovem): Ah, ouço disco normalmente, como se fosse na loja.

Especialista 2 [não identificado]: “Esse caso do rapaz que trabalha numa loja de discos e cuja forma de lazer é justamente escutar música, é... representa um dos poucos casos em de que, em que ambos os fatores se complementam. Eu diria mesmo que esse rapaz é um dos poucos felizardos que têm a chance de complementar ou de estender um elemento no outro, quer dizer o lazer e o trabalho pra ele se situam mais ou menos no mesmo plano.”

Ethel Bauzer Medeiros: “Quanta gente não encontrou seu ganha pão à custa do lazer, as pessoas que estão empregadas nas fábricas de brinquedo, nas fábricas de discos, na televisão, no rádio, nas gráficas que produzem livros e revistas, tudo isto gera empregos, os hotéis, os motéis, as companhias de turismo. Quanta gente passa a viver do uso do lazer, então o lazer também pode ser considerado como um fator econômico, ele produz empregos, ele produz renda e ele leva as pessoas à maior satisfação.”

As imagens mostradas ao longo do relato de Ethel são de pessoas passeando no Pão de açúcar, no Rio de Janeiro, com destaque para o bondinho que transporta as pessoas.

Voz off do narrador Cid Moreira: “Na Antiguidade o lazer era uma atividade reservada aos nobres, no século passado era uma distinção de classe. Na sociedade atual é que transformou-se em fenômeno de massa. Encarado antes como possibilidade, o lazer passou a ser reivindicação e agora é uma necessidade do homem.”

As imagens destacam diferentes atividades de lazer realizadas em um parque de diversões: pessoas passeando em um trenzinho, crianças balançando em gangorras, pessoas lendo, outras deitadas em meio à natureza tomando um banho de sol, outras brincando com cachorros de estimação.

Zilah Totta: “Foi-se o tempo em que se dizia que o lazer era problema de rico. Não, hoje é problema de todos. Para a classe socialmente menos privilegiada ele se impõe também como uma necessidade, ele é uma maneira de fazer com que o homem se redescubra, divertindo-se, instruindo-se e também saboreando aquele seu tempo. Dizem, mas em que condições? Como é que o homem pobre vai poder viver seu lazer? Aqui entra, me parece, uma grande exigência que se coloca hoje também, para aqueles que são responsáveis pelo povo, para os governos tanto municipal, como estadual, e nós poderíamos trazer aqui como exemplo, para não ficarmos em teoria, uma realidade prática que estamos vivenciando hoje nas zonas periféricas da nossa capital [Porto Alegre], qual seja a existência dos Centros de comunidade.”

Durante a explicação de Zilah Totta são exibidas Imagens de uma praça ou parque com árvores, crianças e adultos no trenzinho, andando de bicicleta, brincando de bola, descansando à sombra de uma árvore, bebês e crianças pequenas brincando naqueles espaços públicos com suas mães.

Frederico Lamachia Filho [Secretário Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura de Porto Alegre]: “Esses Centros de comunidade que reúnem desde a parte esportiva, com piscinas para adultos e infantil, todos outros equipamentos para esportes, parte de cultura, e inclusive a parte de formação profissional, se procura com isso, trazer ao homem aquelas condições de que o dia a dia vem sobrecarregando na sua vida de grande cidade. Procurou-se também, através de equipamentos móveis que pudessem percorrer vilas e bairros, onde ainda esses equipamentos fixos não pudessem ser instalados.”

Enquanto o secretário discursa, o programa mostra as instalações dos Centros

de comunidade implantados em Porto Alegre: piscinas, quadras para a prática de diferentes modalidades esportivas, meninos e meninas lendo livros infantis, brincando e desenhando, assim como mulheres adultas realizando essas atividades juntos com crianças, possivelmente seus filhos. Em seguida, é mostrada a estrutura de uma grande tenda instalada em algum bairro periférico.

Profissional que atua nos Centros de comunidade [não identificada]: “A atividade da tenda [da cultura] é desenvolvida em dois planos: a parte realmente de espetáculos, em que o espectador é passivo, e a parte de recreação, trabalho de criatividade em que o espectador vai ser ativo. Porque nós visamos não só o plano de recreação em que a criança veja, mas que também participe, que ela tenha uma curiosidade muito grande em ver, em tocar, em subir no palco. Então, além dos espetáculos dos fins de semana que são feitos por profissionais, à tarde a tenda desenvolve um trabalho para a criança em que ela, então, é a dona do palco. Nessa atividade são desenvolvidos três planos: a parte de recreação pura e simples, através de jogos de percepção, jogos de imaginação, jogos visuais, para desenvolver a compreensão e a imaginação da criança. A parte de artes plásticas, em que a criança faz desenho, colagem, pintura, às vezes, quando é o caso, e também a parte de biblioteca, em que ela desenvolve a leitura através de livros e historinhas.”

Para complementar essa explicação sobre a Tenda da cultura, são mostradas crianças de diferentes idades realizando atividades com jornais sob orientação de um educador, desenhando e aguardando, sentadas na plateia, o início de algum espetáculo que aconteceria ali.

Ethel Bauzer Medeiros: “As pessoas suspiram a vida toda pela aposentadoria. Quando ela chega, é muito comum arranjar um outro trabalho. Quando se dão horas vagas às pessoas, muitas procuram mais um meio de vida. Então é preciso que a sociedade eduque as pessoas para bem utilizar o lazer. Porque a sociedade deve se preocupar? Porque o lazer mal empregado ele pode... e frequentemente resulta em atos anti-sociais. Então nós temos o uso de entorpecentes, o uso de drogas, por exemplo, atos de delinquência, tudo isso porque as pessoas não sabem o que fazer nas horas vagas. Então elas se entregam ao álcool, aos jogos de azar, aumenta o número de acidentes nas estradas e assintomático disso, o aumento das taxas de suicídio nos fins de semana e nos feriados prolongados em que as pessoas têm mais horas para ficarem entregues para si mesmo.”

Pessoas em um bar ou restaurante socializando e bebendo são mostradas, assim como motociclistas parados conversando, pessoas com bicicletas, outras sentadas no banco da praça sem fazer nada, e uma multidão de pessoas no aeroporto vendo os aviões decolarem. Essa imagem prossegue enquanto mais algumas pessoas são entrevistadas no aeroporto.

Entrevistado 15 (homem adulto): Nós não podemos comparar o aeroporto com uma praia, certo. Porque na praia a gente se diverte muito mais, mas não tendo diversos lugares para a gente passear, o aeroporto serve porque é um lugar que a gente vê muita coisa boa,

bonita e agrada a vista da gente.

Entrevistado 16 (homem, possivelmente estrangeiro): O hábito de vir aqui é porque a gente passa uns minutos ou uma hora, divertindo-se a olhar os aviões, por qualquer razão que a gente esteja acostumado é sempre um espetáculo, é sempre novo, para as crianças e para os grandes.

Entrevistado 17 (homem jovem): Olha, o problema é o seguinte: é que o paulista está privado de uma porção de diversões que ele não tem, o único problema seria a gente ter mais diversão, porque a gente não tem diversão nenhuma. Ao longo do depoimento percebe-se que o aeroporto filmado é de Congonhas, em São Paulo.

Benedito Caprioglio, então diretor da Divisão de Recreação e Cultura do Sesc-SP: “São Paulo, de fato, está muito falto, sente-se muita falta de uma infraestrutura para o lazer. É uma cidade, nós dizemos, há um grande agulheiro de edifícios, não há áreas verdes. É preciso que de certa forma nós tenhamos na cidade de São Paulo uma infraestrutura para que nos fins de semana o povo possa ser acolhido dentro de sua própria cidade. Nós precisamos distinguir, ou melhor, fazer um esforço muito grande para que São Paulo não seja uma cidade de simples ocupação do trabalho, mas que seja uma cidade de uso da sua população. Estamos construindo o Centro Campestre José Papa Júnior, no bairro de Santo Amaro, Rio Bonito, com 435.000 metros quadrados, sendo 14.000 metros de área construída, para acolher um milhão de trabalhadores anualmente.”

O relato deste convidado é ilustrado com imagens de São Paulo, onde os prédios se sobressaem e há poucas áreas verdes, assim como algumas instalações do centro campestre em construção.

José Guy Siegl, diretor do Centro Campestre José Papa Jr. em construção em 1974 (atual Sesc Interlagos): “Uma das preocupações nossas com o estacionamento logo na entrada do Centro Campestre, é de que o elemento deixe o seu carro aqui e esqueça do automóvel, já que não haverá tráfego de veículos dentro de todo o Centro Campestre e ele ande pelo Centro Campestre. Andar faz muito bem. Respire um pouco mais o ar, e não aquele monóxido de carbono do seu automóvel. O playground também é outra atividade específica aqui do Centro Campestre educativo. Nós não teremos os brinquedos convencionais. Nós estamos aqui construindo brinquedos que levem a criança a desenvolver a sua fantasia, a imaginação, a criatividade. E principalmente os brinquedos levariam a brincar em grupo. Então é desenvolver a sociabilidade na criança. Aqui nós nos encontramos numa arquibancada natural. Nós não teremos junto ao campo oficial de futebol, arquibancada de degraus de concreto. Nós aproveitamos a beleza natural de toda a esplanada e colocamos grama. A grama onde vocês todos vão pisar. Vocês não verão jamais a tabuleta: ‘É proibido pisar na grama.’”

Áreas verdes do local e suas destinações são mostradas, o playground em construção e também a esplanada gramada, que seria a arquibancada natural do campo de futebol.

Ethel Bauzer Medeiros: “Nós que somos habitantes da grande cidade, precisamos muito que alguém pense em ajudar o pobre habitante da cidade a ter espaço livre. O Parque do Flamengo é um lugar onde nós podemos esquecer um pouco das tristezas e do aperto do dia a dia. Nós que vivemos dentro de um apartamento onde durante o dia, é preciso luz artificial. Podemos ir até o Flamengo e conhecer de perto a natureza, ver árvores, coisa que o homem já está esquecendo. Uma das constatações mais tristes do século XX é que andar a pé passou a ser conselho que o médico dá. Então nós vamos ao médico e ele nos diz: Ande a pé! Suba escadas! É bom pra saúde mental.”

Enquanto ela explana é mostrado o aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, com as pessoas caminhando numa área arborizada.

Especialista 1 [não identificado]: “Há várias teorias, várias hipóteses sobre porque o homem necessita de lazer. É conhecida, por exemplo, a teoria de Callois segundo a qual nós precisamos de lazer do tipo fuga da realidade, através da máscara. Pretendemos, então, representando, imitando, fingindo viver uma vida diferente dessa nossa vida rotineira. A máscara está por trás da fantasia, do carnaval, das representações teatrais. Outra necessidade que o lazer cobre, parece ser a necessidade de competição e uma competição que não tem fins lucrativos. Então, desde as disputas esportivas até numerosas formas de jogos de salão responderiam a essa necessidade do ser humano. Uma terceira necessidade apontada por Callois é a necessidade de vertigem. Diz ele que todos nós precisamos de vez em quando sentir o solo fugir sob nossos pés, precisamos sentir uma quebra de situação de rotina, de posição. Um exemplo extremo seria a montanha russa, seriam os divertimentos típicos dos parques e diversões em que esse experimenta um certo perigo, mas um perigo relativamente tênue, relativamente controlado.”

O especialista apresenta essas ideias de Roger Callois enquanto o programa televisivo mostra pessoas jogando voleibol e futsal, se divertindo em parques de diversão, com destaque para os brinquedos em que as pessoas podem ficar suspensas.

Voz off do narrador Cid Moreira: “Nas áreas desenvolvidas, o homem está trabalhando 40 horas semanais e vive 70 anos. Comparado a seu bisavô, ganhou 1.500 horas livres por ano, além de mais 30 anos. Conquistou assim 45 mil horas de lazer, 22 anos de folga que deve aprender a aproveitar para não ficar reduzido ao ócio.”

Ao longo da narração são apresentadas cenas de pessoas vivenciando o lazer: um homem lendo jornal ao ar livre, um casal descansando junto a uma árvore, crianças brincando em um parquinho, um acampamento, uma mulher brincando com cachorro, uma mulher lendo jornal em uma praça com crianças brincando ao fundo, um menino andando de bicicleta com um homem descansando na grama próximo a uma árvore.

Ethel Bauzer Medeiros: “É importante que perto das cidades existam lugares onde as pessoas possam ir todo dia. Não basta que se ofereçam grandes parques, mas que os parques estejam muito distantes. É necessário que o habitante do apartamento que, como diz Carlos Drummond de Andrade, ‘há muito se acabaram os homens, restam apenas tristes

moradores', que ele possa ter um tempinho livre, dar um pulo até a esquina, cair na água, jogar uma pelada, que ele tem espaço para se mover. E por isto, nós todos habitantes da cidade precisamos lutar pela preservação de áreas livres e de áreas verdes. Para que nós não nos transformemos em pessoas que educam seus filhos com flores de plástico, peixes de plástico, folhas de plástico e se transformem em pessoas que estão simplesmente à espera de que os outros as divirtam.”

Enquanto Ethel expõe seu ponto de vista, são exibidas cenas de um parque com playground. Na sequência, aparece uma avenida de uma grande cidade mostrando seus prédios e ruas, imagem que contrasta com crianças empinando pipa, pais brincando com seus filhos em balanços, crianças nadando e se divertindo com pranchas no mar, área ao ar livre com muitas palmeiras e jovens andando de bicicleta em um parque.

O programa “Globo Repórter Atualidade – Lazer” é finalizado com a música “Casa no campo” de forma instrumental. Enquanto isso, as cenas de uma grande cidade com prédios, ruas, carros e ruídos contrastam com as folhas de árvores de um parque.

"OCORRÊNCIA HISTÓRICA DO LAZER": ANTIGAS POLÊMICAS, NOVOS DEBATES

O objetivo deste capítulo é problematizar a “ocorrência histórica” do lazer, um tema que gerou acalorados debates na segunda metade do século XX e ainda hoje divide muitos estudiosos. Enquanto alguns autores consideram que o lazer sempre existiu, outros afirmam que ele é um fenômeno urbano-industrial gestado na Europa moderna, visão que prevaleceu no decorrer do capítulo 1. Contudo, outras possibilidades de interpretação sobre a emergência do lazer vêm sendo sistematizadas, conforme será abordado neste capítulo.

2.1 Duas perspectivas divergentes

Alguns autores, como Sebastian De Grazia (1966), situam a origem do lazer nas fases antigas da nossa história. Para esse autor norte-americano, falar das origens do lazer significa considerar a vida social dos filósofos da antiga Grécia. Segundo ele, a palavra grega *skholé* denotava, no uso comum, um tempo desocupado, um tempo para si mesmo que gerava prazer intrínseco. Baseado em Aristóteles, ele afirma que o lazer era um estado filosófico no qual cultivava-se a mente por meio da música e da contemplação. Este estado seria alcançado apenas por aqueles que conseguiam libertar-se da necessidade de realizar o trabalho produtivo, que era considerado indigno. Segundo o autor, o ideal clássico de lazer indicava, portanto, distinção social, liberdade, qualidade ética, relação com as artes liberais e busca do conhecimento (Gomes, 2004).

Apesar de discordar de Sebastian De Grazia em muitos pontos, o autor espanhol Frederic Munné (1980) também entende que a ocorrência histórica do lazer antecede a Idade Moderna. Antes de prosseguir, cabe esclarecer que a palavra lazer não integra a língua espanhola, e, no caso, o vocábulo “*ocio*” é aquele cujos significados são aproximados. Por este motivo, quando o termo “*ocio*” (sem acento e entre aspas) for empregado neste texto, será utilizado com sentido semelhante ao de lazer.

Para Munné, o “*ocio*” é um modo típico de nos comportarmos no tempo, que se estrutura em quatro áreas de atividade: a) o tempo psicobiológico destinado a suprir necessidades fisiológicas e psíquicas; b) o tempo socioeconômico, fundamentalmente referido ao trabalho; c) o tempo sociocultural, em que nos dedicamos à vida em sociedade, e d) o tempo de “*ocio*”, destinado a atividades de desfrute pessoal e coletivo (Munné, Codina, 2002).

O psicólogo social Munné (1980) salienta que Roma introduziu a noção de *otium* como possibilidade de “descanso para o corpo” e “diversão para o espírito”, condição necessária para retomar os negócios: no comércio, no exército, na política e no serviço público. Este entendimento pode ser encontrado principalmente em Cícero, para quem o *otium* era estratificado socialmente: estava associado, no caso das elites intelectuais,

com a meditação. Porém, no que dizia respeito às pessoas comuns, significava descanso e divertimento proporcionados, sobretudo, pelos grandes espetáculos. Tratava-se do “pão e circo” oferecido pelos imperadores e cônsules ao grande público, estratégia que tinha como finalidade despolitizar o povo, reduzido à condição de mero espectador. Com isso, o autor observa que no contexto romano o sentido que prevalece não é o de desocupação, mas de diversão.

A chamada Idade Média, na Europa, foi marcada por uma economia predominantemente agrícola e por uma sociedade fechada entre a nobreza que possuía terra e os camponeses que viviam em estado de servidão. Foi um período caracterizado pelo recuo da noção de Estado onde prevaleceu um sistema de pensamento fundamentado na lei religiosa e definido pela Igreja, representada pelo clero. Nos inúmeros feriados existentes no período, os poderes hegemônicos procuravam controlar as festas e divertimentos, procurando conferir às práticas culturais o caráter de culto e de cerimônias oficiais sérias. As festas oficiais consagravam a desigualdade, a imutabilidade e a durabilidade das hierarquias, das normas e dos tabus religiosos, políticos e morais (Werneck, 2000; Gomes, 2005).

Mesmo com a valorização desses princípios, a cultura popular na idade média e no renascimento, como argumenta Bakhtin (1999), proporcionou outras visões deliberadamente não-oficiais que procuravam subverter a ordem social estabelecida por meio de ritos e espetáculos cômicos. Essas manifestações culturais ocupavam lugar de destaque na vida medieval e contrastavam com as festividades oficiais. Os carnavais, por exemplo, levavam multidões às praças e ruas durante vários dias para questionar a verdade dominante e confrontar o regime vigente, conforme salienta o autor.

Munné (1980) observa que, com o renascimento, os estratos superiores da sociedade poderiam deleitar-se com o *dolce far niente*, ou seja, se entregar ao desfrute de nada fazer. A vida cultural da classe ociosa se converteu, quase integralmente, em um jogo de sociedade no qual se valorizava o passar do tempo sem realizar nada de produtivo. Isso era devido a um sentido de indignidade do trabalho, e como demonstração da capacidade pecuniária que permite uma vida de ociosidade, entendida como sinônimo de prestígio, riqueza, poder e respeitabilidade social.

Contudo, diante do valor ético e religioso do trabalho difundido pelas ideias puritanas, a conduta ociosa passou a representar um grave perigo pessoal e social na Modernidade. A nascente burguesia industrial reforçou este pensamento, valorizou a laboriosidade e combateu os prazeres e as distrações consideradas nocivas – aparentemente, nocivas às camadas pobres, tais como o consumo de álcool, as algazaras e os jogos de azar. Como foi enfatizado por Thompson (1991), na realidade esses prazeres e distrações eram muito mais prejudiciais para o processo produtivo capitalista em desenvolvimento do que para os operários, pois requeria uma nova disciplina de trabalho.

O rechaço ao ócio e aos prazeres nocivos propagou-se na Europa Moderna, período

em que muitos autores do lazer salientam as diversas transformações consideradas fundamentais para a compreensão do lazer. Em geral, as discussões sobre o lazer moderno são um ponto consensual entre os partidários das duas correntes mencionadas. Por isso, é essencial conhecer os elementos constitutivos da segunda abordagem, baseada no pressuposto de que o surgimento do lazer está atrelado às transformações geradas pela Revolução Industrial.

A tese de que o lazer sempre existiu é refutada por vários pesquisadores, entre os quais Dumazedier (1979). Ao analisar as sociedades do período arcaico, o autor considera que trabalho e jogo estão associados às festas pelas quais o ser humano participa do mundo de seus ancestrais. Embora sejam diferentes, trabalho e jogo possuem significações de mesma natureza na vida de uma comunidade: eles se mesclam, e a oposição entre ambos é menor ou inexistente. Por este motivo, o autor afirma que o lazer é um conceito inadaptado ao período arcaico.

Dumazedier não acredita que a vida ociosa dos filósofos da antiga Grécia ou dos fidalgos do século XVI possa ser chamada de lazer. Estes privilegiados de sorte, cultos ou não, sustentavam sua ociosidade com o trabalho de escravos, camponeses ou valetes. Por isso, essa ociosidade não se define em relação ao trabalho, não é nem um complemento nem uma compensação: é um substituto do trabalho. Para ele, “o lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe.” (1979, p.28).

O autor argumenta que o lazer também não existe nas sociedades pré-industriais, pois, nelas, o trabalho se inscreve nos ciclos naturais dos dias e das estações do ano. Seu ritmo é natural, sendo cortado por pausas, cantos, jogos e cerimônias. No entendimento de Dumazedier (1979), não há um corte nítido entre trabalho e repouso, mas uma sucessão de domingos e festejos que dependem do culto.

Para ele, o tempo fora do trabalho é tão antigo quanto o próprio trabalho. No entanto, o autor enfatiza que o lazer possui traços específicos, característicos da sociedade industrial. No seu entender, duas condições foram imprescindíveis para que o lazer se tornasse possível para a maioria dos trabalhadores, coexistindo apenas nas sociedades industriais e pós-industriais:

- a. Nas sociedades industriais, trabalho e lazer escapam dos ritos coletivos. Mesmo que sejam exercidos determinismos sociais sobre as preferências das pessoas, o lazer depende da livre escolha de cada um.
- b. O trabalho profissional destacou-se das outras atividades ao adquirir um limite arbitrário, não mais sujeito à natureza. Como o trabalho possui uma organização específica, o tempo livre é nitidamente separado dele.

Em suma, Dumazedier defende a tese de que o lazer foi gestado nas modernas sociedades industriais, fossem elas capitalistas ou socialistas. De acordo com as suas palavras, o lazer “corresponde a uma liberação periódica no fim do dia, da semana, do ano ou

da vida de trabalho” (p.28). Nesse contexto, há um destaque para o fenômeno mundialmente conhecido como Revolução Industrial, deflagrada na Inglaterra no século XVIII, e para a redução da jornada de trabalho reivindicada do século XIX e que, gradativamente, alcança o século XX. Como foi tratado no capítulo 1, essa visão é recorrente e amplamente aceita por estudiosos e profissionais dedicados ao lazer.

Além de Dumazedier, outros autores consideram o lazer como um fenômeno característico das modernas sociedades urbano-industriais. Entre os brasileiros, Marcellino (1983) já afirmava que o fenômeno lazer, como esfera própria e concreta, foi gestado a partir da Revolução Industrial, em decorrência dos avanços tecnológicos que acentuaram a divisão do trabalho. Dessa forma, para esse autor o lazer é um produto da nova situação histórica em que o progresso tecnológico permitiu alcançar maior produtividade com menos tempo de trabalho. Para ele, o lazer surgiu como resposta às reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho, mesmo que fosse apenas para a reposição de energias.

Victor Melo e Edmundo Alves Júnior (2003) também fizeram menção ao tema em uma obra introdutória aos estudos do lazer. Para os autores o lazer não nasceu na Grécia antiga, não surgiu em Roma e também não apareceu na Idade Média. Foi no final do século XVIII, com a implantação do modelo de produção fabril, que ocorreu uma artificialização dos tempos sociais. Segundo os autores, foi no seio deste processo, típico da modernidade, que o lazer surgiu. Os sentidos e significados deste fenômeno se estabeleceram, para eles, no âmbito das tensões entre os detentores dos meios de produção e as camadas populares que vendiam a sua força de trabalho.

Esta segunda abordagem sobre a ocorrência histórica do lazer não está isenta de críticas, muitas delas formuladas desde as décadas de 1970-1980. Uma das finalidades da obra “Lazer: Necessidade ou novidade?”, de autoria de Ethel Bauzer Medeiros (1975), é justamente oferecer subsídios para refutar a tese oponente. Munné (1980), ponderando sobre os argumentos de Dumazedier, considera forçosa e falaz a afirmativa de que o lazer seja um produto da civilização moderna. Pontua, ainda, que Dumazedier reduz, por definição, qualquer possível manifestação histórica do lazer à mera desocupação ou ociosidade, o que não procede.

Do meu ponto de vista, os argumentos elaborados por Dumazedier (1979) – notadamente no que se refere à consideração do lazer como fenômeno característico da civilização nascida da Revolução Industrial – refletem seu empenho em conferir o estatuto de ciência à chamada “Sociologia do lazer”. Segundo ele, para ser reconhecida como um ramo especializado da Sociologia, os pesquisadores do lazer precisavam fazer um recorte do objeto estudado, elaborar hipóteses e verificá-las, utilizar estratégias metodológicas confiáveis, formular quadros de referência e apontar categorias de análise, entre outros procedimentos de cunho positivista.

Esses encaminhamentos poderiam distinguir a Sociologia do lazer dos outros ramos

já estabelecidos: Sociologia do trabalho, Sociologia da família, Sociologia da religião, etc. No meu entender, como as manifestações culturais vivenciadas pelas “civilizações pré-industriais” para desfrutar a vida social se mesclavam com as outras dimensões da cultura, considerar a realidade vivida nesta época inviabilizaria a legitimação da Sociologia do lazer. Reconhecer que o arcabouço teórico formulado por Dumazedier (1979) tenha sido consistente e importante para fundamentar os estudos do lazer no Ocidente, em especial na segunda metade do século XX, não significa que tenhamos que concordar, integralmente, com os conhecimentos por ele sistematizados. Sobretudo, nos dias de hoje.

Essas antigas polêmicas não esgotam o debate. As ponderações aqui esboçadas sublinham a necessidade de entender o lazer em sua complexidade histórica, social, política e cultural, explicitando suas condições de realização em nosso meio.

2.2 Repensando as possibilidades de interpretação

Antes de prosseguir a discussão sobre a emergência do lazer em nosso contexto, é importante esclarecer que o espaço geográfico em que atuamos como estudiosos do lazer não é somente um espaço físico. Ele é um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas visões de mundo, construções intelectuais, imaginários sociais, identidades, subjetividades, sentimentos, atitudes e modos de intervir em cada território (Gomes, 2011).

Dessa maneira, todo conhecimento está marcado geo-historicamente e reforça valores condizentes com quem o elabora, expressando as peculiaridades do contexto em que é produzido e os fundamentos nos quais se apoia. Cada conhecimento envolve representações da realidade que são influenciadas por diversos elementos, entre as quais nossas compreensões de ser humano, de sociedade, de natureza e de ciência, princípios éticos e morais, etc.

Para Walter Mignolo (2013), o discurso hegemônico criou a ilusão de que o conhecimento é universal. Segundo esse autor, a história universal é universal no enunciado, mas é sempre local na enunciação. Como todo conhecimento é produzido localmente, ele não pode ser generalizado, tampouco difundido como se fosse uma verdade absoluta. Portanto, o que pode ser válido em um contexto histórico, político e cultural, ou dentro de um sistema teórico, pode não ter validade e pertinência em outro. Além disso, um conhecimento pode ser apropriado e suficiente para explicar a realidade em um determinado momento, mas, sendo parte de um processo dinâmico, os seus significados podem variar de acordo com as intenções dos sujeitos que os produzem e com as determinações históricas e sociais.

Por isso, é essencial considerar não somente os conhecimentos sobre o lazer que um autor produz ou utiliza. Também é fundamental reconhecer de onde nascem estes conhecimentos e em quais teorias e autores eles estão fundamentados; é preciso conhecer os contextos em que foram produzidos, as suas motivações, interesses, visões de mundo

e as ideologias subjacentes, assim como os projetos políticos de sociedade com os quais estão comprometidos (Gomes, 2011).

Tudo isso influencia, por exemplo, os conhecimentos sobre a ocorrência histórica do lazer que, tradicionalmente, foram e ainda são difundidos no Brasil. Nesse debate, é possível constatar uma naturalização dos determinismos – sociais, culturais, econômicos, geopolíticos e ideológicos, entre outros – que universalizam os conhecimentos sobre a constituição histórica do lazer nas sociedades ocidentais, moldando o nosso pensamento.

Neste caso, a geopolítica do conhecimento está bem demarcada: essa história segue um percurso linear que se inicia na Grécia, percorre o período imperial romano e culmina nos países hegemônicos da Europa quando se considera que o lazer existe desde a Antiguidade grega, ou é focalizada apenas na Europa quando se compreende que o lazer é um fenômeno moderno, oposto ao trabalho e característico da sociedade urbano-industrial.

Como já foi salientado, essas duas abordagens ainda dividem a opinião dos estudiosos do tema, gerando debates e provocando controvérsias.

Entre os teóricos do lazer, do ponto de vista conceitual e interpretativo, a discussão sobre quando surgiu o lazer é ainda uma questão polêmica. O debate teórico travado entre os estudiosos sobre a origem histórica do fenômeno [...] é ainda um tanto controverso. Embora nem sempre seja discutido de maneira sistematizada, o surgimento do lazer quase sempre permeia as obras que abordam o tema lazer. (Reis, Cavichioli e Starepravo, 2009, p.64)

Assim, as duas abordagens enfatizadas no tópico 2.1 são as mais conhecidas, difundidas e reproduzidas nas publicações sobre o lazer. Mesmo que outras interpretações sobre um possível surgimento do lazer sejam identificadas, nem sempre elas conseguem ter ressonância nos estudos sobre a temática.

Sobre a suposta história universal do lazer, as considerações sobre este tema na fase clássica da Grécia geralmente destacam os valores nobres e distintivos do ócio (*skholé*). Quase sempre, se ignora que estes mesmos valores foram constituídos em uma sociedade que concebia o ócio como privilégio de uma elite cuja existência era garantida por uma legião de pessoas escravizadas. Apesar da visão “clássica” do lazer realçar aspectos interessantes como a reflexão e a meditação, negligencia que estes e outros aspectos não fazem sentido se não forem articulados com a busca de sociedades democráticas e inclusivas, algo cada vez mais urgente em todo o mundo.

Independentemente da história do lazer ser enraizada na Antiguidade clássica greco-romana ou na Modernidade europeia urbano-industrial-capitalista, uma análise de ambas abordagens revela que o processo de produção de conhecimentos é uma construção ideológica e geopolítica que, neste caso, situa a Europa numa posição central e privilegiada. Essas constatações indicam que os conhecimentos (re)produzidos sobre a história do lazer a partir de uma perspectiva universalizante e ocidentalizada estão alicerçados em um pensamento “eurocêntrico”. É importante entender melhor o que isso significa.

A partir do século XV, quando as principais potências europeias estabeleceram suas colônias na América, na África e na Ásia, o eurocentrismo foi construído como um discurso ideológico que justifica o colonialismo, o imperialismo e o racismo. Isso possibilitou aos países colonialistas ocupar posições hegemônicas no âmbito mundial e naturalizar as relações de hierarquia e de poder geradas por práticas colonialistas e racistas (Shohat, Stam, 2006).

No seio deste processo a cultura europeia, tida como “civilizada e evoluída”, era realçada a partir dos nítidos contrastes estabelecidos com as culturas dos nativos da América, África e Ásia. Estas eram classificadas como bárbaras e selvagens, como se fossem naturalmente inferiores (Gomes, 2010). Mesmo após o término oficial do colonialismo, o eurocentrismo é uma *forma de pensar* que continua estruturando as nossas práticas e representações contemporâneas. Ele situa-se no centro de nossas vidas cotidianas e na maioria das vezes nem percebemos a sua presença, que instaura um sentimento fictício de superioridade das culturas e dos povos europeus. Por isso, como explicam Shohat e Stam (2006), o pensamento eurocêntrico constitui a visão “normal” da história que a maioria das pessoas aprende e assimila através da família, da escola, da religião, da política, da mídia, etc.

Não obstante, cabe esclarecer que a crítica ao pensamento eurocêntrico não é dirigida à Europa ou aos europeus como indivíduos, e sim à relação histórica e socialmente opressiva entre a hegemonia europeia e seus “outros”, sejam eles internos ou externos. Afinal, em todo Norte geopolítico há um Sul, e vice-versa. Como o eurocentrismo é um discurso social e historicamente situado, os europeus também podem ser anti-eurocêntricos, assim como os não europeus podem perpetuar o pensamento eurocêntrico (Gomes, 2011).

Lamentavelmente, esse discurso afeta e compromete muitos dos conhecimentos sobre o lazer. Parte-se do pressuposto de que o melhor do que foi pensado e escrito sobre o tema foi (e continua sendo) produzido pelos europeus, o que segundo Shohat e Stam (2006) inclui também aqueles que são provenientes de outras partes do Norte geo-econômico-político mundial. Consequentemente, aqueles que pertencem aos países do hemisfério Sul ocupam a posição de receptores/consumidores dos conhecimentos formulados em outras partes do mundo, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos, difundindo-as como se as teorias e os conceitos adotados fossem universais.

A suposta história universal do lazer, seja ela originada na Antiguidade grega ou na Europa urbano-industrial capitalista, foi construída a partir das contraditórias relações que aquele fenômeno estabeleceu, ao longo do tempo, com o trabalho produtivo, ressaltando-se os novos encaminhamentos instaurados nos modernos centros urbanos a partir da Revolução Industrial inglesa.

Além da Revolução Industrial, outros movimentos europeus como a Reforma protestante e a Ilustração francesa são destacados como bases históricas da Modernidade, como se esse processo pudesse ser explicado apenas pelo que acontecia na Europa. Vale

lembrar que até o século XV a Europa Latina (herdeira do império romano) era uma cultura periférica, secundária, isolada e cercada pelo mundo muçulmano. Até este momento, a “Europa” nunca havia sido centro da história (Dussel, 2000), pois, as histórias eram isoladas e justapostas: a romana, a persa, a dos reinos hindus, a chinesa, a inca, etc.

Segundo Mignolo (2000), a Modernidade compreendida desde uma perspectiva mundial tem como importante marco a “descoberta” da América e o desenvolvimento do mercantilismo capitalista. Foi isso que permitiu aos países colonizadores europeus um extraordinário acúmulo de riqueza. Esses elementos propiciaram as condições históricas e sociais para a constituição da chamada Era Moderna, facilitando a ocorrência do fenômeno mundialmente conhecido como Revolução Industrial, o que está diretamente relacionado com uma hegemonia inglesa.

Sobre este tema, Galeano (2009) explica que, até o ano 1800, o valor do capital investido em todas as indústrias das cidades europeias foi muito pequeno em comparação com a gigantesca massa de capitais gerada pela exploração das novas colônias latino-americanas. Elas forneciam para as metrópoles europeias grandes quantidades de ouro, prata, pedras e metais preciosos, mão de obra servil e lucro decorrente do tráfico de africanos escravizados, sem contar os diversos recursos naturais disponíveis. Essas condições geraram um ambiente favorável para vários países colonialistas e imperialistas, o que financiou o estabelecimento de fábricas, particularmente na Inglaterra, dando um impulso decisivo à Revolução Industrial.

As formas tradicionais e eurocêntricas de compreender a Modernidade precisam ser refutadas. Elas reforçam um paradigma que, além de ser centrado na Europa, exclui a decisiva participação de outras realidades num jogo de poder e de saber que abarca, de maneira desigual, os povos e culturas dos outros continentes, como América Latina, África, Oceania e Ásia (Gomes, 2010). Como sublinha Mignolo (2000, p.6): “O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias.”

Correspondendo à concepção de Modernidade como um feito exclusivo da Europa, vista como o centro do mundo, encontra-se também a ideia de que o lazer é um fenômeno moderno, e esta concepção é amplamente difundida por estudiosos do lazer. Entretanto, esta interpretação focaliza apenas a Europa, reforça um modelo único de sociedade – urbano, industrial, capitalista e ocidental – e silencia outros sujeitos, outras práticas e outros contextos próprios de outras territorialidades do mundo. Considero que esta interpretação é parcial e eurocêntrica.

O entendimento predominante sobre a história do lazer, como se fosse um fenômeno tipicamente moderno, assim como o papel hegemônico que, supostamente, a Inglaterra exerceu nesse processo, também podem ser questionados. Dias (2022) afirma que os modos de fruir os tempos fora do trabalho não são uma particularidade da Inglaterra,

pois, na mesma época, algo semelhante acontecia em outros lugares. Para o autor, a divisão social do trabalho, as especializações de funções, as compartimentalizações do tempo e do espaço e a emergência de novos lazeres não são exclusivas das sociedades industriais. De acordo com seus estudos, é inegável que as transformações associadas à industrialização afetaram as atividades de lazer vivenciadas na Inglaterra do século XIX. No entanto, continuidades e descontinuidades estiveram presentes nesse processo. Por isso, “vários aspectos dessas usuais explicações para o processo de emergência histórica do lazer devem ser criticados e alguns deles devem mesmo ser rejeitados. (...) Assim, o lugar comum amplamente disseminado de que a Inglaterra do século 19 foi o primeiro país onde uma revolução nos lazeres teve lugar, deve ser questionado.” (p. 605).

Entretanto, são persuasivos os argumentos utilizados para justificar que o lazer é um fenômeno moderno, gestado na Europa pós-Revolução Industrial, como uma conquista da classe trabalhadora. Como visto no capítulo 1, essa interpretação, muitas vezes, busca apoio no trabalho pioneiro de Lafargue (1999). Apesar de reconhecer o valor e a importância das lutas dos operários europeus, é importante refletir: no contexto europeu do século XIX, será que o proletariado reivindicava era mesmo o lazer?

Respostas a essa pergunta podem ser encontradas na própria obra de Lafargue (1999). Esse autor não discute o lazer, mas, as mazelas do modo de produção capitalista e a situação de miséria gerada por este sistema social injusto e excludente. O valor de sua obra advém justamente deste aspecto.

Embora em algumas poucas passagens o autor saliente as festas, dramatizações e outras práticas culturais lúdicas, o sugestivo título *O direito à preguiça*, bem como o conteúdo dessa obra, representam uma provocação à produtividade requerida pelo capitalismo quando se proclama, como direito, um pecado capital de natureza ociosa. Toda a reflexão elaborada por Paul Lafargue é encaminhada nesta direção, de modo que a defesa do lazer dos operários, tampouco a reivindicação pelo aumento do tempo livre, não são o interesse central do texto.

Vale lembrar que os conhecimentos sobre o lazer que foram produzidos por Dumazedier (1979) continuam sendo reproduzidos por muitos estudiosos do lazer como se eles fossem universais. Muitas vezes, desconsidera-se que as teorias deste sociólogo francês foram elaboradas a partir de uma pesquisa por ele realizada em Annecy, uma pequena cidade situada no interior da França que, na época em que o estudo foi realizado (décadas de 1950-1960), contava com uma população de 40 mil habitantes. A maioria dos operários que participou dessa pesquisa trabalhava nas fábricas instaladas naquela cidade, pois, Dumazedier focalizava os contextos em que a civilização urbano-industrial, notadamente capitalista, prevalecia. Em parceria com o Sesc/SP, o autor pretendia realizar uma pesquisa semelhante na cidade de Americana visando fazer comparações com os resultados obtidos em Annecy, mas, esse estudo não chegou a ser concretizado.

Hoje, passadas várias décadas da enquête realizada pelo autor francês, vemos que

a divisão internacional do trabalho se acentua, com o setor industrial concentrado nos países do hemisfério Sul, principalmente na Ásia, onde há mão de obra abundante e barata e onde, lamentavelmente, a precarização laboral, a degradação social e ambiental avança a largos passos. Sem contar o fenômeno conhecido como “uberização” que expressa a precarização do trabalho, o enorme crescimento do setor de serviços e o acelerado avanço das tecnologias da informação e da comunicação, que expande fronteiras e desafia as nossas tradicionais noções de espaço e tempo. A produção de conhecimentos sobre o lazer não pode ficar alheia a estas novas configurações, que são muito diferentes do contexto estudado por Dumazedier, e que ele considerou para desenvolver suas teorias e seu conceito.

Tudo isso nos leva a indagar:

Ao focalizar a sociedade industrial, será que a produção teórica de Dumazedier é pertinente para problematizarmos e compreendermos o lazer no contexto dessa nova e dinâmica realidade que marcou decisivamente o despontar do século XXI? Será que ela é capaz de tratar o lazer de uma maneira menos fragmentada e mais integrada às peculiaridades da vida social? Será que a obra deste autor vislumbra alguma possibilidade para o lazer que não se restrinja ao modelo de sociedade urbano-industrial capitalista? Será que ela contempla perspectivas não situadas no Norte geopolítico?

Seguramente não. O que foi uma produção local tornou-se universal e, por isso, infelizmente segue sendo vista como aplicável em qualquer contexto, pois, os conceitos e teorias desenvolvidos por Dumazedier e por tantos outros autores que endossam perspectivas eurocêntricas ainda continuam sendo difundidos em escala global e influenciando os estudos do lazer no Brasil. (Gomes, 2011, p.14)

Reitero que muitos conhecimentos produzidos por autores de diferentes países podem ser úteis e necessários para nos ajudar a refletir sobre o lazer em nossos contextos. Mas os conhecimentos não devem ser tratados como universais, tampouco devem ser reproduzidos de forma descontextualizada e sem um posicionamento crítico de nossa parte. Para isso, é fundamental desconstruir as ideias eurocêntricas que estão arraigadas em nossas experiências, em nossos estudos e em muitas de nossas pesquisas sobre o lazer.

Em suma, é preciso repensar a ocorrência histórica do lazer fundamentada em abordagens eurocêntricas e universalizantes, pois, elas negam a presença deste fenômeno em determinados contextos e invisibilizam os sujeitos inseridos em cada território deste vasto mundo. Isso não significa desconsiderar o conhecimento já produzido sobre o assunto, tampouco negar a produção histórica do chamado tempo livre, pois, este é determinante para a configuração do lazer como contrapondo do trabalho produtivo. No fundo, esses e outros elementos conformam o que geralmente é designado por lazer: tema que será tratado no próximo capítulo.

CONCEITOS DE LAZER: O PONTO DE VISTA DE ESTUDIOSOS DO TEMA

Este capítulo objetiva contribuir com a discussão sobre o lazer retomando o ponto de vista de alguns autores que elaboraram conceitos sobre este objeto de estudos. Longe de esgotar o tema ou de buscar consensos, esse exercício representa uma aproximação de algumas ideias sobre o lazer que são recorrentes em nosso contexto.

3.1 Lazer: consensos e dissensos conceituais

Antes de adentrar na discussão proposta, é necessário esclarecer que conceito não é aqui considerado como sinônimo de definição. A sistematização de um conceito por parte de um autor, e a sua apropriação por outras pessoas depende dos valores, das visões de mundo, das histórias de vidas e inserções socioculturais de cada um.

No que se refere ao debate teórico-conceitual, como ponto de partida é preciso entender o seguinte:

- Os conceitos precisam ser contextualizados porque não são universais.
- Os conceitos são dinâmicos.
- Todo conceito está em um estado de inacabamento.
- Os conceitos não são neutros, tampouco totalmente objetivos.
- Os conceitos são representações da realidade material/imaterial.
- Os conceitos são como um mapa, não podendo ser assimilados como se fossem o território que representam.
- Um mesmo conceito pode gerar diversas interpretações (Gomes e Elizalde, 2012).

Como se vê, um conceito expressa a forma como cada pessoa vê e nomeia os distintos fenômenos. É, portanto, uma representação da realidade, tendo em vista que um conceito nunca será totalmente equivalente àquilo que busca expressar. Por isso, a palavra conceito será tomada, neste texto, como sinônimo de compreensão, concepção e/ou entendimento.

Não são todos os autores que se dispõem a elaborar conceitos de lazer porque esta tarefa é árdua, exige domínio da produção teórico-conceitual sobre o tema, requer argumentos consistentes e coerentes, gera polêmicas e críticas que, muitas vezes, desgastam quem se lança a este desafio. Talvez seja por isso que a maioria dos estudiosos acaba seguindo conceitos de lazer já formulados mesmo que este alinhamento seja pontual e provisório.

Ao invés de me debruçar sobre a produção teórico-conceitual de cada autor, o que

seria impossível, neste primeiro momento é importante identificar a base que sustenta diferentes conceitos de lazer. De modo geral, muitas ideias se entrecruzam e expressam diferentes pontos de vista, tais como:

- Lazer como tempo livre/liberado do trabalho e de outras obrigações.
- Lazer como ocupação do tempo livre.
- Lazer como experiência subjetiva.
- Lazer como componente da cultura.

Os dois primeiros tópicos, apesar de serem distintos, podem ser agrupados já que ambos concebem o lazer contrapondo-o ao trabalho, interpretação que é muito difundida no Brasil e em outros países ocidentais. Por isso, serão tratados de forma conjunta.

3.1.1 O binômio lazer/trabalho

Alguns livros sobre o lazer que foram publicados em meados do século XX evidenciam que, em geral, o lazer era compreendido como uma fração de tempo situada no âmbito do chamado “tempo livre”. Portanto, era visto como um fenômeno decorrente das conquistas trabalhistas, materializado na forma da limitação da jornada de trabalho, das férias e fins de semana remunerados, que constituem ainda hoje os períodos de tempo institucionalizados para os descansos, passatempos e diversões. Vejamos, a seguir, alguns exemplos deste ponto de vista.

Sussekind e colaboradores (1952, p.16-17) explicitaram um conceito formal de lazer. Para eles, o lazer é entendido como “o período entre duas jornadas consecutivas de trabalho e os repousos obrigatórios, isto é, o descanso semanal e as férias anuais.” Esse entendimento também pode ser identificado na obra de Ferreira (1959). Fundamentado em Gerald Fitzgerald, o autor explana: “Lazer é tempo, e recreação é expansão dos interesses humanos em tempo de lazer” (p.31).

Para Ethel Bauzer Medeiros (1975, p.1), o lazer “corresponde a uma das necessidades básicas do ser humano”, não sendo, portanto, característica da sociedade industrial. Contudo, essa autora entende o lazer como um tempo de folga decorrente da interrupção do trabalho, no qual poderiam ser realizados divertimentos vários. Conforme seu pensamento, esses momentos de folga sempre existiram. Dessa maneira, o lazer acaba sendo concebido pela autora a partir das relações estabelecidas com o trabalho.

A interpretação que restringe o lazer ao tempo subtraído da jornada de trabalho vem sendo questionada desde a segunda metade do século XX pelo próprio Dumazedier (1976, 1979). A partir dos resultados das pesquisas empíricas por ele desenvolvidas na França, o autor formulou um sistema de características específicas e constituintes do lazer.

- a. *Liberatório*: o lazer é liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas) e resulta de uma livre escolha.

- b. *Desinteressado*: o lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócio-espiritual.
- c. *Hedonístico*: o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si: “isso me interessa”. Essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer.
- d. *Pessoal*: as funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações primárias impostas pela sociedade.

Seguindo essa perspectiva, Dumazedier (1976, p.34) compreende o lazer como

(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Como se nota, o lazer não é configurado com um “tempo” na produção deste autor, trata-se de “conjunto de ocupações”. No entanto, Dumazedier mantém o entendimento de lazer em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, principalmente do trabalho profissional. Nesse âmbito, a sua visão de lazer contrasta com a compreensão de lazer como “atitude”, adotada desde o século passado por autores como os norte-americanos Sebastian De Grazia e Max Kaplan, e o alemão Joseph Pieper.

Conforme defendido por Dumazedier (1979), para que o conceito de lazer não seja parcial, incompleto e limitado, o aspecto tempo precisa ser atrelado à atitude. Nesta linha, Marcellino (1996, p.8) salienta que “apesar da polêmica sobre o conceito, a tendência que se verifica na atualidade entre os estudiosos do lazer é no sentido de considerá-lo tendo em vista os dois aspectos – tempo e atitude.”

Um conceito de lazer que se aproxima da produção teórica de Dumazedier é apresentado por Camargo (1986, p.97). Este autor postula que o lazer representa

um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

A visão dicotômica que contrapõe o lazer e o trabalho foi difundida por muitos autores, especialmente por aqueles que consideram que esse fenômeno é um produto da sociedade moderna urbano-industrial. Porém, como explica Santos (2002), não é admissível que qualquer uma das partes tenha vida própria para além da que lhe é conferida numa relação dicotômica. Seguindo essa lógica, é como se o lazer não pudesse ser pensado fora de suas relações com o trabalho ou com as obrigações – o que limita a sua compreensão

em diferentes contextos.

Apesar dos conceitos que colocam lazer e trabalho em contraposição serem amplamente enfatizados em nosso contexto, cada vez mais eles vêm sendo repensados porque não conseguem dar conta das complexidades e das novas dinâmicas que marcam o lazer, o trabalho e a vida como um todo neste século XXI. Isso fica ainda mais evidente com o advento da pandemia da Covid-19, uma vez que esta demandou uma série de mudanças em diferentes âmbitos, e muitas delas são irreversíveis.

Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. É preciso levar em conta o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações, ambiguidades e contradições que eles apresentam. Dessa maneira, trabalho e lazer não constituem polos opostos: representam faces distintas de uma mesma moeda. Além disso, na vida cotidiana nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas, religiosas. Afinal, não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas umas das outras (Gomes, 2004). De toda maneira, é essencial esclarecer que a satisfação obtida no trabalho por muitos profissionais não pode ser confundida com o lazer, pois, cada esfera tem suas próprias peculiaridades.

3.1.2 O lazer como experiência

No cenário internacional, há alguns anos vem se destacando a compreensão de lazer como uma experiência subjetiva. Salvo exceções, essa abordagem ainda é incipiente nos estudos sobre o lazer no Brasil. Isso pode ser devido às escassas publicações, em nosso país, que aprofundam conhecimentos sobre a experiência de lazer.

O entendimento de lazer como uma experiência subjetiva apoia-se principalmente na psicologia, havendo um destaque ao conceito de fluxo (*flow*) elaborado pelo húngaro-americano Mihaly Csikszentmihalyi (1999). Para esse autor, fluxo é um estado subjetivo de total absorção numa atividade que oferece satisfação profunda.

O autor também trabalha com o conceito de “personalidade autotélica” enquanto mobilizadora de atividades pelo valor que elas contêm em si, e não por recompensas externas. Pessoas autotélicas desenvolvem grande motivação intrínseca porque encontram gratificação nas tarefas por si mesmas. Daí a palavra autotélico, significando um fim (*telos*) que o próprio sujeito se impõe (Csikszentmihalyi, 1999).

Outro conceito que prioriza a experiência subjetiva é *serious leisure*, termo geralmente traduzido para o português como “lazer sério”, com o sentido de levar o lazer a sério. Esse conceito foi elaborado na década de 1970 por Robert Stebbins (2008) e detém significativa visibilidade internacional. O autor denomina de *serious leisure* a prática sistemática de uma determinada atividade por amadores, praticantes de hobby

ou voluntários. Essa atividade é considerada significativa, interessante e prazerosa que possibilita, em situações específicas, adquirir, expressar e combinar habilidades especiais, conhecimentos e experiências que geram uma profunda auto-realização.

Gallant (2017), ao analisar o *serious leisure*, salienta que é uma estrutura conceitual altamente utilizada para compreender a experiência de um lazer comprometido, e se move além das conceituações que o consideram como algo casual e inconsequente para os indivíduos. O *serious leisure* é, em parte, definido pela necessidade ocasional de perseverar, mas, segundo a autora, raramente são estudadas as restrições que podem inibir a participação ou a capacidade de perseverar, como falta de tempo e de recursos, por exemplo.

As análises de Gallant (2017) ressaltam que o *serious leisure* se baseia em uma conceptualização androcêntrica, inerentemente positiva e apolítica do lazer. As atividades de lazer levadas a sério pelas pessoas parecem ser definidas pelos valores masculinos tradicionais de ação, desafio e domínio, em oposição a atividades geralmente consideradas femininas, como criar relacionamentos interpessoais significativos e espaços íntimos.

Embora possa haver benefícios do *serious leisure* para grupos ou comunidades, o aspecto social não é uma característica definidora deste conceito. Gallant (2017) conclui que o “lazer sério” permanece como um conceito estático e, embora seja adotado por estudiosos de diferentes países, não representa adequadamente a experiência de lazer na sociedade contemporânea.

Considerando o contexto ibero-latino-americano, podem ser mencionados os conceitos elaborados pelo espanhol Manuel Cuenca: *ocio autotélico*, *ocio humanista* e, mais recentemente, *ocio valioso*, que são articulados pelo autor como se fossem uma evolução conceitual. Considero que “lazer” seria a palavra mais adequada em português para traduzir *ocio*, em espanhol. Contudo, como há posicionamentos diferentes, o termo utilizado pelo autor será mantido em sua língua original – por isso, será aqui destacado em itálico.

Cuenca (2000) se baseia em alguns autores da Escola de Chicago, como Jonh Dewey e Mihaly Csikszentmihalyi, para fundamentar o que entende por experiência de *ocio*. Para ele, *ocio autotélico* é uma experiência vital e um âmbito de desenvolvimento humano que, partindo de uma determinada atitude frente ao objeto da ação, se assenta em três pilares: livre escolha, fim em si mesmo (autotelismo) e sensação gratificante. O Autor explica que o estudo do *ocio autotélico* se centra em seu caráter experiencial. Essa experiência é uma vivência humana subjetiva, livre, satisfatória e com fim em si mesma. Uma vivência que se caracteriza por se inscrever em um tempo processual, ser integrada por valores, vivida de um modo predominantemente emocional, não se justificar por um dever e estar condicionada pelo entorno em que se vive.

O *ocio humanista*, por sua vez, é uma experiência humana integral, centrada em atuações queridas (livres, satisfatórias), autotélicas (com um fim em si mesmas) e pessoais,

com implicações individuais e sociais. É uma experiência positiva que proporciona melhorias individual e comunitária, e também se sustenta em valores fundamentais do *ocio autotélico*: liberdade, satisfação e gratuidade. Esses valores se complementam com outros importantes, tais como identidade, superação e justiça. Assim, o *ocio humanista* requer formação e compromete-se com a defesa da dignidade humana, sendo sua prática um direito (Cuenca, 2000; 2004).

Ocio valioso, por fim, é uma evolução do conceito anterior (humanista). Ele é definido como a “*afirmación de un ocio con valores positivos para las personas y las comunidades, un ocio basado en el reconocimiento de la importancia de las experiencias satisfactorias y su potencial de desarrollo social.*” (Cuenca, 2014, p.26). O autor considera que o adjetivo “valioso” realça o valor social benéfico que se reconhece na prática de determinadas experiências de *ocio*, assim como sua capacidade de desenvolvimento humano. Para ele, isso não exclui a possibilidade de obtenção de outros tipos de benefícios, dentre os quais o econômico.

Concebido enquanto uma necessidade humana de satisfação, desfrute, distanciamento da realidade e realização pessoal ou comunitária, o *ocio valioso* é vivenciado de diferentes maneiras, em função das mentalidades, tradições e culturas dos diferentes povos. Por isso, o que a sociedade de consumo oferece não se identifica com o *ocio valioso*: este é uma experiência complexa que não depende da oferta/demanda, uma vez que se relaciona com a percepção dos praticantes e dos valores e potencialidades que pode desenvolver (Cuenca, 2014).

Esses conceitos são bastante conhecidos no contexto ibero-latino-americano. Porém, ainda não são muito utilizados por autores brasileiros, com exceção dos estudiosos que mantêm vínculos com a Universidade de Deusto, onde Cuenca sistematizou sua vasta produção teórica sobre o lazer, como por exemplo José Clerton Martins. Ambos organizaram, em parceria, o livro “*Ócio para viver no século XXI*” (Martins e Cuenca, 2008).

Seguindo outra linha de discussão, desde 1998 Antonio Carlos Bramante vem dedicando estudos à gestão da experiência do lazer. Um conceito formulado pelo autor foi publicado no dossiê intitulado “*Concepções e Significados do Lazer*”, que integrou o primeiro número da Revista Licere. Neste artigo, o autor explicita que o lazer é uma “dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, expressada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade” (Bramante, 1998, p.9).

O autor explica que a percepção de liberdade e a motivação intrínseca tornam mais rica a experiência de lazer. Além disso, pontua que sua vivência está diretamente relacionada “às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômicos e influenciados por fatores ambientais” (Bramante, 1998, p.9).

Em uma *live* realizada em julho de 2020 a convite da Fundação Luiz Almeida Marins

Filho (<https://www.youtube.com/watch?v=ZdK7L38309s&t=2961s>), Bramante comenta que revisou o conceito de lazer que ele elaborou em 1998. Na oportunidade, expressa seu entendimento de lazer num contexto marcado pela pandemia da Covid-19 e divulga uma pesquisa, sobre este tema, realizada por integrantes do grupo por ele coordenado, o Lagel – Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer –, ligado ao Gesporte da Universidade de Brasília.

Este conceito mais recente de lazer foi citado em um dos artigos que divulgou os resultados da pesquisa supracitada, e é transcrito a seguir:

O lazer é uma dimensão humana privilegiada para poucos, que se traduz pela vivência lúdica possível, realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade, na maioria das vezes, num tempo-espaço conquistado limitado, cuja qualidade está vinculada a um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas ao longo da vida. Trata-se de uma expressão genuína de vida, que valoriza a magia do inesperado, a subjetividade da experiência única, a riqueza dos sonhos e a gratuidade das relações humanas na plenitude da existência. (Bramante, citado por Teodoro et al, 2020, p.131).

As atividades do âmbito do lazer que são vivenciadas pelas pessoas foram expressas, neste artigo, como experiências de lazer, reafirmando o que o autor já havia pontuado anteriormente: “Tenho optado, ultimamente, pelo conceito de experiência ao invés de atividade, considerando o componente de qualidade que caracteriza o primeiro.” No seu entender, por mais que o ambiente de uma experiência de lazer seja recriado, ela é temporal/espacial, ou seja, é sempre nova, está sempre se renovando. (Bramante, 1998, p.11-12)

Outro aspecto digno de nota foi sublinhado pelo autor: “A ludicidade enquanto eixo principal da experiência de lazer, vem sendo uma das poucas unanimidades entre os diversos autores que teorizam sobre o significado do lazer” (Bramante, 1998, p.12). Tal constatação evidencia uma das peculiaridades quanto ao entendimento do lazer no Brasil, e a ludicidade também é considerada por autores que compreendem o lazer a partir de outros parâmetros, como veremos na sequência.

3.1.3 O lazer pela perspectiva da cultura

Embora o exercício de compreender o lazer pelo viés da cultura seja relativamente bem acolhido por estudiosos brasileiros, esta perspectiva é incipiente e, no plano internacional, não tem ressonância no campo do lazer.

Nesta linha, Nelson Carvalho Marcellino é um importante autor a ser considerado. No livro *Lazer e humanização* (1983), observa-se que a sua produção intelectual endossou, em muitos pontos, o pensamento de Dumazedier: por exemplo, nota-se o contraponto entre lazer e trabalho e entre lazer e ócio, bem como são feitas várias referências ao sociólogo francês.

Contudo, apesar da forte presença de Dumazedier, as análises de Marcellino (1987)

são redimensionadas em muitos aspectos. O posicionamento crítico e consistente deste autor trouxe novidades para o campo de estudos do lazer no Brasil e ganhou visibilidade, principalmente a partir da década de 1990.

No livro *Lazer e educação*, Marcellino (1987, p.31) conceitua o lazer

como a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. (Grifos do autor).

O autor redimensiona o lazer como cultura, o que um é uma importante contribuição para os estudos brasileiros sobre o tema. Entretanto, algumas heranças do pensamento de Dumazedier podem ser identificadas no conceito proposto por Marcellino, como a menção ao caráter “desinteressado”, ao “hedonístico” (busca de satisfação) e, em certa medida, ao “liberatório”. Nesse sentido, tal qual foi postulado por Dumazedier, o tempo disponível para o lazer implica liberação de determinadas obrigações.

O uso do lazer como meio de manutenção de valores comprometidos com o *status quo* foi um aspecto criticado por Marcellino (1987), o que também é relevante de ser mencionado. Indo numa direção contrária ao que ele nomeia de “lazer funcionalista”, salienta que o lazer tem um potencial revolucionário, pois, sua vivência pode estimular valores questionadores da ordem moral e social. Daí decorre a importância da “educação para e pelo lazer”, mas, só tem sentido falar em aspectos educativos do lazer se este for considerado em seu duplo aspecto educativo: como veículo e objeto da educação. Assim, a educação precisa ser pensada para além das instituições formais de ensino, num contexto amplo de atuação no plano cultural. Desse modo, o lazer poderá promover a participação cultural de sujeitos historicamente situados para além do nível conformista, alcançando patamares críticos e criativos.

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto dialoga com essa perspectiva. A autora argumenta que um dos principais desafios para a educação e para o lazer, num contexto de tantas e tão rápidas mudanças sociopolíticas e culturais, é a construção de conhecimentos necessários à formação crítica de cidadãos que considerem diferentes tempos, espaços e atividades cotidianas. Para a autora, o lazer pode ser compreendido como

tempo, espaço e oportunidade privilegiada de vivência cultural lúdica, ou seja, de vivência prazerosa por ser fruto da livre escolha dos sujeitos, expressando diferentes significados, especialmente de recreação, encontro, posse/pertencimento de seu espaço, empoderamento das ações vividas. (Pinto, 2018, p.26)

Este conceito foi inspirado nos resultados da pesquisa realizada, pela autora, sobre os sentidos e significados do tempo de lazer para jovens belo-horizontinos (Pinto, 2004). Ela comenta que os sujeitos históricos entrevistados anseiam pela valorização de suas

identidades e também pelo reconhecimento/posse de si mesmos, tanto na interação com outros sujeitos, como com o ambiente vivido no tempo do lazer. Nesse sentido, a concepção abraçada pela autora destaca que a produção cultural da vivência da alegria é construída pelo exercício da liberdade.

Leila explica que a dimensão cultural do lazer desvela as maneiras sobre como as diversas trocas são realizadas pelos sujeitos em diferentes âmbitos. Revela, ademais, de que maneiras os sujeitos produzem e consomem culturas no lazer, sendo que estas variam segundo as identidades e os modos de lidar com o tempo, com o espaço, com as atividades, estruturas culturais, valores, regras e relações constituídas nas comunidades, envolvendo a participação de crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e outros grupos humanos (Pinto, 2018).

Neste processo, é essencial ampliar a vivência de diferentes manifestações culturais individuais e coletivas, tais como as atividades físicas, esportivas, artísticas, turísticas, sociais, virtuais e na natureza, entre outras. As convivências entre os sujeitos geram oportunidades para a manifestação de valores democráticos no lazer, e também para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e da sociabilidade. Além disso, são relevantes para o domínio de diferentes linguagens e formas de (inter)comunicação, para a valorização de memórias, identidades e conhecimentos, e também para o desenvolvimento de capacidades requeridas pela vida cotidiana, como a sensibilidade, a autoestima e a imaginação (Pinto, 2018).

Assim, para a autora, o lazer evidencia tanto as riquezas, quanto as complexidades da vida sociocultural. Os sentidos e significados do lazer podem ser encontrados nos meandros da vida cotidiana: eles estão nas pessoas, no jeito de ser e de interagir, no tom de voz, nos diálogos e narrativas que fantasiam o vivido com o intuito de lidar com as alegrias e com os desprazeres derivados dessas experiências.

Como visto neste capítulo, cada autor ou autora entende o lazer de acordo com sua visão de mundo, seus valores, princípios e projetos políticos de sociedade, entre outros aspectos. Eu também dialogo com a perspectiva cultural e, na sequência, apresento a concepção de lazer com a qual venho trabalhando.

3.2 Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura

Como ponto de partida para esta discussão conceitual sobre o lazer, é essencial reconhecer que, apesar de serem pouco conhecidos, diferentes modos de vida social e dinâmicas culturais lúdicas são tecidas pelas coletividades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e ciganas, entre várias outras que subsistem no Brasil e em outros rincões do planeta.

Porém, nos contextos minoritários, nem sempre há uma palavra similar a “lazer” encarregada de nomear as práticas sociais que são vividas, localmente, como possibilidades

de desfrute sociocultural cotidiano, sem contar que nesses territórios o contraponto lazer/trabalho não é o balizador da vida cotidiana. Reconhecer a existência do lazer unicamente por meio de uma palavra ou de um conceito seria um encaminhamento restrito e insuficiente quando se considera o desafio de problematizá-lo e compreendê-lo de modo situado, isto é, levando em conta algumas das peculiaridades históricas, culturais, sociais, políticas, éticas e estéticas, entre outras, que expressam diversidades e singularidades locais. As festas e celebrações, as práticas corporais, os jogos, as músicas, as conversações e outras experiências culturais têm significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente, revelando a existência do lazer enquanto uma prática social cotidiana, complexa e contraditória.

Seguindo esta linha de interpretação, entendo o lazer como uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em diferentes tempos, lugares e contextos (Gomes, 2011).

Compreender as necessidades humanas segundo categorias axiológicas significa considerar os valores que são fundamentais à vida, e também os modos desenvolvidos social, cultural e historicamente para suprir essas necessidades. Neste sentido, o lazer é uma necessidade humana, assim como a necessidade de subsistência, de afeto, proteção, entendimento, liberdade, identidade, participação, criatividade e, de certa forma, de transcendência. As necessidades humanas são finitas e o que varia de uma cultura para outra, e em cada contexto histórico-social, são as incontáveis formas de satisfazê-las. Além disso, toda necessidade humana que não é satisfeita gera uma pobreza, seja ela ligada à subsistência, seja uma pobreza de afeto ou de lazer, por exemplo (Max-Neef et al, 1986).

Os autores supra citados esclarecem que, em geral, as necessidades humanas são consideradas como algo que falta e o fisiológico se sobressai porque expressa com muita força, e de forma inequívoca, a sensação de carência ou de falta. Contudo, as necessidades humanas expressam uma tensão constante entre carência e potência. Assim, as necessidades humanas são também potencialidades, pois, elas impulsionam, motivam e mobilizam as pessoas para satisfazê-las. Em um artigo anteriormente publicado (Gomes, 2014), este entendimento sobre as necessidades é explicado com mais detalhes.

As diferentes formas de satisfazer a necessidade de lazer, entre outras necessidades, são culturalmente determinadas. Por isso, o lazer é um componente da cultura caracterizado pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Dito de outra maneira, “o lazer representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas (...) em cada contexto histórico, social, político, cultural e historicamente situado.” (Gomes, 2014, p.12)

A ludicidade é inerente à condição humana, pois, as práticas culturais não são lúdicas por si mesmas: elas são construídas na interação do sujeito com a experiência

vivida. A ludicidade estimula os sentidos, exercita o simbólico e exalta as emoções, mesclando regozijo e frustração, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite. Por isso, pressupõe valorização tanto do processo vivido como do produto alcançado, sendo mantido o desejo de repeti-la, de conquistar novos desafios e de ampliar as oportunidades para o lazer (Gomes, 2004).

A ludicidade é uma possibilidade de expressão do sujeito criador que atribui significados à sua existência, ressignifica e transforma o mundo, como sublinha Debortoli (2002). Enquanto narrativa, a ludicidade se manifesta de diferentes maneiras (gestual, verbal, impressa, visual, artística, etc.), pode ocorrer em todos os momentos da vida e ser cerceada por vários fatores, tais como normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, costumes e contradições presentes em cada cultura.

As manifestações culturais que constituem o lazer são práticas sociais vivenciadas como desfrute e como fruição da cultura. Os sentidos e significados a elas atribuídos dialogam com os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto específico. Por isso, o lazer é um componente da cultura que possibilita “desfrutar a vida”: *frui vita*.

Por fazer parte na vida social cotidiana, o lazer abre possibilidades para que todas as pessoas, em todos os contextos, épocas e lugares desfrutem a vida por meio de diferentes manifestações culturais, tais como festas e eventos, música, dança, brincadeiras, jogos, práticas corporais, artes cênicas e visuais, textos literários, passeios, viagens, diversões eletrônicas e vivências virtuais, atividades comunitárias, ou, até mesmo, contemplação de objetos, pessoas, suas práticas e o mundo ao redor.

Possibilidades mais introspectivas como meditação, contemplação e relaxamento podem constituir notáveis experiências de lazer, junto com as demais vivências com potencial reflexivo. Os lazers vivenciados ludicamente podem assumir múltiplos significados: ao serem concretizados em um determinado tempo/espaço social, ao dialogarem com uma determinada conjuntura e, também, ao assumirem um papel peculiar para os sujeitos, para os grupos sociais, para as instituições e para as coletividades que os vivenciam histórica, social e culturalmente.

Quanto ao tempo e espaço do lazer, considero imprescindível problematizar as representações abstratas dessas categorias. Enquanto o espaço geralmente é coisificado ou negligenciado nas produções teórico-conceituais do lazer, o tempo é assimilado como se fosse “livre” mas, no fundo, é um resíduo do trabalho produtivo ou escolar. O espaço social não pode ser explicado sem o tempo social, e vice-versa, pois essas dimensões são inseparáveis (Santos, 1980): daí a relevância do lazer ser concebido enquanto parte constitutiva de territórios e territorialidades. Assim sendo, o tempo/espaço é um produto das relações sociais e da natureza e constitui-se por aspectos objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais – evidenciando conflitos, contradições e relações de poder.

Em suma, o lazer é aqui conceituado como uma necessidade humana e como

dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Desse ponto de vista, o lazer constitui-se na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social (Gomes, 2014).

Essa sistematização teórico-conceitual sobre o lazer, obviamente, não é isenta de críticas. Afinal, como visto, o mais comum é caracterizar o lazer como um fenômeno moderno, urbano e industrial que se opõe ao trabalho e às obrigações rotineiras. Entretanto, a relação de oposição entre trabalho e lazer permanece no século XXI e é paradoxal, pois, os supostos limites entre ambos são cada vez mais tênues e difusos na vida social cotidiana. Assim, algumas das categorias tão enfatizadas nos conceitos hegemônicos de lazer precisam ser problematizadas e superadas (Gomes, 2011; 2014).

Para finalizar, saliento que muitos conceitos de lazer em voga neste campo não foram aqui apresentados, por isso, é importante ampliar essa discussão por meio do estudo das próprias publicações dos autores citados, e de outros autores que vêm contribuindo com o avanço de conhecimentos sobre o tema. Será que os conceitos dos autores que não foram mencionados neste capítulo trazem elementos novos para o debate, ou incorporam os mesmos fundamentos que foram aqui destacados? Deixo esta indagação intencionalmente aberta, pois, poderá instigar outras reflexões e ampliar as oportunidades de aprofundar o debate teórico-conceitual sobre o lazer e o entretenimento na contemporaneidade.

3.3 Lazer e entretenimento

No Brasil, muitas pessoas que estudam o lazer por vezes usam com cautela a palavra “entretenimento”. Isso pode ser devido a várias razões. Uma delas é a carência, no campo do lazer, de debates atuais, consistentes e críticos e sobre o entretenimento. É comum encontrar publicações que mencionam os termos “lazer e entretenimento”, “entretenimento educativo”, “mídias de entretenimento” e “marketing de entretenimento”, por exemplo, sem que os significados destas expressões sejam ao menos esclarecidos. Embora diferentes visões circulem dentro e fora do contexto acadêmico, entretenimento ainda é um assunto nebuloso e repleto de lacunas. Como será tratado neste tópico, salvo exceções, raros são os estudos que conseguem explorar com profundidade esse fenômeno que, inegavelmente, tem um alcance global e avassalador neste século XXI.

Outra razão é o preconceito em torno do entretenimento enquanto uma experiência que diverte na mesma proporção que aliena as pessoas. Tal compreensão pode estar enraizada na tradicional política do “pão e circo”, ainda vigente, que é adotada em várias partes do mundo por governantes e outras lideranças. Trata-se de uma estratégia baseada na promoção de grandes espetáculos para entreter a população com o intuito de desviar a atenção dos problemas sociais, políticos e ideológicos que se aprofundam em vários contextos.

A política contemporânea do pão e circo tem outros desdobramentos que também geram ressalvas e preconceitos ligados ao entretenimento. Segundo Gabler (1999), as elites apreciadoras da arte consideram que o entretenimento é “lixo cultural” para as massas, materializado por meio de programas de rádio e TV, notícias veiculadas pela imprensa sensacionalista, romances sentimentais e baratos, canções populares do tipo clichê, espetáculos superficiais e frívolos, cinema que não passa de lugar-comum, sistema de estrelato imerso em futilidades e produtos de consumo fácil como o vídeo, o computador e a internet, entre outros citados pelo autor.

O paradigma do entretenimento abrange as diversões atreladas à produção e consumo de bens e serviços de lazer. Gabler (1999) salienta que ele predomina nos Estados Unidos e em todos os países que são influenciados pela cultura popular americana, exercendo impactos na economia, na política, na cultura, na religião e, principalmente, na maneira como as pessoas vêem e atribuem sentidos às suas próprias vidas. Visto por este ângulo, o entretenimento é um filão de mercado encarregado de divertir e distrair as pessoas com a finalidade de maximizar os lucros.

De acordo com Trigo (2003), o entretenimento sofreu influência das novas tecnologias e métodos de gestão próprios do capitalismo pós-industrial. Sendo algo relativamente novo no mundo, o entretenimento refere-se a atividades programadas e geralmente pagas com capacidade de gerar receitas anuais, no mundo, da ordem de 500 bilhões de dólares – um montante que hoje, 20 anos depois que este estudo foi publicado, certamente está subestimado. O autor destaca que a visão de entretenimento como atividades programadas (e na maioria das vezes pagas) é condizente com os conceitos adotados, em especial, pelo empresariado norte-americano. Um dos pioneiros do setor é o grupo Disney, que trabalha sinergicamente ao congregar estúdios de cinema, filmes, TV aberta e TV paga, parques temáticos, hotéis de lazer, navios de cruzeiros marítimos e licenciamento de produtos comercializados nas lojas Disney e em outros setores do varejo global.

Nesta linha, conforme os estudos de Pina (2016), o entretenimento diz respeito a distintas formas de assistir, acompanhar e desfrutar os serviços de lazer que são oferecidos, por uma organização, para uma audiência. Assim entendido, o entretenimento tem como finalidade “propiciar momentos agradáveis e divertidos, bons para a alma (como observou Glover) e descomprometidos, proporcionando sensações e emoções (como indicou Murakami).” Em suas conclusões, o autor comenta que “o entretenimento é uma categoria do lazer voltada para as atividades que divertem e distraem.” (p.19)

Earp (2002) salienta que o entretenimento é uma atividade voluntária e espontânea que capta a atenção da pessoa e pode ser livremente interrompida, segundo a sua vontade. Como a principal característica do entretenimento é proporcionar diversão, ele é altamente sedutor. A maioria das pessoas se dedica a uma atividade de entretenimento durante um certo tempo, após o qual se satura e busca outra opção.

Visando esclarecer o que é entretenimento, David Glover (2011) pontua que ele pode

ser uma entre duas possibilidades, ou a combinação de ambas: pode ser uma experiência ou um negócio. Quando o entretenimento é compreendido como uma experiência, refere-se ao fato de uma pessoa se divertir ou se distrair com algo. A diversão acontece quando alguém se entretém com alguma performance ou com outros meios, seja decifrando palavras-cruzadas ou participando de algum jogo, como exemplifica o autor. Ele considera que a experiência de entretenimento, por um lado, pode ser divertida e satisfatória para nossas almas ou para o nosso bem-estar, mas, por outro, pode pesar muito nas emoções: pode oferecer alegria e felicidade às pessoas, ou, ao contrário, desencadear sentimentos de tristeza.

Glover (2011) prossegue sua explanação afirmando que quando o entretenimento é visto como empresa, quer dizer que alguém é atraído pelos produtos de um negócio conhecido como “indústria do entretenimento”. Também chamada de indústria de massa, ela é um mercado que movimenta vários trilhões de dólares e envolve criatividade, trabalho e serviços de um enorme espectro cruzado de comércio. A indústria do entretenimento proporciona diversão por meio de uma infinidade de produtos e serviços, como músicas e filmes, de modo que a força e o crescimento desse negócio giram em torno das artes. O autor pontua que este negócio não escapa das críticas de artistas, consumidores e público em geral. Devido às controvérsias quanto à associação do entretenimento com a arte, este último termo é usado com moderação nos anúncios veiculados pela mídia de massa que envolvem venda, promoção e marketing de produtos no ramo da música, cinema, TV, etc.

O autor já notava que o setor do entretenimento que mais cresce no mundo é o eletrônico. Também chamado de entretenimento digital, este segmento inclui videogames, livros, filmes, músicas, TV, rádio, conteúdo SMS, internet, *smartphones*, *iPads* e muitos outros dispositivos e sistemas de comunicação móvel. A indústria do entretenimento do século passado – como os pioneiros estúdios de gravação e cinema, com suas redes de transmissão para rádio e TV – foi radicalmente transformada, disponibilizando agora vários produtos para download através da internet.

Os vínculos do entretenimento eletrônico/digital com as redes sociais estão transformando o comportamento dos consumidores e da sociedade em geral, principalmente no que diz respeito à forma como nos comunicamos e empregamos o nosso tempo. Ainda de acordo com Glover (2011), como o entretenimento e a mídia social se fundiram intensamente na era digital, provocam polêmicas em relação às redes sociais, seja para uso pessoal ou negócios. Baseado na opinião de especialistas, o autor ressalta que as redes sociais estão mudando o cérebro das crianças, resultando em jovens egoístas e com problemas de concentração. Para ele, é real o perigo das nossas mentes ficarem infantilizadas num futuro muito próximo, com capacidade restrita de atenção, senso instável de identidade e pouca empatia.

Alguns desses aspectos foram problematizados pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2019) no livro “Bom entretenimento: uma desconstrução da história da paixão

ocidental”, publicado originalmente em 2007 na Alemanha. Como sugere o título deste ensaio filosófico, o autor aprofunda a discussão entre paixão e entretenimento com o intuito de mostrar como ambos se articulam, cultural e historicamente, na sociedade ocidental. O autor dialoga com diferentes pensadores – como Nietzsche, Baudrillard, Debord, Adorno, Benjamin, Marcuse, Freud, etc. – para analisar a cultura do entretenimento contemporâneo e questionar o seu impacto em nossas vidas e na sociedade.

Han (2019) faz contundentes críticas à cultura do entretenimento contemporâneo por considerá-la uma forma de espetacularização, consumo rápido, superficial e descartável de distrações que prometem satisfação imediata. O entretenimento é uma narrativa poderosa e sedutora porque a atração que ele exerce é mais efetiva do que a coação. O autor sentencia: o entretenimento contemporâneo é um prazer superficial e desprovido de sentido que não oferece experiências significativas ou duradouras, pois, o que importa é a obtenção de lucro para as empresas.

Como as análises efetuadas por este autor podem fornecer contribuições interessantes para a discussão sobre o entretenimento, serão retomadas adiante. Por ora, considerando os fundamentos já expostos neste tópico, cabe tecer algumas considerações sobre essa temática no âmbito do lazer. Como foi tratado anteriormente, o entretenimento designa uma multiplicidade de experiências culturais desfrutadas na vida cotidiana como lazer que podem proporcionar diversão: sejam elas comercializadas ou gratuitas, individuais ou coletivas, presenciais ou online, espontâneas ou preparadas para uma audiência, críticas ou conformistas. Porém, da maneira como vem sendo configurado na sociedade contemporânea, o entretenimento geralmente é entendido como uma faceta comercial, consumista, alienada e alienante do lazer.

É importante aclarar que o problema não é o entretenimento em si mesmo, tampouco o consumo cultural que, geralmente, é associado a ele. O problema é o perverso e voraz mercado que trata tudo como produtos, inclusive as pessoas, coisificando-as. O mercado de entretenimento é movido por essa lógica e seu crescimento tem sido exponencial nos últimos anos graças aos modismos, à massificação cultural e ao consumo descartável de passatempos. Trata-se de um lucrativo negócio que influencia o comportamento das pessoas, tornando-os previsíveis, aumentando assim a captação de consumidores. Em especial, daqueles que buscam válvulas de escape para as tensões, se contentam com superficialidades e, exatamente por isso, ficam mais vulneráveis às artimanhas do mercado.

Isso é preocupante não somente devido ao impacto econômico negativo que o consumo desenfreado de produtos de entretenimento pode ocasionar na vida das pessoas, mas também porque favorece a evasão da realidade e apresenta riscos à saúde mental, emocional, física e social. A lógica imperante contribui, assim, com a manutenção da ordem social perversa e excludente verificada em nosso contexto. O acesso a um vasto leque de experiências culturais de lazer não é a realidade de todos, principalmente num país marcado por tantas desigualdades sociais como o Brasil. Sem contar que diferentes tipos

de entretenimento, como aqueles proporcionados por produtos tecnológicos inovadores, requerem habilidades, conhecimentos, ferramentas e recursos inacessíveis para muitos. Portanto, a apropriação e a assimilação das experiências culturais que entretêm as pessoas envolvem questões objetivas, subjetivas, materiais e simbólicas.

Para muitas pessoas, as estratégias do mercado podem passar despercebidas. Porém, mesmo quando as pessoas valorizam o pensar crítico e desvelam as intenções mercadológicas que estão por trás daquilo que é difundido como um simples entretenimento, é emblemático o fato delas seguirem imersas neste universo comercial. Isso é um indício de que o paradigma do entretenimento está plenamente incorporado à vida cotidiana, ratificando a importância dos profissionais interessados em aprofundar conhecimentos sobre o lazer dedicarem uma atenção especial a este tema.

Para avançar nesta direção, reitero que é preciso distinguir o mercado de entretenimento – que opera com oferta, demanda, preço e renda, entre outras variáveis –, do entretenimento enquanto uma experiência cultural. Apesar dessas duas perspectivas estarem cada vez mais entrelaçadas nas sociedades de consumo, não se pode ignorar as complexas tramas sociais que circundam as experiências contemporâneas de entretenimento. O fato do entretenimento estar enraizado no lazer também não pode ser desconsiderado: ele atrai tantas pessoas porque tem o potencial de divertir, além de contemplar diversificados interesses.

Via de regra, o entretenimento também é assimilado como válvula de escape para as pressões sufocantes do dia a dia. Nesse sentido, o tédio é amenizado enquanto uma revista é folheada, as últimas notícias são verificadas, um painel de LED é visualizado ou um celular conectado à internet é usado para acessar uma infinidade de entretenimentos. Além das redes sociais, o entretenimento online pode ser fruído por meio de *podcasts*, *games*, clipes musicais, vídeos de humor e conteúdos produzidos por *coachs* e “influenciadores digitais” que, frequentemente, vendem ilusões. Entretenimentos como estes distraem a pessoa mesmo que seja por alguns instantes, dando a impressão que o tempo passa mais depressa. Todavia, o consumo automático de passatempos que, supostamente, são inofensivos, pode gerar problemas de diferentes naturezas.

Como observa Han (2019), o avanço tecnológico e a globalização possibilitaram uma propagação sem precedentes de diferentes formas de entretenimento. “Entretenimento crônico” é o termo escolhido pelo autor para descrever a natureza onipresente e incessante da busca por entretenimento na sociedade contemporânea. Esse fenômeno se manifesta de várias maneiras e, como veremos, tem sérias implicações na experiência humana.

O autor se refere à sociedade contemporânea como uma “sociedade do excesso” que, por meio do entretenimento crônico, nos bombardeia com uma profusão de informações e estímulos. Nesse contexto, a cultura do entretenimento oferece uma multiplicidade de experiências superficiais e efêmeras desprovidas de significados duradouros e profundos. O vazio dessas experiências pode levar a uma anestesia cultural que mina a possibilidade

de compreender as questões mais complexas da vida e da sociedade. Han (2019) denomina de estética do vazio a busca por prazeres superficiais, efêmeros e desprovidos de significados duradouros que induzem a alienação das pessoas em relação à realidade, à arte e às paixões significativas. Essa estética do vazio tem consequências para a forma como vivemos, nos relacionamos e percebemos o mundo.

Como argumentado pelo autor, a natureza incessante do entretenimento crônico pode levar à fadiga da atenção, pois, a exposição permanente a estímulos rápidos e fragmentados diminui a capacidade de concentração e de reflexão crítica. A rápida sucessão de estímulos com a conseqüente mudança de foco também culminam em experiências superficiais de entretenimento. A profundidade dessas experiências é frequentemente comprometida porque prevalece a busca por prazeres instantâneos.

Ponderando sobre o universo digital, o autor lembra que as imagens e as representações se tornam mais reais do que a própria realidade. Além disso, o “homo digitalis [‘homem digital’] é tudo menos um ‘ninguém’”. Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. (...) ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção” (Han, 2018, p.28-29). As mídias e redes sociais são uma importante vitrine para essa exposição. Nas redes sociais, em especial, o entretenimento contemporâneo mescla-se com o narcisismo. Como as pessoas são incentivadas a apresentar uma imagem idealizada de si mesmas, a cultura do entretenimento impulsiona a autopromoção. Logo, destacar-se nas redes sociais, angariar seguidores e obter likes torna-se vital para vencer a invisibilidade. Mas isso acaba interferindo na conexão das pessoas com suas aspirações e experiências genuínas, ou seja, com o que realmente deveria importar para elas.

Na percepção de Han (2019), os usuários das redes sociais são ávidos por atualizações, notícias e conteúdos que possam entretê-los. Essa busca contínua por novidade é outra marca do entretenimento crônico, uma vez que as pessoas estão sempre interessadas nos conteúdos que estão “viralizando” e nas *trends* do momento. Além disso, o entretenimento crônico está ligado à busca de estratégias para satisfazer o anseio pela aprovação nas redes sociais. Nesta perspectiva, as pessoas podem se sentir compelidas a compartilhar suas atividades e interagir na rede como uma forma de validação social. O autor considera que, apesar da aparente conectividade, as interações online são superficiais e podem enfraquecer as relações interpessoais autênticas, gerando sentimentos de solidão e inadequação. Assim, a busca por validação externa forja uma autenticidade frágil e superficial, uma vez que as interações e experiências podem ser concretizadas nas redes sociais apenas para suprir o desejo de impressionar os outros.

Em suma, Han (2019) explora as implicações e os desafios da cultura do entretenimento contemporâneo para compreender como ela afeta a subjetividade e o mundo em que vivemos. O autor critica o entretenimento crônico por sua tendência a comprometer a capacidade das pessoas de experimentarem momentos significativos e autênticos. A

superficialidade reinante pode levar à alienação cultural, falta de profundidade nas relações interpessoais e perda da capacidade de reflexão, o que pode ter efeitos profundos na nossa atenção, nas nossas relações e na nossa experiência de vida.

Em contraposição à superficialidade e à falta de sentido do entretenimento crônico, o autor argumenta que é preciso adotar uma postura contemplativa, autêntica e significativa, que seria a base do “bom entretenimento”. O termo cunhado por Han (2019), provocativo em seu contexto, é mais complexo e crítico do que parece. O autor não está defendendo um tipo específico de entretenimento, o que ele faz é questionar as noções tradicionais, assim como as experiências superficiais que o constituem nas sociedades contemporâneas. Para superá-las, é preciso encontrar maneiras mais autênticas de vivenciar o entretenimento e construir significados mais profundos para essa experiência. A busca por significado requer aprendizado para apreciar o silêncio, a introspecção, a reflexão profunda e a conexão genuína com nós mesmos, com os outros e com o mundo ao redor. Esses elementos são essenciais para o “bom entretenimento” proposto pelo autor.

Como o entretenimento contemporâneo “consegue escapar de qualquer limitação temporal e funcional” (Han, 2019, p.202), não está mais circunscrito à esfera do chamado tempo livre. O entretenimento engendra, assim, “um novo modo de conduzir a vida, uma nova experiência do mundo e do tempo” (p.203) que favorece uma fusão entre trabalho, lazer, estudo e outras atividades sociais. De fato, com o avanço tecnológico, as fronteiras temporais e espaciais entre as diferentes esferas sociais estão cada vez mais difusas. Por isso, o autor enfatiza que o entretenimento está em toda parte: é onipresente.

Mesmo que o entretenimento não esteja mais circunscrito ao lazer, como postula o autor, é inegável que ambos estão diretamente relacionados. Se o entretenimento contemporâneo é onipresente, no meu entender isso significa que a “lógica” do lazer está alcançando diferentes âmbitos da vida social cotidiana. Mesmo que o lazer seja desvalorizado no plano do discurso por ser considerado algo improdutivo, nas entrelinhas deste mesmo discurso ele afirma sua importância na vida das pessoas. Afinal, quem busca entretenimento pretende vivenciar, ludicamente, diferentes atividades culturais no tempo/espaço social que dispõe – ou seja, pretende desfrutar o lazer.

Porém, a qualidade da experiência varia conforme a situação. Se usarmos a metáfora da cebola, é como se o lazer tivesse muitas camadas e o entretenimento fosse uma delas. Sendo o entretenimento uma das camadas externas e mais visíveis do lazer, o perigo é ficar na superficialidade da ação. Além disso, quando o entretenimento é vislumbrado como uma alternativa para escapar das complexidades da vida cotidiana, mais vulnerável a pessoa fica a opressões sociais, culturais, políticas, ideológicas e econômicas, entre outras.

Embora o entretenimento superficial, efêmero e alienado seja o mais comum, dependendo das circunstâncias, muitas pessoas podem ser desafiadas a alcançar as camadas mais profundas da “cebola”. Sob esse ponto de vista, é fundamental reconhecer que o entretenimento pode ser fruído, produzido ou “culturalmente consumido” com

criticidade. É assim que o lazer pode estimular reflexões e contribuir com o desenvolvimento de habilidades, com a autoexpressão, com a criação de identidades e com a defesa de pautas sociais comprometidas com a diversidade e a inclusão, por exemplo. Isso requer aprendizado, daí a importância da educação crítica para que nossas experiências de lazer e entretenimento sejam contextualizadas, consistentes e dotadas de sentido.

O sentido de entretenimento enquanto uma possibilidade de desfrute crítico e criativo do lazer precisa, portanto, ser reconstruído. Estou de acordo com Han (2019): a sociedade precisa aprender a valorizar o entretenimento sem reduzi-lo a meras distrações. Mesmo correndo o risco de surgirem interpretações distorcidas sobre os desafios hoje colocados para o lazer e o entretenimento, considero que ambos podem ser fruídos com uma postura reflexiva, subjetiva e significativa por meio de diferentes experiências, tais como contemplar uma paisagem com mais acuidade, dançar ou caminhar conectando-se com o mundo ao redor, perceber os sentidos que emergem da observação de nuvens no céu, cantarolar ou escutar uma canção considerando seus significados, ir além das superficialidades ao interagir com alguém.

Para além dos exemplos singelos e gratuitos supracitados, o entretenimento comprometido com a reflexão e com a busca de significados mais profundos também pode ser exercitado por meio do consumo cultural de filmes, séries, livros e músicas, entre muitas outras possibilidades. Mesmo que o entretenimento não dependa de uma audiência para ser vivenciado, isso acontece em várias ocasiões, como no caso dos programas de TV, espetáculos artísticos e esportivos, eventos sociais e culturais, etc. Experiências culturais como estas detêm um considerável potencial econômico e, como visto, são amplamente comercializadas na forma de bens e serviços de lazer encarregados de entreter com o intuito de distrair ou, simplesmente, de passar o tempo. Por certo, a superação desta lógica expande consideravelmente os desafios aqui colocados.

Como foi discutido neste tópico, estes desafios se tornam ainda maiores quando pensamos no entretenimento digital, uma vez que os interesses hegemônicos que regem a “sociedade do excesso” e perpetuam a “estética do vazio” (Han, 2019) não abrem brechas para que ele seja desfrutado de forma contemplativa, reflexiva, profunda e autêntica. Apesar de não ser fácil nem simples, há possibilidades para que o “bom entretenimento” inspire a busca por profundidade não somente nas experiências de lazer, mas da vida de forma geral. Contudo, ainda não sabemos como, quando e até que ponto isso pode, de fato, ser concretizado.

Que esta incerteza nos mobilize, enquanto estudiosos e profissionais inseridos no campo do lazer, a compreender o entretenimento e, em especial, o entretenimento online porque ambos se fazem cada vez mais presentes em nossas vidas cotidianas.

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE O LAZER NO CENÁRIO INTERNACIONAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Dando continuidade ao que foi apresentado anteriormente, este capítulo aborda alguns aspectos relacionados à produção de conhecimentos sobre o lazer no contexto internacional.

Este assunto será tratado em dois tópicos. O primeiro deles faz uma abordagem panorâmica dos estudos do lazer/recreação no contexto latino-americano. Para isso, foi realizada uma pesquisa que teve como principal objetivo identificar as fragilidades e os avanços no campo do lazer/recreação na América Latina. Alguns resultados desta pesquisa foram divulgados em um artigo publicado em 2018 na Revista do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP.¹

O segundo tópico contempla reflexões sobre algumas publicações sobre o lazer de autoria de estudiosos de diferentes países. Há, também, ponderações sobre três obras publicadas, na Europa, nas duas primeiras décadas do século XXI. Pela diversidade e abrangência dos temas discutidos, essas publicações internacionais ajudam a identificar o que tem sido produzido nesse campo de estudos em diferentes partes do mundo – mais precisamente, até o período que antecede a pandemia da Covid-19.

4.1 Estudo do lazer/recreação na América Latina: um panorama²

Delinear um panorama dos estudos do lazer na América Latina é uma tarefa pretenciosa e, de certa forma, impossível de ser realizada. De acordo com o PNUD (2016), essa região engloba 42 países e territórios distribuídos no continente e no Caribe. Mesmo que seja possível identificar características comuns entre eles, a região contempla realidades heterogêneas e uma expressiva diversidade cultural.

Num cenário de impossibilidades, a discussão panorâmica dos estudos do lazer/recreação é aqui vislumbrada como uma possibilidade de contemplar alguns aspectos dessa temática. Nesse sentido, este tópico procura investigar as fragilidades e os avanços desse campo de estudos no contexto latino-americano.

Com isso em mente, foi realizada uma pesquisa qualitativa que contou com estudo bibliográfico e questionário, que foi respondido por estudiosos latino-americanos do lazer/recreação. Os critérios de seleção de especialistas foram os seguintes: a) ser latino-americano, b) estar inserido profissionalmente no campo do lazer/recreação em seu país, c) ter participado de projetos e ações nesse campo de estudos e intervenções, tanto nacionais

¹ Esta edição conta com artigos escritos por diferentes estudiosos brasileiros e está disponível no link: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/696_EDICAO+ESPECIAL+PERSPECTIVAS+CONTEMPORANEAS+DO+LAZER+ISSN+24482773.

² Sempre que necessário, o termo lazer/recreação será utilizado neste texto para designar o campo de estudos abarcado, o que não significa desconsiderar as possíveis diferenças conceituais entre essas duas palavras (Gomes, 2008, 2010, 2020).

como internacionais, d) ter proferido palestras em eventos nacionais e internacionais, e publicado trabalhos sobre a temática, e) participar voluntariamente da pesquisa, aceitando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e f) ter disponibilidade para responder o questionário no prazo preestabelecido.

Seguindo esses critérios, foi feita uma busca na internet por meio do website google acadêmico de cada país latino-americano, visando identificar os potenciais voluntários com produção destacada e consolidada sobre a temática, que pudesse ser acessada pela internet. Feito este mapeamento, foi enviado por e-mail um convite de participação na pesquisa para o primeiro nome que aparecia nesta busca, por país. A cada convidado que respondeu positivamente, foi enviado o link de um questionário online disponibilizado pelo Google Formulários, contendo 10 perguntas.

No período preestabelecido, profissionais de 14 países latino-americanos responderam o questionário e formalizaram sua participação voluntária na pesquisa: Argentina (Silvana Suárez), Brasil (Ricardo Uvinha), Chile (Andrés Ried), Colômbia (Esperanza Osorio), Costa Rica (Carmen Grace Salazar), Cuba (Aldo Perez Sanchez), Equador (Carmita Quizhpe), México (José Luis Cervantes), Paraguai (Graciela Jara), Peru (Oscar Colque), Porto Rico (Josue Gimenez), República Dominicana (Rosmery Paulino), Uruguai (Ricardo Lema) e Venezuela (Alixon Reyes).

Esses especialistas possuem vínculos com redes de investigação ou grupos de pesquisa sobre recreação/lazer. Considerando a qualificação acadêmica, até 2018 todos já tinham realizado o mestrado. Três deles estavam finalizando o doutorado e nove já eram doutores, entre os quais três já tinham feito pós-doutorado. A alta qualificação desse grupo não condiz com a realidade de todos os estudiosos latino-americanos, pois, segundo García Guadilla (2010), aproximadamente 1/3 dos pesquisadores da região possui doutorado.

Considerando a bibliografia e as informações fornecidas pelos participantes da pesquisa³, os resultados do trabalho investigativo serão apresentados a seguir.

Geralmente, o ponto de partida para muitas intervenções recreativas no contexto latino-americano situa-se no início do século XX, como parte das propostas concretizadas pela YMCA (sigla internacional da Associação Cristã de Moços) e pelo movimento *Boy Scout*. Outro aspecto relevante é a ênfase no empirismo e na técnica que, muitas vezes, caracteriza a recreação na América Latina como uma intervenção educativa (Gomes et al, 2009).

No que diz respeito à produção acadêmica, as sistematizações sobre o lazer (*leisure/ocio*) foram ampliadas em alguns países da região na década de 1970, mas, continuam embrionárias em outros países, principalmente naqueles que estão situados no Caribe. Apesar da palavra mais difundida e legitimada nesse contexto ser *recreación* (recreação/

3 As respostas dos especialistas que, originalmente, estavam em espanhol, foram traduzidas para o português, com exceção dos termos *recreación*, *ocio* e *tiempo libre*, que foram preservados conforme o registro feito nos questionários. Os relatos foram citados da seguinte maneira: (Sobrenome, país, ano).

recreation), há uma recente abertura do campo acadêmico latino-americano de língua espanhola aos estudos do “*ocio*” (Gomes, 2011, 2017).

Alguns autores latino-americanos consideram que as dificuldades e imprecisões conceituais em torno dos termos *recreación*, *ocio* e *tiempo libre* precisam ser repensadas e superadas (Osorio, 2009; Suárez, 2009; Ried, Leiva, Elizalde, 2009). Nesta pesquisa, isso também foi considerado problemático por alguns especialistas que participaram da pesquisa, conforme evidenciado nos relatos a seguir.

Fragilidades: A delimitação do objeto de estudo. (...) muitas vezes, as abordagens se circunscrevem às atividades e jogos realizados, invisibilizando a complexidade do conceito. (Suárez, Argentina, 2018)

Debilidades: confusão devida aos termos empregados (*recreación*, *ocio*, *esparcimiento*, *leisure*, *lazer*), sobretudo em espanhol. Não há consenso. (Salazar, Costa Rica, 2018)

Fragilidades: Emprego das categorias *ocio*, *tiempo libre*, *recreación*, *animación*, *juego*, com significados diversos, utilizando as mesmas fontes e confundindo os pesquisadores principiantes. (Cervantes, México, 2018)

Uma das preocupações expostas por Aguilar (2009, p.307) gira em torno do fato das definições de *ocio*, *recreación* e *tiempo libre* continuarem sendo utilizadas de maneira indistinta, tanto no México como em outros países da América latina. Esse problema foi também identificado por Noya (2017) nas leis e planos de três dos quatro contextos nacionais/municipais latino-americanos que foram por ela estudados (Bolívia, Equador, Colômbia e Peru), assim como nos entendimentos da maioria dos gestores entrevistados pela autora.

Na presente pesquisa foi solicitado aos especialistas que explicitassem os conceitos de recreação e de lazer mais utilizados em seus países. Esse exercício evidenciou uma multiplicidade de visões, por vezes com sobreposições de categorias e imprecisões conceituais, o que é um desafio pendente para os pesquisadores da região. Mesmo que os autores adotem pontos de vista diferentes, é essencial identificar, reconhecer, legitimar e discutir as distintas abordagens e perspectivas de análise conceitual elaboradas tanto nos países latino-americanos, como em outros continentes.

Sobre este aspecto, o uso descontextualizado de teorias produzidas em países que contrastam com as realidades latino-americanas foi salientado como uma dificuldade a ser enfrentada por estudiosos e profissionais do lazer/recreação:

[É importante] situar os estudos ancorados em nossas realidades e, a partir disso, interpelar conceitos eurocêntricos e colocá-los em tensão, para tentar (re)construí-los a partir de nossas experiências e saberes. (Suárez, Argentina, 2018)

As formas de *recreación* devem ser estudadas com uma óptica diferente da adotada pelos países industrializados. Se faz necessária uma epistemologia própria, pois a maioria dos autores é estrangeira. (Osorio, Colômbia, 2018)

Existe pouca informação significativa que gere câmbios; temos adotado conceitos europeus, o que não está mal, mas não é próprio de nossa identidade. (Colque, Peru, 2018)

O estudo do *tiempo libre* e da *recreación* na América Latina tem poucos anos e requer pesquisas que possam oferecer a oportunidade de analisar este fenômeno conforme a óptica de nossa região. (Quizhpe, Equador, 2018)

Escassa pesquisa empírica baseada no que as pessoas fazem, sentem, pensam e dizem a respeito do *ocio*, *tiempo libre* e *recreación*, a partir do qual se teorize; (...) Teorias importadas (“colonização teórica”), descontextualizadas. (Cervantes, México, 2018)

A preocupação contida nesses relatos diz respeito à necessidade de produzir conhecimentos sobre a recreação e o lazer que dialoguem com as particularidades históricas, socioeconômicas, políticas, culturais e étnico-raciais, entre outras, que são partilhadas pelos países e territórios da América Latina. Como já foi salientado nos capítulos anteriores, não se trata de desvalorizar o conhecimento produzido por autores dos países do Norte geopolítico, mas de assumir uma postura consistente e crítica diante dessa produção, sistematizando conhecimentos novos e contextualizados.

Outro especialista destacou a importância de os pesquisadores latino-americanos estabelecerem intercâmbios e parcerias propositivas com centros de pesquisa sobre o lazer em âmbito mundial:

(...) defendo a possibilidade de uma congregação de grupos de pesquisa latino-americanos, destacando a nossa tradição nos estudos do lazer numa relação propositiva e não subserviente. (Uvinha, Brasil, 2018)

O intercâmbio com centros de pesquisa e pesquisadores internacionais de todo o mundo é fundamental para a construção de propostas inovadoras, baseadas em relações de reciprocidade, interdependência e solidariedade entre as partes envolvidas. Como explicam Ulhrich e Carrion (2015), é imprescindível construir propostas de cooperação bilateral onde não haja imposição de ideias, postulados e práticas, e onde prevaleçam o respeito e valorização das particularidades locais. Num cenário de cooperação, os países envolvidos têm muito a ganhar, assim como os pesquisadores de diferentes disciplinas.

Outra fragilidade identificada pelos especialistas está relacionada com as tensões do Lazer/Recreação com a área da Educação Física que persistem na América Latina.

(...) a *Recreación* continua sendo considerada como parte, como um apêndice, da Educação Física. (Salazar, Costa Rica, 2018)

A proliferação de agentes que operam no campo [recreativo] gerou, ao longo do tempo, uma sólida trama em que diversos atores operam e disputam um lugar. Isso gera tensões lógicas entre diferentes atores, mas principalmente com o profissional que historicamente foi associado a essas práticas, o professor de educação física. (Lema, Uruguai, 2018)

Embora haja avanços nas discussões no campo acadêmico/científico, ainda falta resolver a delimitação do campo de estudo. Isto se vincula à ideia mais tradicional dos estudos, associada à *Recreación* e ao campo da Educação

Física/Esporte. (Suárez, Argentina, 2018)

Os estudos sobre *Recreación* se relacionam mais com a área da Educação Física, por isso eles se encontram nos programas de graduação das Universidades que contam com carreiras de Educação Física e Ciências do Esporte. (Jara, Paraguai, 2018)

Como foi tratado no primeiro capítulo desta obra, em geral os vínculos entre essas duas áreas são históricos na América Latina (Gomes, 2008; Gomes, Melo, 2003; Gomes, Elizalde, 2012). Nesse âmbito, as políticas públicas de lazer/recreação em muitos países da região têm como conteúdo cultural predominante o físico-esportivo, negligenciando outros conteúdos culturais (Noya, 2017).

Esse tipo de dificuldade também foi identificado nas narrativas dos especialistas.

O campo da *recreación* se mantém num lugar de subalternidade nas políticas públicas em relação ao esporte e à atividade física, o que compromete o recurso assignado a ela (...). (Osorio, Colômbia, 2018)

Cada dia há menos recurso, por parte do Ministério, para apoiar as atividades de *recreación* e esportes. (Paulino, República Dominicana, 2018)

O principal *déficit* hoje, em nosso país, é a ausência de uma política pública de desenvolvimento do campo em nível nacional. Há boas experiências em algumas municipalidades, mas o Estado nacional está ausente no campo. (Lema, Uruguai, 2018)

Uma política pública, de fato, é essencial para promover avanços no campo de estudos do lazer/recreação, inclusive no que diz respeito à pesquisa.

A criação do *Plan Nacional de Recreación* (primeira expressão histórica de política pública no campo da *recreación* na Venezuela) gerou possibilidades para o desenvolvimento exponencial da pesquisa, uma situação que ainda não havia sido aproveitada pelo setor universitário e pela comunidade acadêmica. (Reyes, Venezuela, 2018)

De acordo com Núñez (2010), a América Latina precisa de mais investimentos em pesquisa, ciência e tecnologia, e de maiores aproximações com o mercado de trabalho, o que também foi sublinhado por Mollis (2010). A escassez de pesquisas e de análises qualitativas, de publicações e de eventos científicos consistentes, foi amplamente enfatizada pelos participantes do estudo, como pode ser verificado nos relatos que se seguem.

A produção de conhecimento é incipiente quanto ao desenvolvimento de técnicas, ao desenvolvimento metodológico ou aos fundamentos teóricos que orientam a ação. (Lema, Uruguai, 2018)

(...) a pesquisa em lazer entre os países da América Latina ainda se realiza de forma pontual. (Uvinha, Brasil, 2018)

As principais fragilidades no país, dentro do campo de estudos da *Recreación*, referem-se à pouca pesquisa realizada nesse terreno e à sistematização da Gestão de projetos recreativos, que abarque a maior população possível. (Jara, Paraguai, 2018)

(...) como fragilidade podem ser citados, principalmente, o campo da pesquisa

e a publicação de trabalhos sobre o tema de *Recreación e Ocio*. (Paulino, República Dominicana, 2018)

(...) ainda que tenham sido realizados certos esforços investigativos e o estado geral do trabalho realizado nos últimos anos possa ser caracterizado globalmente como de inquestionável crescimento quantitativo, não se logrou paralelamente a coerência e o enfoque integral e perspectivo que permitam elevar qualitativamente seu nível, utilização e eficácia. (Perez, Cuba, 2018)

Falta de grupos e de redes de pesquisa sobre *ocio, tiempo libre e recreación* (...). A pesquisa é incipiente; faltam eventos acadêmicos sobre esta temática que resgatem pesquisadores ou estudiosos desconhecidos; faltam traduções latino-americanas para outros idiomas. (Cervantes, México, 2018)

Debilidades: poucas pessoas pesquisam, ainda há poucos graduados em *Recreación*, a pesquisa só é fomentada e apoiada nas universidades (...), não se conta com uma revista especializada na profissão, se carece de políticas públicas em *recreación* e recursos. (Salazar, Costa Rica, 2018)

Em primeiro lugar, citaria a falta de revistas acadêmicas indexadas que acolham o pensamento e o desenvolvimento dos estudos de *ocio* realizados por e na América Latina. Também considero como uma fragilidade o fato de não contar com um encontro científico da região, que reúna a maioria dos pesquisadores do tema. (Ried, Chile, 2018)

Se por um lado o desenvolvimento acadêmico-científico dos estudos sobre lazer/recreação na América Latina apresenta fragilidades, por outro lado, vem sendo acompanhado de muitos avanços. Nesta pesquisa, foi destacado que esse campo vem sendo continuamente qualificado em nossa região.

A produção acadêmica sobre o lazer nos últimos anos tem obtido crescimento notável no volume de pesquisas e publicações. (Uvinha, Brasil, 2018)

Avanços: A existência de fóruns sobre *ocio e recreación*; pesquisadores responsáveis; artigos em revistas indexadas. (Paulino, República Dominicana, 2018)

Avanços/êxitos: as revistas que aceitam pesquisas ou artigos relacionados com a *Recreación* tem aumentado, a quantidade e a variedade de temas investigados tem sido incrementadas, a participação em congressos e a divulgação de estudos tem crescido. (Salazar, Costa Rica, 2018)

Nos últimos anos, vem avançando a sistematização de experiências e a divulgação dos êxitos nas pesquisas iniciais que vêm sendo realizadas em nosso campo, a partir de uma perspectiva transdisciplinar. (...) Um aspecto fundamental no processo de construção do campo tem sido a internacionalização dos espaços de discussão, compartilhando esses intercâmbios com países da região que assumem desafios similares. (Lema, Uruguai, 2018)

Há um impulso considerável na produção de conhecimento sobre esses campos no Brasil, Colômbia, Argentina, Venezuela (mais produções acadêmicas), México, entre outros, o que é captado pelas publicações que são encontradas na web. Os autores aumentam, assim como programas de capacitação e treinamento. (Cervantes, México, 2018)

Como foi anunciado no relato supracitado, boa parte dessas conquistas está

relacionada com a consolidação das propostas formativas em Lazer/recreação na América Latina, como resposta à ampliação do interesse pelo tema.

O avanço mais significativo pode ser constatado no número crescente de pessoas interessadas em estudar o campo da *Recreación* em nível universitário. (Gimenez, Porto Rico, 2018)

Avanços: Maior interesse sobre *ocio, tiempo libre e recreación*. (Cervantes, México, 2018)

Avanços: o objeto de estudo e as habilidades e competências relativas ao desempenho de um profissional que possa inserir-se neste âmbito, é reconhecido pela sociedade, e existem diversas vias de formação. (Perez, Cuba, 2018).

Países como México (*Universidad YMCA*) e Porto Rico (*Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Pedras*) investem na formação universitária em *Recreación*, assim como o Brasil, que, conforme abordado no primeiro capítulo, desenvolve cursos de nível superior sobre o lazer. No nível de pós-graduação, a Especialização em Lazer (*Diplomado en Recreación*) pode ser realizada no Brasil, México, Uruguai e Venezuela, entre outros países. Cursos técnicos também são ministrados, como ocorre por exemplo no Uruguai (*Tecnicatura en Recreación*) e no Brasil, onde há várias opções ofertadas em diferentes regiões do país (como no Amapá, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo).

Quanto ao mestrado na área do Lazer/recreação, algumas propostas foram concretizadas na *Universidad del Comahue/Argentina*, na Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil (que também oferece Doutorado em Estudos do Lazer), na *Universidad de Costa Rica*, na ESPE/Equador, na *Universidad Regional Miguel Hidalgo* e na *Universidad YMCA*, ambas no México, e também na *Universidad Pedagógica Experimental Libertador/Venezuela*. Pode ser citado, também, o mestrado em *Estudios Latinoamericanos del Ocio* realizado em parceria por duas instituições mexicanas e uma colombiana (*Instituto de Pensamiento y Cultura para América Latina, Centro Intradisciplinar para la Investigación del Ocio e Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación*), bem como a recém-criada *Maestría en Ocio, Turismo y Recreación*, na modalidade semipresencial (*Universidad Católica del Uruguay*).

Os avanços são constatados no impulso sério e sistemático de algumas universidades que conseguiram oferecer estudos de mestrado e doutorado em *Ocio e Recreación*. (Ried, Chile, 2018)

Acredito que no âmbito latino-americano o campo foi fortalecido pela consolidação de experiências formativas realizadas na universidade (bacharelado, mestrado e doutorado), a criação de grupos e centros de pesquisa, o surgimento de periódicos científicos para atender o campo. (...) Em termos de avanços, temos o surgimento de linhas de pesquisa em *recreación* e a criação de mestrados em *recreación* no país, que fomentam o estudo no campo para que mais pessoas participem dos programas. (Reyes, Venezuela, 2018)

(...) houve avanço na mobilização em torno da oferta de programas de pós-graduação e processos organizacionais que transcendem fronteiras e mecanismos institucionais, que sem dúvida abrem as portas para fortalecer a construção do conhecimento a partir de dentro. (Osorio, Colômbia, 2018)

Avanços: A temática *Recreación* foi inserida na agenda acadêmica como objeto de estudo que merece ser reconhecido e abordado no campo da formação de recursos humanos em nível de graduação e pós-graduação, como objeto de estudo no campo das Ciências Sociais e Humanas. (Suárez, Argentina, 2018)

Incremento na oferta de capacitação e formação em nível técnico superior (licenciatura, mestrado) em *ocio, tiempo libre e recreación*. (Cervantes, México, 2018)

A fundação do Mestrado em *Recreación* na Universidade da Costa Rica e outras carreiras em outras universidades tem fortalecido a profissão. (Salazar, Costa Rica, 2018)

A concretização de propostas formativas no campo do lazer/recreação é, portanto, um avanço importante na região latino-americana. Cabe reiterar, contudo, que essa temática é estudada em mestrados e doutorados de diversas áreas do conhecimento, e não apenas nas propostas formativas específicas que foram citadas anteriormente. Como se trata de um objeto/campo de estudos multi e interdisciplinar, a produção de conhecimentos sobre o lazer requer ações colaborativas que possam ir além dos limites disciplinares, expandindo as fronteiras nacionais e também as fronteiras latino-americanas.

Gazolla (2008) esclarece que a produção intelectual se dá em rede, sejam redes de pessoas, sejam redes de instituições ou de grupos. As redes de colaboração funcionam, deste modo, como um espaço de intercâmbio de conhecimentos, ideias, experiências, metodologias de ação e encaminhamentos político-pedagógicos entre pessoas e instituições inseridas em um determinado campo de estudos. No que concerne ao desenvolvimento do campo de estudos do Lazer/recreação, essa diretriz pode contribuir para superar as assimetrias entre os países que compõem a América Latina, entre os demais desafios que aqui foram tratados.

Em suma, para mapear e discutir alguns aspectos que distinguem o campo de estudos do Lazer/recreação na América Latina, este capítulo apresenta algumas fragilidades e os avanços, que, segundo a bibliografia e as informações fornecidas por especialistas de 14 países latino-americanos, são considerados relevantes na região.

Entre as fragilidades, foram ressaltadas: a) dificuldades e imprecisões conceituais em torno dos termos *recreación, ocio e tiempo libre*, b) uso descontextualizado de teorias produzidas em países que contrastam com as realidades latino-americanas, c) tensões entre a recreação/lazer e a educação física/esporte no âmbito da formação e da intervenção profissional/política, e d) incipiente desenvolvimento científico do campo de estudos do Lazer/recreação, que é heterogêneo e assimétrico do ponto de vista regional.

Apesar dessas dificuldades, muitos avanços foram identificados, destacando-se: a) contínuo desenvolvimento acadêmico-científico do Lazer/recreação, b) valorização e

o maior interesse pela temática e c) consolidação das propostas formativas em Lazer/recreação realizadas na América Latina, do nível médio ao doutorado. Esses avanços podem ser potencializados por meio de uma maior articulação regional entre pesquisadores e instituições latino-americanas e de outros continentes, abertos a estabelecer parcerias baseadas nos princípios de solidariedade e reciprocidade.

O campo do Lazer/recreação na região latino-americana, portanto, é acompanhado de muitos desafios. Para que esse processo continue sendo incrementado é essencial que pesquisadores, professores, estudantes e profissionais interessados na temática se comprometam, coletivamente, em superar esses desafios em prol de conquistas comuns.

4.2 Estudo do lazer no cenário internacional contemporâneo: apontamentos

Conforme afirmado por Dumazedier (1979, p.21), foi “preciso esperar os anos 1920-1930 para ver, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, os primeiros estudos da sociologia empírica do lazer propriamente dita.” Como foi salientado no capítulo 1, o autor destaca que vários estudiosos norte-americanos e europeus formularam teorias e conceitos no âmbito da sociologia do lazer. Desse modo, no transcurso do século XX o lazer foi investigado em diferentes âmbitos e perspectivas.

O lazer é estudado sobretudo em suas relações com o trabalho (B. Filipcova, G. Friedmann, S. Parker, G. Prudenski, D. Riesman), com a família (W. Scheuch), com o status da mulher (F. Govaerts), com a juventude (A. Villadary), com a religião (J. Pieper, H. Cox), com a política (S. Lipset) e com a cultura (P. Bosserman, M. Kaplan, H. Wilensky). É tratado como um quadro temporal (G. Prodensky, G. Petrosjan, A. Szalai) em relação à vida cotidiana (H. Lefebvre, C. Busch), como um conjunto de atividades (Littunen) ou um sistema de valores (S. de Grazia), em relação com a ideologia (M. F. Lanfant), etc. (Dumazedier, 1979, p.23-24. Grifos meus).

Apesar da diversidade de enfoques direcionados ao lazer nesses e em outros estudos, como visto, geralmente a abordagem do tema é atrelada ao trabalho. Além disso, é comum as análises sociológicas predominarem apesar do lazer ser pesquisado por autores de diferentes áreas do conhecimento, e mesmo que a Educação Física sobressaia em alguns contextos, como ocorre na América Latina. Essas são algumas das características que vêm se perpetuando nos estudos do lazer no Ocidente.

Frederic Munné (1980) também analisou a produção teórica sobre o lazer. O autor agregou os diferentes estudos realizados no século XX em três linhas, que foram por ele denominadas da seguinte maneira:

- Abordagem empírica, que foi iniciada nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX e, pouco depois, alcançou a Europa.
- Abordagem teórica, que contempla as teorias sobre o lazer produzidas por autores norte-americanos e europeus.

- Abordagem crítica, relacionada às produções norte-americanas e europeias que, entre outros aspectos, analisam o lazer enquanto parte do processo de produção e consumo nas sociedades industriais capitalistas.

Munné (1980) classifica essas três abordagens como “burguesas” por terem, como denominador comum, uma tripla atitude: são subjetivas na esfera psicológica, individualistas no âmbito sociológico, e liberais no setor político. O autor propôs, como alternativa, uma abordagem que supere a visão burguesa a partir de uma perspectiva dialética baseada nas ideias marxistas e nas teorias elaboradas por autores da Escola de Frankfurt.

Embora os pontos de vista adotados por Dumazedier (1979) e Munné (1980) sejam nitidamente distintos, algo em comum nas análises desenvolvidas por ambos os autores precisa ser ressaltado: a Europa e os Estados Unidos são colocados como centros da produção do conhecimento sobre o lazer. Essa análise, eurocêntrica por princípio, invisibiliza todo o conhecimento que, porventura, seja produzido em outras partes do mundo, notadamente, nos países que integram o hemisfério Sul.

Desse modo, como visto no segundo capítulo desta obra, geralmente os pesquisadores latino-americanos, africanos e asiáticos assumem a posição de consumidores das teorias e conceitos formulados no Norte global. Por vezes, são eles próprios que se colocam numa posição subalternizada, reproduzindo os conhecimentos de outras realidades como se fossem válidos e pertinentes para qualquer contexto. Obviamente, muitos conhecimentos produzidos por autores de distintos países podem ser úteis e necessários para ajudar-nos a refletir sobre o lazer em nossas próprias realidades. Porém, conceitos e teorias não devem ser tratados de forma universal, tampouco serem assumidos e incorporados de forma descontextualizada e sem um posicionamento crítico. Os conceitos e as teorias elaborados por autores de outros contextos e de outras épocas podem ser interessantes quando representam um ponto de partida para novas leituras, interpretações e ressignificações contextualizadas e críticas (Gomes, 2011).

Como observa Magnani (2015, p. 10), “(...) o contexto de toda essa reflexão está demarcado pela perspectiva ocidental, a que deu e dá ainda o tom dominante aos estudos do lazer.” O antropólogo prossegue: “É preciso, pois, voltar a pensar sobre o lazer, a partir do ponto de vista das várias disciplinas que o tomam como tema de pesquisa e análise” (Magnani, 2015, p.8).

No que diz respeito à produção de conhecimentos sobre o lazer neste século XXI, algumas obras estrangeiras vêm sendo publicadas e podem ser interessantes para instigar mais algumas reflexões. Entre elas, pela sua abrangência, pode ser citado um livro de quase 600 páginas organizado por Chris Rojek, Susan Shaw e Antony Veal, publicado em 2006 pela Editora Palgrave Macmillan.

Considerando esta e outras publicações sobre o lazer na contemporaneidade, Magnani (2015, p.10) pondera o seguinte:

Há alguns anos foi publicada na Inglaterra uma coletânea chamada *A handbook of Leisure Studies* (2006), compilada por três pesquisadores, entre os quais Chris Rojek, que por sinal já esteve no Brasil. O livro apresenta 33 capítulos sobre lazer, sob os mais variados pontos de vista, e apenas um – sobre a Índia – tem foco fora do contexto euro-americano; nenhum aborda países latino-americanos. Para fazer justiça, cabe uma referência ao livro *Horizontes latino-americanos do lazer*, de Christianne Gomes e Rodrigo Elizalde (2012), que, entre alguns outros, apresenta contribuições para pensar a questão em nossas paragens. Mas são muito poucos, ainda, esses estudos; na verdade, somos demasiado dependentes de uma reflexão feita fora, não obstante termos em nossa realidade, material empírico suficientemente interessante para pensar o lazer desde outra perspectiva.

Desenvolver reflexões e estudos sobre a nossa própria realidade, que nos permitam conceber o lazer e concretizar sua vivência a partir de parâmetros contextualizados, consistentes e críticos. Este é um grande desafio a ser enfrentado pelos estudiosos do tema – tanto por aqueles que pertencem a países situados no hemisfério Norte, quanto no hemisfério Sul. Assim, os conceitos e teorias do lazer (e também da recreação) necessitam de diálogos mais profundos, articulados com os desafios sociais, políticos, históricos, econômicos e ambientais, entre outros, presentes em cada cultura e em cada sociedade.

No final do primeiro capítulo foi afirmado que o campo do lazer continua despertando interesse de profissionais e de estudiosos, sendo expressivo o número de pesquisadores que investigam esse tema. No entanto, alguns autores estrangeiros consideram que os estudos do lazer estão em declínio. Para eles, é como se os debates teóricos deixassem de fazer sentido nos dias de hoje e, por isso, estariam sendo substituídos por assuntos mais atuais como gestão de eventos, de esportes e do turismo (Hibbins, 2020).

De acordo com Spracklen et al (2017), Chris Rojek chegou a prever o fim dos estudos do lazer, mas, este sociólogo britânico continua escrevendo e publicando trabalhos sobre as interseções entre lazer, sociologia e cultura. Nessa direção, para os autores, o que mudou na produção de Rojek foi o enfoque de alguns desses estudos.

Além disso, eles lembram que nos últimos dez anos é inegável o “renascimento” do interesse pelos estudos críticos de lazer, baseados em abordagens interdisciplinares sistematizadas pela sociologia, pela geografia e pelos estudos culturais, entre outras áreas, como também pelos estudos do lazer. Uma evidência disso é o número cada vez maior de participantes nas conferências, mesas redondas e sessões de trabalhos organizados pelo Comitê Científico do Lazer (RC13) da Associação Internacional de Sociologia (ISA), por exemplo (Spracklen et al, 2017).

Ainda segundo esses autores, outra evidência do contínuo interesse nas discussões teóricas do lazer em âmbito internacional, é o fato da revista *Leisure Studies* (editada por Taylor e Francis - T&F) continuar recebendo um número elevado de artigos para serem avaliados, registrar um expressivo histórico de *downloads* de suas publicações sobre o lazer, e do significativo fator de impacto desse periódico. Além disso, o portfólio de

periódicos da T&F dedicados ao lazer aumentou nos últimos anos, incluindo revistas como *World Leisure Journal*, *Annals of Leisure Research* e *Leisure/Loisir*. Desse modo, mesmo que em alguns países o número de cursos e disciplinas sobre o lazer tenha diminuído nas últimas décadas, os estudos do lazer continuam se expandindo nos círculos acadêmicos (Spracklen et al, 2017).

No tocante às incontáveis obras estrangeiras sobre o lazer que foram publicadas nas duas primeiras décadas deste século XXI, três podem ser destacadas e a proposta mais geral de cada uma delas será aqui apresentada. Para apontar as potenciais contribuições e fragilidades desses três livros contarei com o auxílio de Spracklen et al (2017), que publicaram o mais recente desses três, tendo assim a oportunidade de estudar mais a fundo as publicações anteriores.

A primeira obra internacional sobre os estudos do lazer a ser destacada já foi comentada anteriormente. Ela foi editada por Chris Rojek, Susan Shaw e Anthony Veal (2006), publicada pela Palgrave Macmillan: *A handbook of Leisure Studies*. Conforme consta no texto de divulgação desse livro, ele é um recurso internacional ímpar para os estudos do lazer, pois, em um único volume, reúne a história, a organização e os debates centrais nesse campo, contribuindo com as pesquisas e com o delineamento de uma agenda para futuros debates acadêmicos.

Os 33 capítulos que compõem esse livro discutem o lazer em diferentes perspectivas, tais como: cultura e civilização, pré-história do lazer, história do lazer no Ocidente, na Índia, Sociologia e Estudos Culturais, Psicologia social, Geografia, Economia, Educação, política de lazer, tempo, trabalho, lazer sério, esporte, recreação ao ar livre, turismo, gênero, classe, raça, família, consumo, meios massivos de comunicação e mídias, arte e entretenimento, entre outros enfoques escolhidos pelos autores convidados para participar da obra (<https://www.palgrave.com/br/book/9781403902788>).

De acordo com as análises de Spracklen et al (2017), embora seja um livro consistente, ele preserva o “velho estilo” dos estudos do lazer ao apresentar discussões com focos mais restritos. Segundo eles, os capítulos do livro trazem visões gerais e descritivas sobre alguns temas discutidos há mais de um século no Ocidente, e apenas um deles traz informações sobre o lazer em um contexto não ocidental (Índia), que acaba discrepando dos demais textos. Argumentam que a obra combina a sociologia e as ciências do lazer norte-americanas, contempla lugares desatualizados e sem sintonia com as mudanças que acometem os currículos dos estudos do lazer contemporâneo, com pouco espaço para novas abordagens críticas e interdisciplinares do tema.

O segundo livro aqui citado é *Routledge Handbook of Leisure Studies*, organizada por Tony Blackshaw (2013) e publicado pela Routledge. Seu conteúdo pretende oferecer novos e importantes *insights* sobre a dinâmica da transformação do lazer nas sociedades contemporâneas, destacando questões emergentes dos estudos do lazer. Esse campo é abordado de modo articulado com várias disciplinas e temas atuais. Desse modo, o livro

propõe apresentar o “estado da arte” dos estudos contemporâneos do lazer, abordando tópicos e pensadores-chave que vão da psicologia à política de lazer, de Bourdieu a Baudrillard. O livro sugere que a identidade do lazer no século XXI deve ser entendido como algo centralizado em sete pontos (<https://www.routledge.com/Routledge-Handbook-of-Leisure-Studies-1st-Edition/Blackshaw/p/book/9780415697170>).

Os 49 capítulos que compõem o livro são distribuídos em seis partes, assim denominadas:

- (1) Disciplinas-chave: textos que discutem o lazer fundamentando-o na Filosofia, Psicologia e Economia, por exemplo.
- (2) Principais pensadores: Adorno, Habermas, Foucault, Bourdieu, Bauman, etc.
- (3) Lazer como fenômeno sociocultural: contempla questões como classe social, estilo de vida, lazer na natureza, etc.
- (4) Sete pontos centrais do lazer: férias, consumo de álcool e de drogas, sexo, jogos de azar, TV e compras.
- (5) Usos do lazer: trabalho e lazer em casa, consumismo, identidade nacional, capitalismo social, lazer anormal, lazer sério e voluntariado, entre outros.
- (6) Novas direções: gestão de eventos, turismo cultural, etnicidade e racismo, juventude e estilo de vida, lazer líquido, etc.

Spracklen et al (2017) destacam a atualidade da obra como um todo, mas também apontam algumas fragilidades. Entre elas, os autores entendem que o tema, a organização e o conteúdo do livro preservam a tradição mais antiga dos estudos multidisciplinares do lazer, e que os capítulos de cada seção não têm conexão. Para eles esta obra, assim como a que foi salientada anteriormente, podem ser úteis para os cursos que têm currículos baseados na prática da recreação e na gestão do lazer, onde a teoria sociológica é gerenciada e seu conteúdo é direcionado para a política, auto-realização e identidade, por exemplo. Obviamente, precisaríamos ter acesso ao livro e estudar detalhadamente o seu conteúdo para sabermos se essas críticas são pertinentes, ou não. Essa sugestão fica em aberto para as pessoas interessadas em aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto central deste capítulo.

A terceira obra aqui citada é *The Palgrave Handbook of Leisure Theory*, foi editada por Karl Spracklen, Brett Lashua, Erin Sharpe e Spencer Swain (Spracklen et al, 2017). O livro foi publicado pela Palgrave e contém 50 capítulos, os quais ocupam quase 1.000 páginas e foram escritos por 63 autores de diferentes países – infelizmente, nenhum deles é africano, o que é lamentado pelos próprios organizadores. A proposta da obra é tentar ampliar o foco dos “velhos” estudos do lazer, englobando conteúdos próprios do Sul global. Nessa perspectiva, pretende ser um catalisador para os novos estudos interdisciplinares e globais sobre o lazer. Para isso, a obra procurou abranger vários lugares, tradições, disciplinas e áreas nas quais as pessoas pensam sobre o lazer, em diferentes culturas e

comunidades ao longo do tempo (<https://www.palgrave.com/br/book/9781137564788>).

O livro é dividido em quatro partes, que foram denominadas de teorias tradicionais do lazer, teorias racionais do lazer, teorias estruturais de lazer e teorias pós-estruturais do lazer. A primeira seção contempla a história e a antropologia do lazer que está ausente da maioria dos livros e das pesquisas sobre o tema, colocando em evidência algumas teorias e ideias produzidas em lugares não-ocidentais. Seus capítulos discutem ideias e práticas de lazer numa variedade de contextos culturais e históricos, incluindo o Japão feudal, o Haváí do século XIX, as culturas no Sul da Ásia pré-colonial e contemporânea, a cultura maori e estudos com enfoque latino-americano. Outros se concentram no lazer em tradições religiosas como o cristianismo, o islamismo, o hinduísmo, o judaísmo, o taoísmo e o budismo.

Os autores advertem a não pressupor ideias ocidentais nesses estudos, como a separação do lazer e do trabalho em esferas distintas, uma vez que tais pressupostos podem obscurecer aspectos importantes das cosmovisões culturais e das experiências cotidianas de lazer tratados na primeira parte do livro. Essas ideias são delineadas por hábitos culturais, capital social e cultural, normas e valores, orientação teológica e textos sagrados, os quais são tratados com reverência e respeito, como fazem os autores, buscando fornecer um lugar para situá-los e compreender alguns aspectos de suas relações de poder (Spracklen e colaboradores, 2017).

A segunda seção é marcada por um elo epistemológico que se move das teorias gregas clássicas do lazer, passando pelo lazer na teoria política do iluminismo, até o lazer na psicologia social de hoje. Essas “teorias racionais do lazer” foram assim denominadas porque foram construídas por teóricos que acreditam estar construindo teorias sobre os seres humanos, sobre a ética e sobre o lugar dos humanos no mundo, entre os quais Locke, Rousseau, Stuart Mill, Hegel, Dewey, Durkheim, Veblen, Weber, Csikszentmihalyi e Stebbins. No âmago dessas discussões, constata-se que a modernidade continua sendo um momento chave na história do lazer, por isso é preciso engajá-la com a teoria social e cultural gerada nesse contexto, explicam os organizadores da obra.

A terceira seção é denominada “teorias estruturais do lazer” porque os temas discutidos são histórica e epistemologicamente situados no problema da modernidade: o poder estrutural de classe e a interseção de outras estruturas sociais. Os capítulos discutem a alienação e a dialética trabalho-lazer em Marx, Lukács e Lefebvre, hegemonia, o lazer-consumo na Escola de Frankfurt e em eventos culturais atuais, teorias feministas, estudos de raça e etnicidade, sociedades totalitárias, etc. Esta seção é mais familiar aos teóricos do lazer, relacionando campos temáticos da sociologia, política e estudos culturais, incluindo desde o pensamento marxista até as teorias baseadas no que é denominado pós-modernidade ou pós-estruturalismo (Spracklen et al, 2017).

A quarta e última seção de livro é descrita como “teorias pós-estruturais do lazer”. O esforço dos autores dos capítulos é entender e criticar o lazer através das várias teorias

formuladas por alguns dos principais autores pós-estruturalistas. Os textos versam sobre lazer e pós-estruturalismo, o problema da diáspora e do acesso ao lazer, a hiper-realidade e há também reflexões baseadas nas teorias sociais formuladas por Giddens e por Bauman. Segundo os editores do livro, esta seção final está entrelaçada com as três anteriores e busca avançar as reflexões sobre estruturas, espaços, tradições, epistemologias e ética do lazer.

Esta publicação apresenta lacunas e algumas delas foram explicitadas pelos próprios editores: a ausência de pelo menos um capítulo sobre o contexto africano, uma discussão sobre a Índia contemporânea, um aprofundamento maior sobre o pensamento marxista e também sobre a teoria queer, embora esses temas sejam abordados em vários capítulos. Há dois textos escritos por autores brasileiros, porém, eu acrescentaria que falta à obra uma discussão mais consistente sobre os estudos e vivências do lazer no Brasil e também na América Latina – mesmo que a nossa produção, majoritariamente, ainda reforce teorias e conceitos eurocêntricos.

A falsa noção de que o lazer foi algo inventado na modernidade ocidental é, para Spracklen et al (2017), a maior falha que marca esse campo de estudos. Mesmo que o lazer tenha assumido uma forma particular na estrutura da modernidade ocidental – ligada, em particular, à ascensão do sistema fabril e à divisão do trabalho –, outras culturas e comunidades ao longo dos tempos criaram suas próprias atividades de lazer e construíram espaços para sua vivência.

Contrariando a tendência que prevalece no campo do lazer, os autores salientam a necessidade de quebrar o foco no Norte global e repensar a construção histórico-filosófica do lazer antes da modernidade, de explorar o que ele significa considerando outras visões de mundo, outras epistemologias e outras teorias.

Por tudo o que foi já exposto nos capítulos anteriores, estou de acordo com esses autores quando eles dizem que já é tempo de ampliar nossos quadros e enriquecer a conversação acadêmica com uma gama mais ampla de epistemologias, visões de mundo e práticas culturais relacionadas ao lazer.

O ideal é cada pessoa estudar a produção teórica de seu interesse com profundidade, para que análises próprias sejam feitas. Porém, o acesso a livros estrangeiros como os três que aqui foram abordados pode ser dificultado não apenas devido à falta de domínio da língua inglesa, mas também ao custo para acessar as publicações internacionais que não são disponibilizadas gratuitamente aos interessados. De toda maneira, as informações aqui reunidas indicam alguns temas que vêm sendo investigados no campo de estudos do lazer em âmbito internacional e podem abrir portas para novos debates e aprofundamentos.

PERSPECTIVAS PARA O LAZER CONTEMPORÂNEO

O conteúdo apresentado neste capítulo foi preparado para a Conferência de encerramento do 5º Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL) / 19º Seminário o Lazer em Debate. O evento foi promovido pela ANPEL em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) em novembro de 2022 na cidade de Fortaleza. O título da conferência foi “Lazer: perspectivas futuras”.

O estilo de redação deste capítulo é mais fluído e coloquial em comparação com os anteriores porque o texto foi construído para guiar a minha exposição na conferência do CBEL e, principalmente, para estimular o diálogo com o público presente sobre as perspectivas para o lazer num contexto marcado pela pandemia da Covid-19.

Em 2020 e nos anos seguintes o lazer foi cerceado pelo imperativo do isolamento social para conter o avanço do novo coronavírus. Entretanto, mesmo com tantas restrições, o ambiente doméstico descortinou novas possibilidades para vivenciar o lazer e, de certa forma, as tecnologias de informação e comunicação foram potentes aliadas neste processo. Será que o futuro do lazer radica-se nas diversas opções de entretenimento disponibilizadas pelas novas tecnologias? Esses temas serão abordados a seguir.

5.1 O lazer no momento presente

A pandemia da Covid-19 que assolou o planeta desde o início de 2020 trouxe inúmeros desafios, impactando diferentes âmbitos da nossa vida social. A pandemia virou a nossa vida pelo avesso: impôs novos hábitos em termos de comportamento, relações sociais, trabalho, estudo, comunicação, consumo, lazer, etc.

Obviamente, são privilegiadas as pessoas que têm trabalho e renda, moradia adequada, acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), saúde e oportunidades de vivenciar o lazer, sobretudo durante a pandemia de Covid-19. Porém, enquanto alguns contaram com todo o necessário para ficar em casa com segurança no decorrer da pandemia, outros se espremeram em habitações precárias e inadequadas para abrigar os seus membros 24h por dia, tendo ainda que conviver com vários problemas, entre os quais a falta de infraestrutura, de habilidades e de condições para acompanhar as rápidas mudanças nos processos de trabalho e de educação, os impactos na saúde mental, a violência doméstica e a sobrecarga de tarefas que recaiu majoritariamente sobre as mulheres.

Mesmo com essas realidades desiguais e heterogêneas, muitas pessoas tiveram que estudar e trabalhar remotamente em suas casas, alternando essas atividades com algumas experiências de lazer que, via de regra, contribuíram para aliviar o desgaste emocional gerado por tanta insegurança e restrições. Isso foi preciso porque no auge da pandemia muitos espaços de lazer tiveram que ser fechados, tais como parques, estádios,

estabelecimentos de eventos, salas de cinema, teatros, museus, bares e restaurantes, gerando sérios impactos nesses setores. Entre as medidas adotadas para conter o avanço do coronavírus podem ser citados o cancelamento de voos, o fechamento de fronteiras, o adiamento de viagens e o cancelamento de reservas nos meios de hospedagem, diminuindo drasticamente o turismo e afetando a economia de muitos destinos.

Boa parte da população mundial que pôde ficar em casa acabou (re)descobrimo muitas possibilidades de lazer no ambiente doméstico, como se divertir com jogos de tabuleiro, cozinhar só ou em família, se dedicar ao artesanato ou à jardinagem, ler livros, praticar exercícios físicos ou meditação, etc. A pandemia também potencializou uma série de atividades que, de alguma forma, dependem da internet para serem realizadas. Entre elas, ressalto a explosão de *lives* sobre temas diversos, inclusive shows musicais. Este tipo de entretenimento virou um fenômeno ao redor do mundo em 2020 e, como foi amplamente anunciado pelas mídias, os shows ao vivo e online tiveram uma popularização enorme no Brasil.

O mercado de *games*, que já era grande, cresceu de forma exponencial durante a pandemia, e continua em ascensão. Ganham destaque os esportes eletrônicos (*e-Sports*) que vêm atraindo legiões de jovens de todo o mundo. Vale a pena mencionar os *Podcasts*, pois, desde o início da pandemia este tipo de conteúdo também despertou o interesse de muitas pessoas. Mondo et al (2022) explicam que a tendência atual dos *Podcasts* é a realizada com áudio e vídeo, ao vivo pelo YouTube e com a utilização de cortes para produzir material de curta duração sobre assuntos específicos. De acordo com o relatório Global Web Index (2022), o Brasil é o país que mais consome *Podcasts* no mundo.

Considerando as opções de lazer buscadas na internet, podem ser salientados os clipes musicais, filmes, séries e outras produções audiovisuais, redes sociais e até jogos de apostas em casinos online. Nesse contexto, o entretenimento virtual cresceu ainda mais. O relatório supracitado verificou que os usuários de 16 a 64 acessaram várias mídias sociais em busca de entretenimento e as mais acessadas no primeiro semestre de 2022 foram TikTok (78,2%), Instagram (60,9%) e Facebook (54,4%). O YouTube se destacou entre os aplicativos de conteúdo social no sistema operacional Android: em média, os indivíduos que usam a internet passaram quase 24 horas por mês nesta plataforma de vídeos. Trata-se de um nível de retenção bastante elevado.

Embora a plataforma YouTube possa ter diferentes usos, ela foi acessada pelos brasileiros em busca de vários tipos de entretenimento, como ouvir música (59%), assistir a clipes de música (54%), vídeos de humor (46%), *lives* de artistas (26%), vídeos de exercícios (26%) e de jogos (21%). O Global Web Index (2022) também constatou que o aplicativo multiplataforma que os brasileiros passam mais tempo é o Whatsapp. Além das mensagens instantâneas de texto, este aplicativo permite fazer ligações gratuitas, enviar arquivos em PDF, imagens e vídeos, e esses conteúdos também são consumidos no Whatsapp como forma de entretenimento.

A princípio, as redes sociais no ambiente online foram criadas para conectar pessoas e organizações e facilitar o compartilhamento de conteúdos. Porém, o que parece ser um lazer gratuito representa um lucrativo negócio que objetiva aumentar o grau de engajamento de potenciais consumidores. Atrelado ao comércio e à publicidade, o entretenimento online é impulsionado por um mercado que o concebe como demanda, preço e renda, influenciando o comportamento das pessoas. Segundo Earp (2002), à medida que as pessoas se entretêm, podem ficar mais propensas às compras. Além disso, em face das rápidas mudanças geradas pela tecnologia digital, os anunciantes vêm abandonando o modelo de pressão sobre o potencial consumidor, e substituindo-o pela pressão do consumidor – uma estratégica mudança da intrusão para o convite.

Como exemplo, podem ser citados os jogos online que cativam pessoas de diferentes faixas etárias, especialmente crianças e adolescentes. Apesar dos jogos multiplataforma e multiplayer poderem ser jogados gratuitamente, para ampliar a experiência no jogo é necessário passar para as etapas mais desafiadoras e difíceis. Isso requer a compra de passes para ingressar nas fases mais avançadas, assim como de roupas e acessórios para fortalecer os avatares. Quando a imersão nesses entretenimentos é compulsivo, há o risco de desenvolver dependência psicológica e gerar outras consequências nefastas, inclusive financeiras.

Outro exemplo são as *lives* que explodiram no auge da pandemia, pois, no decorrer das apresentações os artistas anunciaram vários produtos e serviços, incluindo a possibilidade de comprar alimentos e bebidas entregues diretamente na casa do espectador. Essa lógica vem mudando os modelos de negócios do cinema, da TV, da música e dos *games*, entre incontáveis possibilidades de entretenimento.

Pode parecer que essas experiências são vividas da mesma forma por todas as pessoas, independente do segmento social ao qual elas pertencem. Isso não é verdade, pois, o amplo acesso às inovações no campo do lazer e do entretenimento não é a realidade de todas as pessoas, sobretudo em nosso país, marcado por tantas desigualdades sociais.

Poucas pessoas tinham pleno acesso à internet móvel até 2010, quando a tecnologia 4G começou a funcionar. Além do serviço ser dispendioso, era preciso investir em equipamentos caros e com baixo desempenho. Acessar a rede pelo celular, por exemplo, era algo impensável para boa parte das pessoas. Em menos de uma década isso mudou, pois, segundo o relatório Economia Móvel na América Latina, em 2019 já havia mais de 5 bilhões de pessoas usando *smartphones* ao redor do mundo (GSMA, 2019). Isso favoreceu a propagação de plataformas digitais e potencializou os serviços de *streaming*.

O *streaming* é uma tecnologia que permite transmitir dados pela internet sem a necessidade de baixar áudios e vídeos que ocupam tanto espaço nos equipamentos e dispositivos tecnológicos. Através do cadastro em uma plataforma de *streaming*, a pessoa acessa legalmente o acervo digital que ela disponibiliza de forma praticamente instantânea. Foi em 2008 que a startup sueca Spotify comprovou a viabilidade do *streaming* de forma

pioneira. Assim como a Spotify, plataformas como Netflix, Amazon Prime e YouTube disponibilizam sob demanda inúmeros filmes, séries, músicas e vários outros conteúdos que são transmitidos pela internet sem ocupar espaço no computador, tablet ou celular. Além deste segmento ter um crescimento global enorme, vem aumentando as suas receitas a cada ano, obtidas através de contas pagas ou de publicidade (Vroom; Boquet, 2019).

Com o rápido avanço da inteligência artificial, atualmente é possível fazer inúmeras atividades por meio de um dispositivo que cabe na palma da mão: tarefas profissionais, operações bancárias, compras, marcação de exames e consultas médicas, contatos sociais e uma infinidade de entretenimentos virtuais. Essas inovações nos permitem consumir conteúdos multimídia de praticamente qualquer lugar, com os equipamentos digitais que dispomos. Assim, hoje podemos navegar pela internet, ouvir música e interagir em redes sociais por meio de pequenos *smartwatches* e até de enormes e sofisticadas *smart TVs*.

Essas mudanças de comportamento conferem praticidade a muitas atividades cotidianas e têm um impacto direto no tempo/espaço de lazer, abrindo novas possibilidades de entretenimento. Vale lembrar do Pokémon Go, o jogo lançado em 2016 que viralizou principalmente entre os jovens. O Pokémon Go contribuiu para popularizar a tecnologia da realidade aumentada, baseada na projeção de elementos virtuais no mundo real.

A hiperconexão de internet somada à realidade virtual e aumentada vem favorecendo a criação de um ambiente imersivo e interativo chamado Metaverso. Por meio de avatares customizados em 3D, o Metaverso possibilita o convívio e a interação de pessoas no ambiente virtual como se estivessem dentro dele. Usando óculos de realidade virtual, é possível ver os avatares fazendo inúmeras atividades.

A palavra metaverso já existia, mas ganhou destaque recentemente, em outubro de 2021, quando Mark Zuckerberg mudou o nome do Facebook para “Meta”. Ele afirmou que o Metaverso é o futuro da internet e da tecnologia em nossas vidas por ser um ambiente totalmente virtual que se apresenta como uma realidade mais concreta. A empresa investiu milhões de dólares no Metaverso, está testando universos digitais e desenvolvendo aplicações que estarão disponíveis para serem consumidas num futuro próximo.

Por isso, terrenos virtuais no Metaverso já estão sendo comprados e vendidos ao redor do mundo, assim como as estratégias para promover produtos e serviços comercializados com criptomoedas, e não são poucas aquelas submersas em fraudes. O Metaverso é considerado um negócio altamente lucrativo que ainda pode causar estranhamento em muitos, em especial nas pessoas que ainda não tem acesso ou não dominam as ferramentas virtuais. Mas esta é a realidade da chamada geração Y e principalmente da geração Z, nascida na primeira década do século XXI, período marcado por uma incrível expansão tecnológica decorrente da popularização da internet. Os jovens da geração Z situam-se nas fronteiras entre o real e o virtual. Muitos deles são *gamers*, influenciadores e “nômades digitais”, pois, estão sempre online.

O Metaverso já desenvolve diferentes ações voltadas para o entretenimento das

pessoas. Sua relação com o mercado de *games* é direta, mas não se restringe aos jogos digitais e aos jogadores online: conecta servidores, *streamers*, empresas de esportes eletrônicos e vários ramos da indústria cultural. Alguns artistas já fazem shows musicais no Metaverso com os seus avatares, como os pioneiros Travis Scott, Ariana Grande, Foo Fighters, Justin Bieber, David Guetta, Ed Sheeran, Emicida e muitos outros.

Várias pessoas já transitam por alguma versão do Metaverso e esse ambiente virtual promete impactar ainda mais a nossa vida no futuro, modificando de forma definitiva o mundo como ele é hoje. Será que o futuro do lazer caminha em direção às tecnologias inovadoras?

5.2 Lazer e tecnologias

Como visto nos demais capítulos deste livro, há muito tempo vem prevalecendo a noção dicotômica do lazer como um contraponto do trabalho. Essa compreensão assume como referência de análise alguns elementos que dizem respeito à 1ª revolução industrial. Aquela, iniciada na Inglaterra do século XVIII, que foi marcada pela invenção da máquina a vapor. Depois desta, tivemos uma 2ª revolução industrial, ocorrida entre meados dos séculos XIX e XX, marcada pela descoberta e uso da eletricidade e do petróleo como novas formas de energia e combustível. Isso possibilitou a criação de novos inventos, como automóveis, telefones, rádios, TV e avião.

Logo após a 2ª guerra mundial, os avanços tecnológicos levaram à descoberta da energia nuclear. Assim, em torno de 1969 o mundo presenciou uma 3ª revolução industrial, marcada pelo surgimento dos equipamentos eletrônicos, da telecomunicação e dos computadores. E agora boa parte da população mundial está presenciando a 4ª revolução industrial, na qual impera a chamada indústria 4.0. Ela é baseada na conexão de todas as etapas da produção e na superação de fontes de energia não renováveis. Essa 4ª revolução industrial também é marcada por um novo fenômeno tecnológico – a digitalização e o uso de dados e informações de forma interconectada.

Como afirmado em passagens anteriores, esse fenômeno alcança diversos âmbitos da nossa vida, incluindo o lazer. Por isso é fundamental analisar com mais atenção as teorias e conceitos de lazer que utilizamos. Será que eles contemplam essa infinidade de mudanças que acometem o lazer, o trabalho e a nossa vida social como um todo, no momento presente?

Sabemos que as pesquisas de Dumazedier, por exemplo, foram realizadas em meados do século XX com operários de fábricas em contextos industriais, sendo difundidas no Brasil a partir da década de 1970. De lá para cá, muita coisa mudou. Na época em que o autor francês desenvolveu sua produção teórico-conceitual, computador era um equipamento desconhecido por ser de uso restrito à NASA. Não existiam *smartphones*, *tablets*, mídias e redes sociais online, computação em nuvem, internet das coisas,

criptomoedas, inteligência artificial, Metaverso e uma infinidade de inovações que nos permitem interagir em tempo real com qualquer pessoa que tenha acesso a uma conexão de internet, em qualquer local do planeta.

Precisamos, portanto, superar teorias e conceitos de lazer que, por refletirem aspectos próprios de outras épocas e contextos, ficam à margem de tantas mudanças. Por isso, a crítica ao uso descontextualizado da produção teórica de Dumazedier (1976, 1979, 1999) pode ser estendida a outros autores que continuam fundamentando o lazer a partir dos parâmetros que estiveram em voga até aproximadamente os anos de 1970-1980. O avanço das TICs na virada para o século XXI, por exemplo, já deixou claro que os supostos limites entre trabalho e lazer são cada vez mais difusos.

Gisele Schwartz (2003) chamou a atenção para essa nova realidade quando propôs a inserção do “conteúdo virtual do lazer” na classificação de interesses culturais do lazer proposta por Dumazedier (1976). Como resposta às críticas que surgiram à proposição de mais um conteúdo, a autora explicou que o virtual não é apenas uma “roupagem” para os demais conteúdos porque tem linguagem própria e capacidade de alterar vivências e dinâmicas culturais. Isso, de fato, se confirmou.

Contudo, embora a autora tenha contribuído com a discussão ao pontuar que a virtualidade seria determinante para as novas configurações assumidas pelo lazer no século XXI, ela reafirma o pensamento de Dumazedier. Assim, é negligenciado o fato de que este autor reforça a dicotomia trabalho e lazer, entre outros pontos, sendo por isso uma produção imprópria para problematizar as novas dinâmicas sociais e culturais decorrentes das novas tecnologias de informação e comunicação que perpassam o lazer contemporâneo, assim como da popularização da internet.

Apesar do acesso à internet vir crescendo no Brasil, de acordo com os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre o módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação – PNAD TIC – divulgados pelo IBGE (2022), cerca de 36 milhões de pessoas não acessaram a internet em 2021. Ou seja, 1 em cada 5 brasileiros ainda estão desconectados: são os excluídos digitais. Obviamente esse número pode ser muito maior, pois há pessoas que têm acesso à internet mas contam com uma conexão muito precária. Assim, os excluídos digitais não conseguem assistir a uma videoaula, ler ou adquirir uma obra em formato ebook, navegar pela internet, assistir a um filme ou série em plataformas de *streaming*, explorar o mercado de *games* e esportes eletrônicos, baixar um ingresso em aplicativo digital para visitar algum centro cultural, seja virtual ou presencialmente, entre diversas outras opções.

Outro dado relevante da PNAD TIC: a falta de acesso à internet é maior entre os brasileiros que se autodeclararam negros. Esse grupo equivale a 58% dos registros, ou seja, 21 milhões de pessoas. Brancos representam 34% (12 milhões), e outros a 8% (3 milhões). São também significativas as diferenças geracionais, de classe social, gênero e raça/etnia em termos de acesso às novas tecnologias. Não se pode ignorar que este

componente da desigualdade social ocorre em todo o país, com impactos mais severos em algumas regiões.

Como essas possibilidades de desfrutar o lazer online não são vistas como direitos, e sim como produtos a serem consumidos, para ter acesso a eles é preciso dispor de recursos, sobretudo financeiros, além de tempo, energia e habilidades para lidar com tantas novidades. Desse modo, ainda são muitos os “iletrados tecnológicos” e os desconectados (Tambelli, 2018).

O discurso ancorado na evolução tecnológica como o futuro da humanidade é tratado como um desejo intrínseco das pessoas nas sociedades contemporâneas. Como se essa “evolução” fosse uma realidade inevitável, inquestionável e 100% positiva (Kitchin, 2015). Como nem todas as pessoas têm acesso às novas tecnologias e nem sempre o interesse dos cidadãos é considerado, corre-se o risco de aprofundar as desigualdades socioeconômicas, acentuando as exclusões das pessoas mais vulneráveis. O discurso predominante também salienta a importância de desenvolver estratégias para reduzir a exclusão digital, tais como implementar mecanismos de integração tecnológica, ensinar habilidades básicas aos usuários e equipá-los com os aparelhos eletrônicos apropriados (Tambelli, 2018).

Não sejamos ingênuos: antes da democratização do acesso às tecnologias inovadoras, está o interesse em valorizar produtos tecnológicos que atendem os interesses de empresas privadas. Estou falando de plataformas digitais e aplicativos móveis, *softwares*, infraestrutura para disponibilização de internet Wi-Fi ou 5G, consoles de *games*, *smartphones*, *tablets*, *smart TVs* e outros dispositivos tecnológicos. Além disso, estratégias supostamente inclusivas buscam combater a pirataria e o compartilhamento de senhas de acesso a plataformas pagas. Contravenções como essas vem sendo feitas como uma alternativa para que mais pessoas tenham acesso a diferentes conteúdos digitais que não estão disponíveis para todos – a menos, que elas paguem por isso.

Os interesses em jogo são, portanto, expressões da globalização hegemônica. Desse modo, o futuro do lazer não pode se restringir ao entretenimento propiciado pelo mercado de tecnologias. Embora essas inovações sejam relevantes e não possam ser desconsideradas, precisamos ressignificar nossas experiências e conhecimentos sobre o lazer. Esse exercício envolve um amplo conjunto de iniciativas, estratégias educativas e movimentos populares engajados na compreensão e no enfrentamento das consequências do capitalismo neoliberal, principalmente quando se considera o lazer vivido no cotidiano de territórios periféricos numa perspectiva contra-hegemônica.

5.3 Lazer: uma nova episteme

Acolher uma perspectiva contra-hegemônica do lazer requer o desenvolvimento de estudos críticos sobre as teorias e conceitos de lazer que reproduzimos e disseminamos

em nossos contextos. Problematizei este tema em um artigo publicado na revista *Licere*, em 2011, denominado “Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento”. Dando continuidade a esta discussão, afirmo: uma nova episteme do lazer é necessária e urgente.

Mesmo que tenham relevância nos contextos locais, muitas experiências de lazer são invisibilizadas no contexto mais amplo. São também negligenciados os diferentes modos de vida coletiva que têm outras lógicas e cosmovisões a partir das quais o lazer pode ser vivido e compreendido como desfrute da cultura em diferentes territórios deste mundo tão vasto e diverso.

Como explicado no capítulo 3, muitos estudiosos não reconhecem a existência do lazer em contextos minoritários. É como se o lazer não pudesse existir ali, porque essa palavra é desconhecida por aqueles que vivem nesses territórios e, obviamente, porque esse tipo de lócus não corresponde ao modelo hegemônico de sociedade. De fato, se ficarmos presos a essa lógica, as práticas e os saberes em torno do lazer serão silenciados e marginalizados.

Essa lógica tem matizes eurocêntricas e se alicerça na “colonialidade do poder”. Como o padrão de poder capitalista opera em cada âmbito da existência social cotidiana, afirma-se uma concepção da humanidade em que a população do mundo se diferencia em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos (Quijano, 2007), desconectados e hiperconectados.

Outra esfera em que esse padrão de poder opera é o conhecimento. Por isso, é necessário entender a “colonialidade do saber”, um processo que supõe ocultamento e negação das formas de produção de conhecimento que não correspondem ao Norte geopolítico, reproduzindo assim a lógica hegemônica. Como elucidado por Quijano (2000), a colonialidade do saber reproduz e fortalece o conhecimento hegemônico ao mesmo tempo que exclui qualquer outra epistemologia comprometida com a produção de saberes/conhecimentos outros.

Nesse sentido, o legado histórico e cultural de povos indígenas, africanos e asiáticos é considerado irracional, atrasado e inferior. Esse processo pressupõe uma subalternização epistêmica desses sujeitos, bem como a própria negação e esquecimento das práticas e dos saberes por eles produzidos (Castro-Gómez, 2000; Dussel, 2000; Quijano, 2000).

A internalização da subalternidade abre espaços para a “colonialidade do ser”, ou seja, os sujeitos constituem as suas subjetividades ancorando-as na posição de inferioridade que lhes é imputada por um sistema hegemônico alicerçado no colonialismo e no racismo. Perpetua-se, assim, a coisificação dos seres, a espoliação de seus saberes, o apagamento de suas memórias, a negação de suas culturas e de suas identidades, como se a diferença entre seres superiores e inferiores fosse ontológica e, por isso, impossível de ser modificada (Maldonado-Torrez, 2007).

Com raras exceções, as sistematizações sobre eurocentrismo, pós-colonialidade, modernidade/colonialidade e decolonialidade ainda são recentes, pouco conhecidas e

raramente apropriadas por estudiosos do Lazer. Entre os estudos realizados sobre o tema, podem ser mencionadas as seguintes publicações: Gomes (2010, 2011, 2020), Gomes e Elizalde (2012), Tabares Fernández e Molina Bedoya (2012), Nunes (2020), Viana (2021) e Maurício et al (2021).

O pensamento decolonial se compromete com o direito à diferença, contemplando uma pluralidade de vozes e de caminhos que afirmam saberes e práticas historicamente subalternizados (Mignolo, 2013; Castro Gómez; Grosfoguel, 2007). A decolonialidade requer nosso reconhecimento enquanto agentes produtores de conhecimentos que ultrapassam as interpretações, categorias, teorias e conceitos tradicionais, buscando compreender, enfrentar e “reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (Santos; Meneses, 2010, p.19). Esses desafios epistêmicos precisam, urgentemente, alcançar o lazer, no sentido de superar as lógicas eurocêntricas que perpassam e que estão arraigadas neste campo.

Para superar as lógicas opressoras de uma geopolítica mundial perversa e desigual, precisamos nos posicionar em termos epistêmicos, acadêmicos e políticos. As chamadas epistemologias do Sul pretendem contribuir nesta seara, ao defender a identificação e validação dos conhecimentos nascidos nas lutas sociais contra a opressão que, na época moderna, foram produzidas por diferentes formas de dominação como o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (Santos, Meneses, 2010), assim como o racismo (Quijano, 2000).

Nessa linha, é preciso confrontar o monopólio epistemológico da ciência. A ciência é válida, mas não é o único tipo de conhecimento válido. Ela contribui para o avanço das sociedades na medida em que reconhece que há outros conhecimentos, outras relações entre pessoas e outras concepções de vida, de felicidade, da natureza, de coletividades e práticas sociais (Santos, Meneses, 2010). E eu acrescento: Elas contribuem com o avanço das sociedades na medida em que abrem espaços para a legitimação de práticas e compreensões outras de lazer, e para o seu reconhecimento como um direito humano fundamental cuja concretização envolve vários elementos que podem abrir portas para a transformação social.

O direito ao lazer se apresenta como uma possibilidade de humanização a partir da sua concretização de forma educativa, contextualizada e crítica na vida de todos nós. Precisamos reconhecer que os sentidos e significados atribuídos ao lazer dialogam com os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto específico, porque o lazer é uma prática social complexa, e historicamente situada.

Finalizando, é uma nova episteme que nos ajudará a sistematizar narrativas outras para o lazer. Narrativas que contemplem novos lugares de enunciação que reconheçam que o lazer também é perpassado por violências impostas pela colonialidade do poder, do saber e do ser.

É fundamental explicitar a relevância desta “nova episteme” porque ela guia as

reflexões empreendidas neste livro, que buscou articular o passado, o presente e o futuro do lazer. Essa diretriz nos possibilita dialogar sobre as problemáticas verificadas em cada contexto, vislumbrar alternativas e sistematizar saberes e conhecimentos sobre o lazer situados e críticos, que sejam colocados em função da humanidade e não do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio deste livro é deslocar o foco do lazer como fenômeno moderno contraposto ao trabalho, para o lazer como fruição da vida social e cultural em cada território. Seguindo a linguagem metafórica, considero ser esta a “pedra filosofal” da alquimia do lazer, se é que podemos falar assim.

Como foi abordado nos primeiros capítulos, o *lazer é um objeto de estudos* que vem sendo pesquisado de modo mais sistemático desde o início do século XX, quando alguns trabalhos sobre o tema foram publicados nos Estados Unidos e em alguns países europeus. Naquela época as discussões sobre o lazer foram impulsionadas pelas transformações verificadas no mundo do trabalho, pois, a redução da jornada laboral em contextos industriais colocou em evidência a preocupação com os usos do tempo livre.

Segundo Marcellino (1987), aproximadamente até a década de 1980 a produção brasileira sobre o lazer foi marcada por uma “falta de autenticidade”, ou seja, os fundamentos eram apenas reproduzidos em nosso país e, majoritariamente, eles eram desenvolvidos por autores estrangeiros. Pode-se dizer que este problema começa a ser encarado no final dos anos de 1980, com a redemocratização do Brasil, quando as publicações com uma vertente crítica passam a ser mais acessíveis em nosso país. Nesse contexto, as publicações de Marcellino tiveram uma contribuição importante para os estudos do lazer, notadamente nos anos de 1990 e na década seguinte.

Desde então, conforme discutido no capítulo 2, as abordagens sobre o lazer vêm se diversificando e abrindo novas perspectivas de análise nos últimos anos. Algumas delas vêm tensionando as discussões que tratam o lazer como um fenômeno gestado nas sociedades industriais no século XIX e constituído no âmbito do chamado tempo livre como um contraponto do trabalho produtivo. Este livro, como visto, propõe a superação dessa lógica eurocêntrica que ainda prevalece no campo do lazer porque ela pode reforçar a colonialidade do poder, do saber e do ser.

A formação e a atuação profissional em lazer têm papel relevante neste processo. Vale lembrar que as intervenções recreativas começaram a ser feitas nos Estados Unidos no final do século XIX, o que também ocorreu no Brasil a partir das experiências pioneiras concretizadas entre 1920 e 1940 em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro (Gomes, 2003). Essas novas possibilidades demandaram a formação de profissionais encarregados de prestar serviços especializados de recreação e lazer e a Educação Física foi uma das áreas que contribuiu nesta direção ao incluir disciplinas de Recreação no currículo obrigatório da graduação.

No decorrer das três últimas décadas, aproximadamente, diversas instituições formativas públicas e privadas tem se dedicado à formação de profissionais para o campo do lazer, por meio de empreendimentos educativos formais que congregam distintas áreas do conhecimento – seja no nível médio, superior ou no nível de pós-graduação, da

especialização *lato sensu* ao pós-doutorado.

Paralelamente à formação, o **campo de atuação no lazer** vem se expandindo e ele apresenta uma variedade de opções de inserção profissional no setor público, em empresas privadas e em organizações do terceiro setor, além da prestação de serviços por conta própria – consultorias, por exemplo. Isayama (2009) salienta que o lazer é um campo multidisciplinar que possibilita a atuação de profissionais com diferentes formações. Esses profissionais assumem inúmeras funções, tais como docência, planejamento, organização, execução e avaliação de projetos e ações de lazer; gerenciamento, coordenação, supervisão, viabilização de recursos, realização e divulgação de pesquisas, etc. (Dias; Isayama, 2014).

O profissional do lazer pode atuar, por exemplo, em instituições formativas de diferentes níveis, secretarias e órgãos públicos de âmbito municipal, estadual ou federal, parques, centros culturais, centros esportivos, academias, clubes, colônias de férias, acampamentos, empresas de eventos e de viagens, festas particulares, condomínios residenciais, cruzeiros marítimos, *resorts*, hospitais, brinquedotecas e muitos outros.

Essas possibilidades de inserção profissional se avolumaram nas três últimas décadas, pois, a princípio, as propostas de recreação e lazer instituídas no Brasil eram desenvolvidas apenas pelo poder público. Contudo, gradativamente, as organizações não governamentais e a iniciativa privada se encarregaram de vários empreendimentos sobre o lazer, ampliando a oferta de bens e serviços que, cada vez mais, evidenciam o **potencial econômico do lazer**.

Roger Sue (1982) chamou a atenção para isso quando enfatizou que o lazer tem uma função econômica. O autor pontuava que nos anos de 1980 a crescente “indústria de diversões” vinha desempenhando um papel importante na economia das sociedades ocidentais, atrelando o lazer ao consumo de produtos e de serviços. Apesar da função econômica do lazer ser importante, Sue afirma que o consumo de bens e serviços pode colocar o desenvolvimento pessoal em segundo plano, transformando a experiência de lazer em alienação.

O lazer tem sido considerado uma das mais dinâmicas e promissoras atividades econômicas do setor terciário de produção. De fato, diversas experiências de lazer e entretenimento – TV tradicional e sob demanda; filmes, seriados e obras audiovisuais consumidas em plataformas de *streaming*, mídias e redes sociais; música, rádio e *podcasts*; livros, jornais e revistas; *games* e *e-sports*, campeonatos, eventos (festas, shows e feiras), e muitas outras – geram um extraordinário impacto na economia mundial. Assim, é inegável que o mercado de lazer e entretenimento movimenta consideráveis recursos financeiros, amplia a produção e o consumo de bens e serviços, aumenta a arrecadação de impostos, atrai investimentos e a captação de divisas, gera oportunidades de emprego e renda, além de favorecer novos negócios e empreendimentos que possam expandir oportunidades locais e impulsionar a economia de cada sociedade.

Nesse contexto, por um lado o lazer pode sucumbir ao mercado, o que via de regra contribui com o mascaramento de contradições sociais e com o aprofundamento das desigualdades. Por outro lado, o lazer é uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio. Por isso, para além do lazer mercantilizado, reafirma-se o lazer como direito.

O lazer é um direito formalmente reconhecido desde 1948, com a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (explicitado no artigo 24, embora outros artigos também tenham relação com o lazer), sendo previsto nos principais documentos que regem diferentes países, como a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. O direito ao lazer precisa, assim, ser concretizado na vida de todas as pessoas. Porém, “a existência formal de direitos não garante a existência de um espaço público e aquela sociabilidade política que a prática regida pela noção de direitos é capaz de criar” (Telles, 2006, p.71).

O lazer não pode ser um privilégio de quem dispõe de bens econômicos, culturais e educativos para vivenciá-lo. Assim, reconhecer e lutar pelo direito ao lazer torna-se relevante principalmente em contextos onde as desigualdades sociais persistem, seja em países situados na América Latina, como o Brasil, ou em outras regiões do mundo.

A efetivação deste direito está diretamente relacionada à existência de políticas públicas e sociais que busquem contemplar as necessidades de lazer de toda a população, combatendo as exclusões e discriminações. Portanto, a implementação de políticas de lazer precisa seguir as trilhas decoloniais e contemplar grupos socialmente vulneráveis como os indígenas, afrodescendentes, mulheres que sofrem violência, comunidade LGBTQIA+, etc.

Precisamos, assim, praticar a alquimia do lazer, ou seja, transformar/superar a lógica hegemônica que sustenta os estudos sobre o tema e que atravessa nossas vivências, pois, ele é uma necessidade humana fundamental, um componente cultural e também um direito social. O desfrute da vida propiciado pelo lazer tem muito a contribuir nesta direção... sobretudo, quando envolve nossas utopias comuns.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, L. El desarrollo de la formación y la investigación en la recreación y el tiempo libre en México. In: GOMES, C. et al (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ALBORNOZ, Suzana G. Sobre O direito à preguiça de Paul Lafargue. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v.11, n.1, p.1-17, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25787>. Acessado em 10 jan. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB, 1999.

BICKEL, Marcia Cristina P. *O Serviço Social do Comércio e a produção de conhecimentos sobre o lazer no Brasil (Década de 1970)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. (Dissertação, Mestrado em Estudos do Lazer)

BLACKSHAW, Tony (Ed.) *Routledge Handbook of Leisure Studies*. London: Routledge, 2013.

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. (Tomo segundo)

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. *Revista Licere*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-17, 1998.

BRÊTAS, Angela. O Serviço de Recreação Operária (1943-1945): uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho. *Cadernos AEL*. Campinas, v.16, n.28, p.147-175, 2010.

CAMARGO, Luiz Octávio L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMARGO, Luiz Octávio L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la “invención del otro”. In: LANDER, Edgardo (Org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CUENCA, Manuel. *El ocio humanista. Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio*. Bilbao: Universidad de Deusto/ADOZ, 2000.

CUENCA, Manuel. *Ocio valioso*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2014.

CUENCA, Manuel. *Pedagogía del ocio: Modelos y propuestas*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2004.

CUENCA, Manuel. Aproximación al Ocio Valioso. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, V.1, N.1, p.21-41, jan./abr. 2014.

- D'ALMEIDA, José Maria; LACERDA, Araújo C. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1859.
- DE GRAZIA, Sebastian. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.
- DEBORTOLI, José Alfredo O. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, Alysson et al. (Org.). *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, 2002. p.73-76.
- DIAS, Cleber; ISAYAMA, Hélder F. *Organização de atividades de lazer e recreação*. São Paulo: Érica, 2014.
- DIAS, Cleber. A emergência histórica do lazer revisitada. *Revista Topoi*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 50, p. 602-623, maio./ago. 2022.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMAZEDIER, Joffre. Lazer nas sociedades em desenvolvimento. ENCONTRO NACIONAL SOBRE LAZER, I, 1975. *Anais...* Rio de Janeiro, 1975. p.42-49.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.
- EARP, Fabio S. *Pão e circo: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento*. Rio de Janeiro: Editora Palavra e Imagem, 2002.
- FERREIRA, Acácio. *Lazer Operário: Um estudo de organização social das cidades*. Salvador: Livraria Progresso, 1959.
- GABLER, Neal. *Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Cia. das letras, 1999.
- GALANTE, Regiane C. *Memórias do CELAZER: influências e contribuições para os estudos do lazer no Brasil*. Campinas: Faculdade em Educação Física da Unicamp, 2018. (Tese, Doutorado em Educação Física)
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 49ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009
- GALLANT, Karen. 2017. Serious leisure: Past, present and possibilities. In: SPRACKLEN, K. et al (Eds.). *The Palgrave Handbook of Leisure Theory*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p.437-452.
- GARCÍA-GUADILLA, Carmen. Heterogeneidade y concentración em las dinámicas geopolíticas del conocimiento académico. Reflexiones y preguntas para el caso de América Latina. In: MOLLIS, M.; NÚÑEZ, J.J.; GARCÍA GUADILLA, C. *Políticas de posgrado y conocimiento público em América Latina y el Caribe: desafíos y perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, p.135-164, 2010.
- GAZZOLA, Ana Lucia. *Cooperación universitaria: internacionalización solidaria. Educación Superior y Sociedad/ Nueva Época*. Año 13, n.1, fev., p.125-136, 2008. Disponível em: <<http://www.iesalc.unesco.org.ve>>. Acessado em: 26 dez. 2022.

GLOVER, David. *What is Entertainment?* TENews, Oct. 3, 2011. Disponível em: <<https://ten21stcentury.wordpress.com/2011/10/03/what-is-entertainment/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

Global System for Mobile Communications Association - GSMA. Economia móvel na América Latina 2019. Disponível em: <https://www.gsma.com/latinamerica/pt-br/resources/economia-movel-na-america-latina-2019/>. Acessado em: 10 jan. 2023

GOMES, Christianne L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. In: *Revista Licere*. Belo Horizonte, V.14, N.3, p.1-25, set./2011. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762>> Acessado em: 15 mai. 2023.

GOMES, Christianne L. et al. (Orgs.). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOMES, Christianne L. Lazer – Concepções. In: _____. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 133-141.

GOMES, Christianne L. *Lazer e trabalho*. Brasília: SESI DN, 2005.

GOMES, Christianne L. *Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne L. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, V.1, N.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acessado em: 15 mai. 2023.

GOMES, Christianne L. Ocio, recreación e interculturalidad desde el “Sur” del mundo: desafíos actuales. In: *Revista Polis*, V. 9, N.26. Santiago: Universidad Bolivariana, p.199-217, 2010. Disponível em <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682010000200010 > Acessado em: 10 abr. 2023.

GOMES, Christianne L. Pesquisa e pós-graduação no contexto latino-americano: um panorama. In: ISAYAMA, Hélder F.; MELO, Victor A. (Orgs.). *Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2020. p.39-58.

GOMES, Christianne L. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2003. (Tese, Doutorado em Educação)

GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. *Horizontes latino-americanos do lazer/Horizontes latinoamericanos del ocio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Christianne L.; MELO, Victor A. *Lazer no Brasil: Trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa*. Movimento (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 9, p.23-44, 2003.

GRANDE LAROUSSE ENCICLOPÉDIQUE [1751]. *Loisir*. Paris: Librairie Larousse, 1962.

HAN, Byung-Chul. *Bom entretenimento: uma desconstrução da história da paixão ocidental*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HIBBINS, Raymond. Research on graduate student in leisure studies/management. In: ISAYAMA, Hélder F.; MELO, Victor A. (Orgs.). *Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2020. p.9-37.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. Pesquisa Nacional por amostra de domicílios. PNAD TIC, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acessado em: 10 jan. 2023.

ISAYAMA, Hélder F. Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: a perspectiva da animação cultural. *Revista Motriz*. Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 407-413, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2577/2383>. Acessado em: 17 mai. 2023.

KITCHIN, Rob. Making sense of smart cities: addressing present shortcomings. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*. Oxford University Press, V.8, N.1, p.131-136, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/5UUWe4>. Acessado em: 10 jan. 2023.

LAFARGUE, P. *O direito à preguiça* [1883]. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1999.

LANFANT, M.F. *Les théories du loisir*. Paris: PUF, 1972.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MACHADO, José P. Lazer. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência Ltda., 1969. v. II.

MAGNANI, José G. C. O direito social ao lazer na cidade do nosso tempo. In: GOMES, Christianne L.; ISAYAMA, Hélder F. (Org.). *Lazer como direito social*. Campinas: Autores Associados, 2015.

MALDONALDO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007.

MARCELLINO, Nelson C. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson C. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.) *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus, 1983.

MARTINS, José Clerton; CUENCA CABEZA, Manuel. *Ócio para viver no século XXI*. Fortaleza: As Musas, 2008.

MAURÍCIO, Joise S. de S.; EUGÊNIO, Jordânia de O.; PAULA, Juliana de; SOARES, Khellen C. P. C.; NUNES, Raquel R. Lazer e a Opção Decolonial. *Revista Licere*. Belo Horizonte, v.24, n.1, mar/2021. p.695-725.

MAX-NEEF, Manfred et al. Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro. *Revista Development Dialogue*. Santiago, Chile/Uppsala, Suécia: CEPAUR/Dag Hammarskjöld Foundation, 1986.

MEDEIROS, Ethel B. *Lazer: Necessidade ou novidade?* Rio de Janeiro: SESC, 1975.

- MELO, Victor A. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis: um enfoque na questão da formação. In: WERNECK, Christianne Luce G.; ISAYAMA, Hélder F. *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- MELO, Victor A., ALVES JÚNIOR, Edmundo D. *Introdução ao lazer*. São Paulo: Manole, 2003.
- MIGNOLO, W. "La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad". In: Lander, E. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.
- MIGNOLO, Walter D. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre (de) colonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. *Revista de Filosofía*, v. 74, p. 7-23, 2013.
- MOLLIS, M. Imágenes de posgrados: entre la academia, el mercado y la integración regional. In: MOLLIS, M.; NÚÑEZ, J.J.; GARCÍA GUADILLA, C. *Políticas de posgrado y conocimiento público em América Latina y el Caribe: desafíos y perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, 2010. p.13-56.
- MONDO, Tiago S.; SOUZA-NETO, Valério; PINTO, Mateus J.A.; SANTOS-SILVA, Letícia. Os podcasts e a divulgação científica no Turismo: aproximando academia e mercado. In: GOMES, Christianne L.; PERINOTTO, André R.C. (Orgs.). *Lazer, turismo e audiovisual: tópicos contemporâneos*. São Paulo: Mercado de Letras, 2022. p.197-223.
- MUNNÉ, Frederic; CODINA, Núria. Ocio y tiempo libre: Consideraciones desde una perspectiva psicosocial. *Licere*. Belo Horizonte, v.5, n.1. p.59-72, set. 2002.
- MUNNÉ, Frederic. *Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico*. México: Trillas, 1980.
- NOYA, L. *El derecho a la recreación/ocio en las políticas públicas de las capitales de los países andinos: Posibilidades y limitaciones para su concreción*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2017. (Dissertação, Mestrado em Estudos do Lazer)
- NUNES, Raquel R. *Lazer, resistência e cultura no contexto urbano: dos tambores e ritmos africanos ao festejo do tambor mineiro*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. (Dissertação, Mestrado em Estudos do Lazer)
- NÚÑEZ, Jover J. Las políticas de posgrado, sus fundamentos conceptuales y la larga batalla contra el subdesarrollo. In: MOLLIS, M.; NÚÑEZ, J.J.; GARCÍA GUADILLA, C. *Políticas de posgrado y conocimiento público em América Latina y el Caribe: desafíos y perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, 2010. p.57-134.
- OSORIO, Esperanza. La recreación en Colombia: Un campo en construcción. In: GOMES, Christianne et al. (Orgs.). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.217-389, 2009.
- PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PINA, Luiz W. Referências conceituais do lazer, da recreação e do entretenimento. In: RODRIGUES, Rosângela M.A.; PINA, Luiz W.; POLI, Karina L.C. (Orgs.). *Gestão do lazer e do entretenimento*. Rio de Janeiro: Brasport, 2016. p.7-27.
- PINTO, Leila M. S. M. Conceitos, sentidos e significados de lazer conviventes em nossa sociedade. In: ZINGONI, Patricia (Org.) *Lazer em vilas do Programa judicial para remoção e reassentamento humanizado de famílias do anel rodoviário e BR-381 em Belo Horizonte/Minas Gerais*. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2018. p.19-31.

- PINTO, Leila M.S.M. Lazer, concepções e significados. *Revista Licere*. Belo Horizonte, V.1, N.1, p.18-27, 1998.
- PINTO, Leila M.S.M. *Sentidos de significados de lazer na atualidade: estudo com jovens belo-horizontinos*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. (Tese, Doutorado em Educação).
- PNUD – Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. Informe Regional sobre Desarrollo Humano para América Latina y Caribe: Progreso Multidimensional – Bienestar mas allá del Ingreso. Panamá: PNUD, 2016.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del Poder y Clasificación Social”. *Journal of World-Systems Research*, v. 11, n.o 2, p. 342-386, 2000.
- REIS, L.; CAVICHIOLLI, F. R.; STAREPRAVO, F. A. A ocorrência histórica do lazer: reflexões a partir da perspectiva configuracional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 63-78, mai. 2009.
- REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- RIED, A.; LEIVA, R.; ELIZALDE, R. La recreación en Chile: Una mirada desde la actualidad y la precariedad. In: GOMES, Christianne et al. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.181-216, 2009.
- ROJEK, Chris; SHAW, Susan; VEAL, Antony. *A handbook of Leisure Studies*. London: Palgrave Macmillan, 2006.
- SANT’ANNA, Denise B. *O prazer justificado; História e lazer – (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1994.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.63, p.237-280, out. 2002.
- SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SCHWARTZ, Gisele. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Revista Licere*. Belo Horizonte, V.6, N.2, p.23-31, 2003.
- SHOHAT, E., STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SPRACKLEN, K. et al (Eds.). *The Palgrave Handbook of Leisure Theory*. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- STEBBINS, Robert A. *Serious Leisure: a perspective for our time*. New Jersey: Transaction, 2008.

- SUÁREZ, S. Una aproximación de la representación social de la recreación en Argentina: Aportes para resignificar el concepto. In: GOMES, Christianne et al. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.41-65, 2009.
- SUE, Roger. *El ocio*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- SUSSEKIND, Arnaldo, MARINHO, Inezil P., GÓES, Oswaldo. *Manual de Recreação (Orientação dos lazeres do trabalhador)*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.
- SUSSEKIND, Arnaldo. *Recreação operária*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.
- SUSSEKIND, Arnaldo. *Trabalho e Recreação*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.
- TABARES-FERNÁNDEZ, Fernando; MOLINA-BEDOYA, Víctor. Prefácio. In: GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. *Horizontes latino-americanos do lazer/Horizontes latinoamericanos del ocio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.9-25.
- TAMBELLI, C.N. Smart Cities: uma breve investigação crítica sobre os limites de uma narrativa contemporânea sobre cidades e tecnologia. *Cidades e Tecnologia: 2º Grupo de Pesquisa do ITS Rio*, 2018. Disponível em: https://itsrio.org/wp-content/uploads/2018/03/clarice_tambelli_smartcity.pdf. Acessado em: 10 jan. 2023.
- TELLES, Vera. *Direitos Sociais: afinal, do que se trata?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- TEODORO, Ana Paula E.G. et al. A Dimensão Tempo na Gestão das Experiências de Lazer em Período de Pandemia da Covid-19 no Brasil. *Revista Licere*. Belo Horizonte, V.23, N.3, p.126-162, 2020.
- THOMPSON, Edward P. Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- TORRINHA, Francisco. Licet, licére, licuit ou licitum. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos Ltda., 1937.
- TRIGO, Luiz G.G. *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- ULLRICH, D., CARRION, R. Gestão da cooperação internacional para o desenvolvimento sul-sul à luz dos postulados e princípios da gestão social. *Caderno CRH*. Salvador, v.28, n.75, p.657-669, Set./Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v28n75/0103-4979-ccrh-28-75-0657.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- VIANA, Iara F. P. *Trajatórias socioespaciais, narrativas cinematográficas e lazer de cineastas negras: intersecções entre racismo e sexismo*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. (Tese, Doutorado em Estudos do Lazer).
- VROOM, Govert; BOQUET, Isaac S. *Spotify: face the music (update 2019)*. Barcelona: IESE Business School, 2019.
- WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG/CELAR, 2000.
- WERNECK, Christianne Luce Gomes. Trajetória do primeiro centro de estudos de Lazer no Brasil (1973-1978): conversando com Andréa Bonow. *Revista Licere*. Belo Horizonte, v.5, n.1, p.127-133, 2002.



CHRISTIANNE LUCE GOMES: é doutora em Educação (2003, UFMG), com pós-doutorado em Ciências Políticas e Sociais (2012, Universidade Nacional de Cuyo, Argentina) e Estágio sênior na Universidade de Barcelona, onde também realizou Pós-doutorado em Geografia e Turismo, em 2023.

É professora Titular da UFMG, onde leciona desde 1996 nos cursos de graduação em Educação Física, em Turismo e em Terapia Ocupacional.

É professora do Mestrado e do Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer, tendo participado da coordenação deste programa em diferentes oportunidades (2006-2009, 2011-2013 e 2019-2021).

É Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na área do Turismo desde 2013 e da Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) desde 2008. Líder do Grupo de Pesquisa Luce – Ludicidade, Cultura e Educação (UFMG/CNPq).

É Editora geral da Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL) desde 2013 e autora de inúmeros artigos e livros sobre a temática do Lazer.

FRUI VITA

A alquimia do Lazer

www.atenaeditora.com.br 


contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FRUI VITA

A alquimia do Lazer

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 